



**Universidade de
Aveiro
2015**

Departamento de Educação

**Carla Alexandra
Matos Aguiar**

**Comportamentos e ideias de crianças do 1.º
CEB sobre o bullying**



**Universidade de
Aveiro
2015**

Departamento de Educação

**Carla Alexandra Matos Aguiar Comportamentos e ideias de crianças do
1º CEB sobre o bullying**

Relatório de estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Muitos foram aqueles que estiveram sempre presentes ao longo deste percurso e que me ajudaram a concretizar este trabalho através da sua colaboração. Deixo a todos o meu sincero agradecimento.

Estou grata à Professora Doutora Gabriela Portugal pela forma tranquila como me acompanhou desde o início deste percurso.

Agradeço aos meus professores, pelos ensinamentos, pelos conhecimentos.

Obrigada aos alunos da turma do 3º ano e à professora Anabela Pereira, sem eles não teria sido possível realizar este trabalho.

À minha família pelo apoio que sempre me deram. Em particular ao meu marido que me acompanhou neste percurso e me ajudou a seguir em frente.

o júri

presidente

Prof. Doutora Marlene da Rocha Miguéis
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Maria Pacheco Figueiredo
Professora Adjunta do Instituto Politécnico de Viseu (arguente)

Prof. Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal
Professora Associada da Universidade de Aveiro (orientadora).

palavras-chave

Bullying, prevenção, escola do 1.º CEB, desenvolvimento da empatia, educação para a cidadania.

resumo

Este relatório de estágio reporta-se ao trabalho desenvolvido no âmbito da prática pedagógica supervisionada e seminário de investigação educacional, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, junto de uma turma do 3.º ano de escolaridade, num agrupamento de escolas da região de Aveiro. O relatório tem subjacente o estudo da problemática do bullying em contexto escolar, enquadrando-se a nossa abordagem numa dimensão curricular de natureza mais ampla, a educação para a cidadania. O bullying nas escolas não é um fenómeno novo. É um fenómeno universal que afeta gravemente o bem-estar, a saúde e a personalidade de crianças e jovens. A realização de estudos em torno desta temática é importante, na medida em que permite a sua melhor compreensão e, consequentemente, melhor fundamentar possíveis intervenções. Nesta linha de pensamento, procurámos conhecer as ideias e os comportamentos das crianças da turma em situações de conflito, através da observação e de entrevista, e desenvolvemos iniciativas em sala de aula, que ajudassem à tomada de consideração da perspetiva do outro através da dinamização de trabalhos de grupo, procurando a integração de todas as crianças da turma e a prevenção do bullying. A partir desta nossa experiência concluímos ser indispensável que na escola se trabalhe comportamentos pró-sociais, a empatia e a cooperação em sala de aula.

keywords

Bullying prevention , school of the 1st CEB , development of empathy , education for citizenship

abstract

This internship report refers to the work performed in the context of supervised teaching practice and educational research seminar under the Master in Preschool Education and Teaching of the 1st CEB, with a 3rd grade class of the Aveiro's region grouping of schools. This report focuses on the studying of bullying within scholar environments, fitting up our approach on a broad curricular dimension nature, the education for citizenship. Bullying in schools is not a new phenomenon. Its nature is universal and it seriously affects the well-being, health and personality of both children and teenagers. Bullying studies are essential as they provide better understanding of this problem and as a consequence, better grounds for eventual future interventions. In line with this, we tried to understand thoughts and behaviors of children in class when facing conflict situations, through both observation and interview. We also promoted teamwork situations in the classroom, oriented to help each child taking another's perspective, and trying to integrate all children in class and also prevent bullying. It is essential that the school promotes prosocial behavior, empathy and cooperation in the classroom.

Índice

Introdução	11
I – Enquadramento teórico	13
1 - Violência escolar e bullying	13
Definição de bullying	19
Bullying direto e indireto	21
Cyberbullying	24
2 - Efeitos e atores do bullying	28
Os efeitos do bullying	28
A vítima de bullying	30
O agressor	34
As testemunhas	35
3 - Prevenção e intervenção	36
II – Trabalho empírico	44
Caraterização da turma onde foi realizada a intervenção	44
Opção metodológica – pesquisa-intervenção	46
Guião da entrevista	48
Análise das entrevistas	48
A dinamização de atividades de grupo como estratégia de integração e de prevenção do bullying	64
III – Conclusões e considerações finais	66
Bibliografia	74
Anexos	81
Anexo 1 - Imagens referentes ao guião de entrevista	82
Anexo 2 – Transcrição de entrevistas	84

Índice de quadros

Quadro 1 – Conflito normal vs bullying Fonte: Olmo, H. R., Barbosa, P. M. (2007:59) ...	18
Quadro 2 Os diferentes tipos de bullying. Fonte: Sá, J. (2012: 62)	23
Quadro 3 Atributos do cyberbullying. Fonte: Ventura e Fante (2013: 65)	25
Quadro 4 Características que distinguem o bullying tradicional do cyberbullying. Fonte: Sá, J. (2012: 77).....	27
Quadro 5 Efeitos do bullying. Fonte: Ventura e Fante (2013: 31).....	29
Quadro 6 Características previsíveis de vitimização através de bullying.. Fonte: Ventura e Fante (2013: 29)	31
Quadro 7 Medidas do Programa de Intervenção. Olweus (1993: 64)	38

Índice de esquemas

Esquema 1 Modelo ecológico para compreender a violência - Fonte: OMS (2002: 9)	14
Esquema 2 Conceito de violência escolar Fonte: Pereira, A. e Williams, L. (2010: 5)	16
Esquema 3 Modelo de análise de situações de violência na escola Fonte: Sebastião, J. (2009: 45)	16
Esquema 4 Os três componentes inerentes aos comportamentos de bullying. Fonte: Sá, J. (2012: 46)	21

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Se um amigo não quer brincar contigo, o que é que tu fazes?	49
Gráfico 2 – Imaginas que está a jogar um jogo com um amigo, ele não está a cumprir as regras, o que é que tu fazes?	50
Gráfico 3 – Imagina que um menino se mete contigo, o que é que tu fazes?	51
Gráfico 4 – Numa situação em que estás a jogar com um amigo e tu gostarias de mudar de jogo, mas o teu amigo não, o que é que tu fazes?	53
Gráfico 5 – Se tu estás a ver dois colegas a discutirem, o que é que tu fazes?	54
Gráfico 6 – Se alguém te tira o teu brinquedo, como é que te sentes?	55
Gráfico 7 – Se alguém elogia o que tu fizeste, como é que te sentes?	57
Gráfico 8 – Se alguém gozar contigo, o que é que tu fazes?	57
Gráfico 9.1 – O João tem um implante na perna e precisa de muletas para andar. O Ricardo tirou-lhe uma muleta, como é que achas que o João se sente?	58
Gráfico 9.2 - O João tem um implante na perna e precisa de muletas para andar. O Ricardo tirou-lhe uma muleta, o que é que farias?	59
Gráfico 10 – Como é que te relacionas com os colegas da turma onde estás inserido?	60
Gráfico 11 – Já algum colega da turma te fez alguma coisa que não tenhas gostado? O que é que te fez?	62
Gráfico 12.1 – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?	62
Gráfico 12.2 -Porque é que achas que isso acontece?	62

“O estudo da violência bullying na escola tem por objetivo, por um lado, o diagnóstico e compreensão do problema e, por outro lado, a procura de soluções concertadas da comunidade educativa, visando a prevenção e redução da violência.”
Beatriz Pereira (2001:18)

Introdução

O presente relatório de estágio reporta-se ao trabalho desenvolvido no âmbito da prática pedagógica supervisionada e seminário de investigação educacional, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, junto de uma turma do 3º ano de escolaridade, num agrupamento de escolas da região de Aveiro. O relatório tem subjacente o estudo da problemática do bullying em contexto escolar, enquadrando-se a nossa abordagem numa dimensão curricular de natureza mais ampla, a educação para a cidadania.

A educação para a cidadania é apresentada no Decreto-Lei nº 6/2001 como uma componente do currículo de natureza transversal, integrada em todas as ações e em todos os momentos, indissociável dos seis pilares da educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver consigo próprio, aprender a viver com os outros e aprender a viver com o (no) ambiente, aprender a ser) que devem constituir, segundo Jardim (2010, p.73), o rumo do trabalho do professor e dos adultos que se relacionam com a criança no dia-a-dia.

Na sociedade e nas escolas parecem estar a aumentar as desigualdades, intolerâncias e fenómenos de violência. Assim, a educação para a cidadania aparece nas escolas como uma necessidade para ir além das meras aprendizagens de conteúdos e competências relacionadas com aprender a conhecer e aprender a fazer. Pereira (2005, p. 4) reflete “a escola educa para valores democráticos? Num passado recente, a escola era marcada pela imposição de normas e pela obrigatoriedade do seu cumprimento sem discussão. A escola está a democratizar-se e assim a transformar-se numa nova escola, sendo estabelecidos contratos entre as crianças e os docentes, com negociação das regras. As crianças e os jovens cada vez mais são chamados a refletir sobre o funcionamento da escola.” Na recomendação nº1/2012 sobre educação para a cidadania do Conselho Nacional de Educação (2012: 2822), é reforçada a ideia de que “construir uma escola com qualidade científica e pedagógica, sem subordinar o conhecimento a lógicas meramente instrumentais ou adaptativas, é também promover a escola democrática e a cidadania, uma vez que as desigualdades e as exclusões - que resultam

frequentemente do desrespeito pelos direitos humanos, do abandono, do insucesso e da mera gestão conjuntural das diferenças (de classe, género, raça, etnia, religião...), podem ser evitadas ou atenuadas quando é contrariada a função de reprodução social e cultural da escola e se promove o acesso e sucesso (emancipatório) de todas e todos ao conhecimento e à aprendizagem. Dito de outro modo, a qualidade científica, a qualidade pedagógica e a qualidade democrática não são, nem devem ser, separáveis”.

A educação e formação pessoal e social nas escolas revela-se crucial, uma vez que se pretende que cada criança aprenda a viver com os outros, aprenda a viver com o ambiente, aprenda a viver consigo própria e aprenda a ser. Dos vários temas transversais a enquadrar no âmbito da educação para a cidadania destacamos a educação para os direitos humanos e para a paz (Recomendação sobre Educação para a Cidadania – recomendação nº 1/2012: 2823). Neste campo, a escola desempenha um papel fundamental, pois pode ensinar as crianças e jovens a reconhecer e respeitar as diferenças, a partilhar e a conviver de forma positiva, prevenindo, os fenómenos de bullying que tanto preocupam os pais, os professores, as crianças e jovens, e a sociedade em geral.

O bullying nas escolas não é um fenómeno novo. É um fenómeno universal que afeta gravemente o bem-estar, a saúde e a personalidade de crianças e jovens em qualquer parte do mundo. A realização de estudos em torno desta temática é importante, na medida em que permite a sua melhor compreensão e, conseqüentemente, fundamentar possíveis intervenções, atendendo a diferentes dimensões do problema. Para prevenir a violência interpessoal não parece ser suficiente agir sobre o problema identificado isoladamente, é necessário atuar em diferentes níveis (individual, relacional, comunitário e social). Segundo Beane (1999) numa lógica de prevenção do bullying é importante promover o trabalho em equipa e ensinar competências de assertividade, de resolução de conflitos e de mediação.

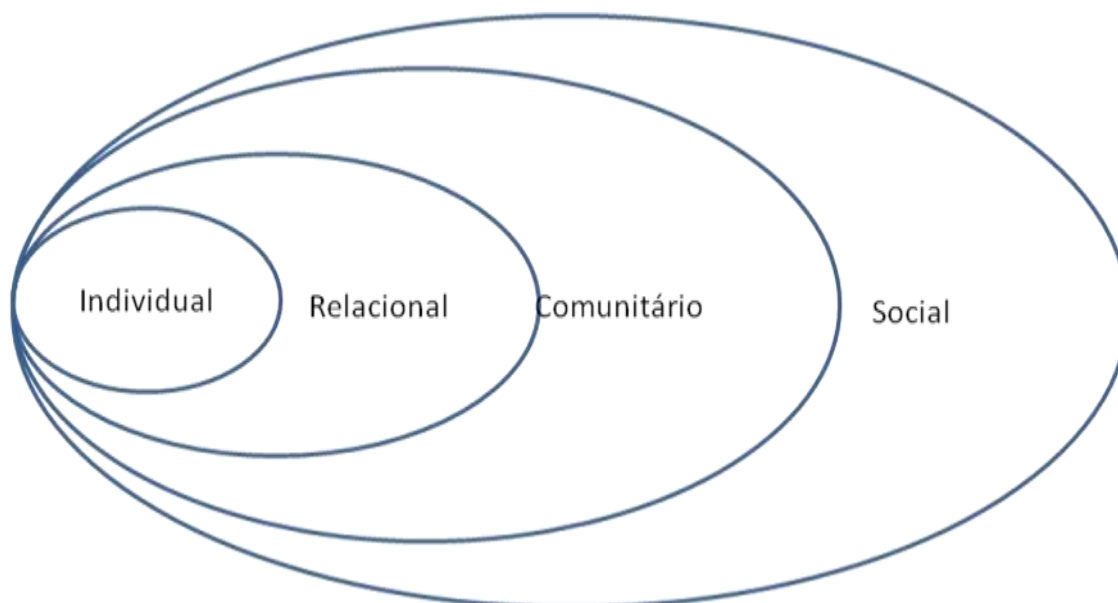
Sendo estas as principais linhas de pensamento do meu trabalho, neste relatório apresentamos numa primeira parte um enquadramento teórico sobre a temática do bullying e, numa segunda parte, de cariz mais empírico, caracterizamos o nosso contexto

de estágio, salientando as ideias e os comportamentos das crianças da turma em situações de conflito e apresentamos uma reflexão em torno de iniciativas efetuadas junto das crianças com vista à prevenção do bullying, focalizadas no trabalho de grupo. Finalmente, apresento as principais conclusões e as minhas reflexões.

I – Enquadramento teórico

1 - Violência escolar e bullying

A Organização Mundial de Saúde apresenta um modelo ecológico que ajuda a compreender o conceito de violência. Assim, são considerados 4 níveis, a saber: individual, relacional, comunitário e social. Começando pelo 1º nível, o individual, aqui são consideradas as características biológicas e demográficas (idade, género, nível educacional, nível salarial), entres outros fatores, como por exemplo, o abuso de substâncias ilícitas ou mesmo a história de comportamento agressivo e de experiência de abuso. No que se refere ao 2º nível, o relacional, este tem a ver com as relações sociais mais próximas e/ou íntimas; no sentido em que, o risco de vir a ser uma vítima ou um perpetrador de violência está relacionado com o tipo de relações sociais que se estabeleceram no seio da família, com os amigos, ou os pares. Já o 3º nível, o comunitário, refere-se às características de contextos como a escola, o local de trabalho, o tipo de bairro onde se reside, o contexto de convívio informal. O último nível, o social, diz respeito a fatores como: normas culturais e sociais, políticas económicas, educacionais e sociais (esquema 1).



Esquema 1 Modelo ecológico para compreender a violência - Fonte: OMS (2002: 9)

A violência escolar incorpora tanto a perspectiva mais explícita da violência, como agressão entre indivíduos, quanto a violência simbólica que ocorre por meio das regras, normas e hábitos culturais de uma sociedade desigual. Quando se descreve algo como o termo violência escolar é importante indicar o local de ocorrência das situações de violência, quem são os envolvidos, se estes são autores, vítimas e/ou testemunhas de violência, a tipologia das ações de violência e se os episódios violentos possuem alguma especificidade, como o bullying e o cyberbullying.

Começando pelo aspeto da localização geográfica importa esclarecer que se considera que a violência escolar é aquela que ocorre dentro do espaço físico da escola; no entanto, ela pode ocorrer em diversos espaços, de entre eles podemos destacar os seguintes:

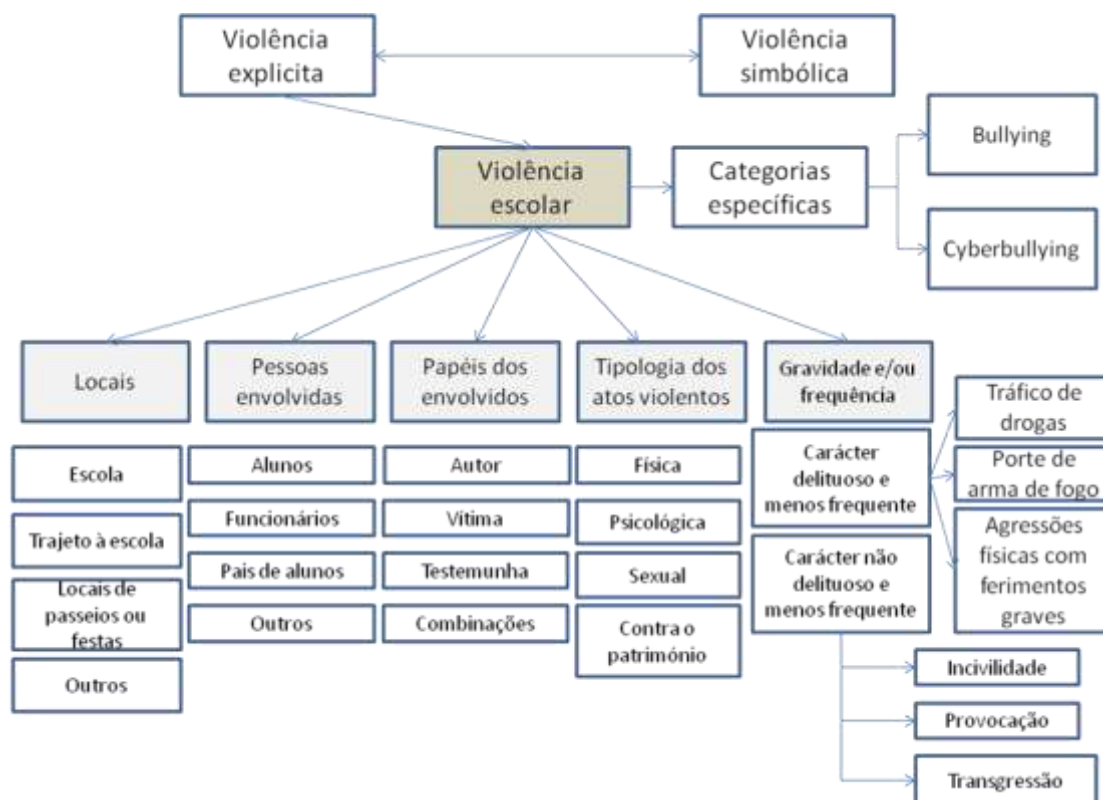
- Locais visitados pelos alunos;
- Trajeto casa-escola;
- Outros espaços onde os atores de violência se encontrem (os conflitos surgiram dentro da escola mas são “transportados” para outros locais);
- Residência do aluno ou local de habitação;

- Espaço virtual (no caso de mensagens por internet ou telemóvel).

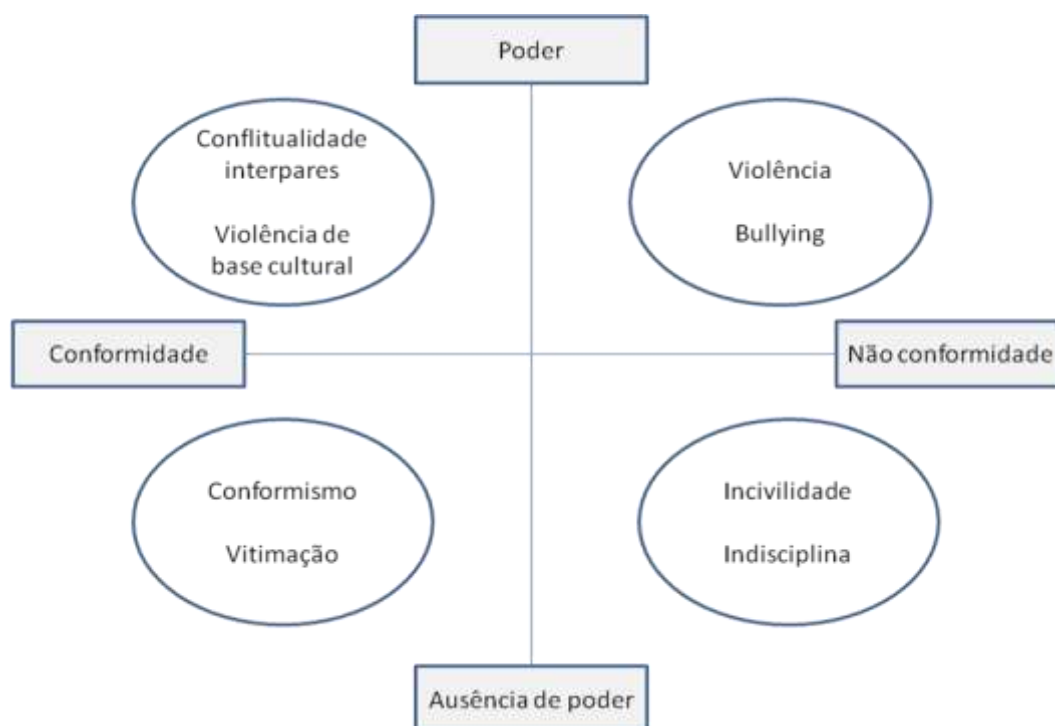
Relativamente aos atores envolvidos na violência importa ressaltar que tanto alunos como professores ou indivíduos relacionados com a escola ou mesmo indivíduos que nada tenham a ver com a escola (por exemplo, quando a escola é assaltada) são quem se pode envolver em violência.

Quanto aos diferentes papéis que os envolvidos no fenómeno da violência escolar podem assumir destaca-se o de autores dos comportamentos violentos, o de alvos de tais comportamentos e o de testemunhas de tais atos. Ainda assim, um mesmo indivíduo no contexto da violência escolar ora pode ser autor, ora vítima e ora testemunha. Por outro lado é importante assinalar que pessoas de etnia negra, pessoas com menor status socioeconómico e homossexuais são grupos mais afetados pela violência e violência escolar em particular.

Uma outra questão se coloca quanto à gravidade dos atos ocorridos na violência escolar; neste sentido, transgressão, incivilidade, indisciplina e provocação devem ser incluídas na definição de violência escolar. Entenda-se transgressão por comportamentos que não se enquadram nas regras de escola (exemplos: absentismo e não realização de trabalhos de casa). Incivilidade refere-se ao comportamento que “não contradiz nem a lei, nem o regulamento interno do estabelecimento, mas as regras de boa convivência: desordens, empurrões, grosserias (...)” (Charlot, 2002, p. 437). A provocação é um ato entre a agressividade e a brincadeira, em que quem provoca procurar causar tensão na vítima (sentimento de ansiedade, frustração, raiva, vergonha, humilhação, etc.) – consultar esquemas 2 e 3, o primeiro referente a um esquema sobre o conceito de violência escolar e o segundo reporta-se a um modelo de análise de situações de violência na escola.



Esquema 2 Conceito de violência escolar Fonte: Pereira, A. e Williams, L. (2010: 5)



Esquema 3 Modelo de análise de situações de violência na escola Fonte: Sebastião, J. (2009: 45)

Costa e Vale (1999: 10) referem “na área do que é globalmente considerado violência no contexto escolar encontramos vários estudos e modelos explicativos que tomam como ponto de partida diferentes objetos de análise, que surgem sob designações de vandalismo, bullying, agressividade, perturbações do comportamento (“conduct disorders”), passagens ao ato (“action out”), comportamento de oposição (“oppositional behavior”), perturbação da atenção com hiperatividade (“attention deficit disorder with hyperactivity” ou ADD-H), “comportamento delinquente”, déficit de competências ou fatores desenvolvimentais”. As situações de bullying devem distinguir-se das situações vulgarmente associadas a aspetos ligados à indisciplina ou a conflitos normais, tal como se explicita no seguinte quadro:

Conflito normal	Bullying
- Os intervenientes explicam porque não estão de acordo, manifestando as suas razões.	- Intenção de fazer mal e falta de compaixão. O agressor encontra prazer em insultar, maltratar e dominar a sua vítima constantemente.
- A disputa é momentânea, não perdura no tempo.	- Intensidade e duração. A agressão não é pontual, prolonga-se por um longo período de tempo, até afetar gravemente a auto-estima do agredido.
-Desculpam-se e procuram soluções equilibradas, acordam um “empate”.	- A vulnerabilidade da vítima. É mais sensível a provocações do que os restantes colegas, não sabe defender-se adequadamente e tem caraterísticas físicas e psicológicas que a predispõem à vitimação.

-Negoceiam para satisfazer as suas próprias necessidades.	- Falta de apoio. A criança sente-se só, abandonada e tem medo de contar o seu problema, pois teme represálias.
- São capazes de ultrapassar a questão e esquecer o assunto.	

Quadro 1 – Conflito normal vs bullying Fonte: Olmo, H. R., Barbosa, P. M. (2007:59)

O bullying em contexto escolar tem vindo a surgir como temática de crescente interesse e enquanto tema de pesquisa tem suscitado o interesse de vários investigadores. O norueguês Dan Olweus, quando lançou o primeiro livro sobre o bullying, em 1973, foi pioneiro na medida em que lançou o conceito de bullying e por outro lado levantou várias questões relacionadas com este fenómeno.

Em Portugal um primeiro estudo sobre a temática do bullying, foi iniciado em 1993, na Universidade do Minho, por Beatriz Pereira, Ana Almeida e Lucília Valente do Instituto de Estudos da Criança.

Os protagonistas do bullying são cada vez mais novos, não se tratando de “jovens adultos” mas sim de crianças. A realidade mostra que o fenómeno do bullying se desenvolve desde tenra idade, sendo a escola primária palco destas práticas, conforme demonstram as investigações realizadas por Beatriz Pereira e sua equipa (Pereira, 1997; Pereira et al., 2005). Os efeitos psicológicos do bullying podem deixar grandes marcas; as crianças e os jovens que estiveram envolvidos no fenómeno do bullying podem transportar até à vida adulta os efeitos do fenómeno em causa. Segundo Fante e Ventura “o bullying é um fenómeno de grande relevância que ameaça o desenvolvimento saudável da infância e da juventude em todo o mundo” (2013: 15). Ainda segundo Fante e Ventura importa realçar que “os processos intimidatórios, inerentes ao bullying, podem afetar gravemente o bem-estar e a personalidade das crianças agressoras, agredidas e espetadoras” (2013: 15).

Definição de bullying

Olweus (1993: 9) refere que: “a student is being bullied or victimized when he or she is exposed repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more students”. Para Olweus, este tipo de comportamento caracteriza-se por um exercício de “poder” abusivo de um aluno sobre outro, submetendo-o a práticas não consentidas e que a vítima não consegue impedir. Segundo Olweus, citado por Freire (2001: 52-53), falamos de ações negativas “quando alguém intencionalmente inflige ou tenta infligir injúrias ou desconforto sobre o outro – basicamente o que está implícito na definição de comportamento agressivo”.

O termo bullying, de origem inglesa, como explica Martins (2005:401) tem sido usado comumente, para “designar determinadas condutas de agressão/vitimização que ocorrem entre pares, em que o abuso de alguém mais forte para com alguém mais fraco, ou o abuso de um grupo sobre uma vítima indefesa parece ser a característica mais saliente”.

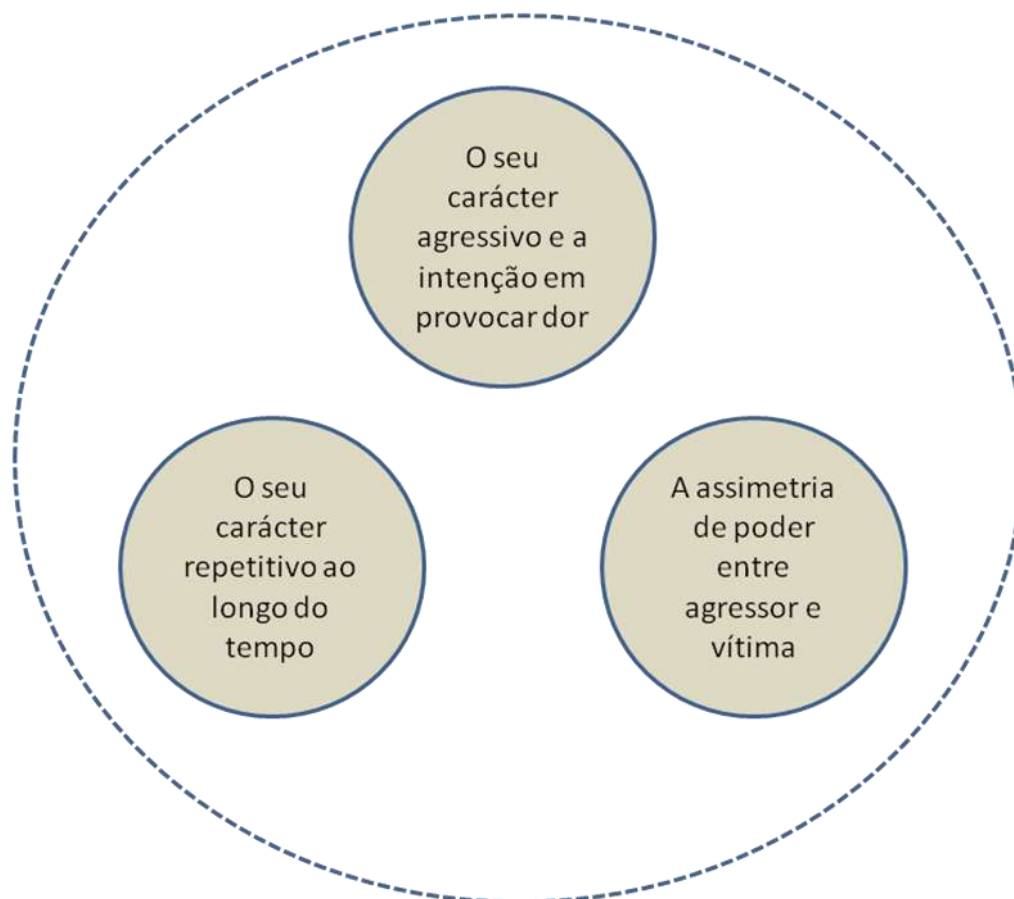
Smith et al. (1999:1) define o bullying assim: “Bullying is a subcategory of aggressive behaviour, since it is directed, often repeatedly, towards a particular victim who is unable to defend himself or herself effectively. The victimised child may be outnumbered, or younger, less strong, or simply less psychologically confident. The bullying child or children exploit this opportunity to inflict harm, gaining either psychological gratification, status in their peer group, or at times direct financial gain by taking Money or possessions”. Smith & Morita, citados por Martins (2005: 401) referem que o “bullying é uma subcategoria do comportamento agressivo; mas de um tipo particularmente pernicioso, uma vez que é dirigido, com frequência repetidas vezes, a uma vítima que se encontra incapaz de se defender a si própria eficazmente. A criança vitimada pode estar em desvantagem numérica, ou só entre muitos, ser mais nova, menos forte, ou simplesmente ser menos auto confiante. A criança ou crianças agressivas exploram esta oportunidade para infligir dano, obtendo quer gratificação psicológica, quer estatuto no seu grupo de pares ou, por vezes, obtendo mesmo ganhos financeiros

diretos extorquindo dinheiro ou objetos aos outros”. Neste sentido pode-se dizer que “o bullying é um comportamento agressivo repetido que pode se revestir de várias formas e que ocorre no âmbito de um desequilíbrio de poder físico ou psicológico entre o agressor e a vítima.” (Ventura e Fante: 2013: 22).

“O bullying não se limita à agressividade física aberta, englobando na realidade um contínuo de comportamento agressivo onde são referidos comportamentos como: chamar nomes; dizer coisas, espalhar rumores ou enviar recados, desagradáveis ou insultuosos; fechar numa sala; excluir ou isolar socialmente; agredir fisicamente; violentar sexualmente; danificar bens. O agredir, propriamente dito, surge paralelamente ao ameaçar, atormentar, incomodar ou perseguir, repetidamente de uma forma desagradável, ilustrando a diversidade de comportamentos envolvidos que se traduzem, em última análise, na ocorrência de agressão, real ou implícita” (Costa & Vale, 1998: 14).

Beane citando Ellen e outros. (Beane, 1999:13) descreve o bullying como a ação de “um ou mais indivíduos que infligem agressões físicas, verbais ou emocionais sobre outro – incluindo ameaças de danos físicos, posse de arma, extorsão, violação de direitos cívicos, insulto e agressão, atividade de bando, tentativa de assassinio e assassinio”.

Sá (2012: 46) sumariza os três componentes indispensáveis para se verificar uma condição de bullying: “desde logo, o caráter agressivo da ação e a intrínseca intenção em provocar dor no sujeito visado (a conduta visa provocar mal-estar e assumir controlo sobre o outro sujeito); em segundo lugar, o caráter repetitivo do ato, perdurando ao longo do tempo (a conduta não acontece de forma pontual ou isolada); e, finalmente, a manifesta desproporcionalidade de poder entre o agressor e a sua vítima (o agressor enfrenta a sua vítima como uma presa fácil).”



Esquema 4 Os três componentes inerentes aos comportamentos de bullying. Fonte: Sá, J. (2012: 46)

Bullying direto e indireto

O comportamento de bullying pode ser classificado como direto ou indireto, sendo que ambos os tipos são agressivos e prejudiciais à vítima. O bullying direto ocorre “face a face” e pode ser de dois tipos: físico ou verbal; no primeiro caso, de bullying direto físico este inclui bater, empurrar, arranhar, beliscar, estragar objetos, roubar objetos, extorquir dinheiro (ou ameaçar extorquir), forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar a vítima a realizar tarefas contra a sua vontade. O bullying direto verbal inclui os insultos, o chamar nomes, o gozar, o fazer comentários racistas, o emitir comentários que salientem qualquer defeito ou deficiência. “O bullying direto é a

forma mais comum entre os agressores (bullies) masculinos (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>).

O bullying indireto – relacional ocorre normalmente “por trás das costas”, não envolve uma confrontação direta entre os sujeitos e deste modo é mais difícil de reconhecer porque a vítima pode não se aperceber, por um lado da identidade do agressor e por outro de quando o comportamento de bullying começou (Seixas, 2006: 30) “A agressão social ou bullying indireto é a forma mais comum em bullies do sexo feminino e crianças pequenas, e é caracterizada por forçar a vítima ao isolamento social. Este isolamento é obtido por meio de uma vasta variedade de técnicas, que incluem:

- espalhar comentários;
- recusa em se socializar com a vítima;
- intimidar outras pessoas que desejam se socializar com a vítima;
- ridicularizar o modo de vestir ou outros aspectos socialmente significativos (incluindo a etnia da vítima, religião, incapacidades etc).” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>).

O bullying direto vai diminuindo à medida que as crianças vão amadurecendo e desenvolvendo as suas competências sociais e o indireto aumenta.

Bullying		Atos
Direto “...ataques abertamente confrontacionais” (Mynard & Joseph, 2000: 169)	Físico	Bater, socar, pontapear Empurrar, rasteirar Dar cotoveladas ou encontrões Beliscar, arranhar Puxar o cabelo Cuspir Agredir com recurso a objetos ou utilizar armas Forçar comportamentos sexuais Obrigar a vítima a realizar tarefas servis contra a sua

		vontade Roubar haveres Estragar ou destruir material Extorquir dinheiro Exibir linguagem corporal intimidante Enfiar a cabeça de alguém na sanita e despejar o autoclismo
	Verbal	Chamar nomes Insultar, amesquinhar Atribuir alcunhas desagradáveis Mentir ou tecer comentários com conteúdo ofensivo para a vítima ou sua família Gozar, troçar Ameaçar Provocar Fazer reparos racistas e/ou que salientam qualquer defeito ou deficiência
Indireto “...ataques manipulativos secretos” (Mynard & Joseph, 2000: 169)		Difundir comentários ou ameaças maliciosos sobre os atributos e/ou condutas de alguém com vista a destruir a sua reputação Excluir sistematicamente a vítima de grupos Ameaçar com frequência a perda de amizade Mentir ou difundir rumores Escritos/grafitis maledicentes registados em paredes Enviar sms/emails Partilhar imagens de telemóvel comprometedoras ou do visado em situações ridicularizadoras

Quadro 2 Os diferentes tipos de bullying. Fonte: Sá, J. (2012: 62)

Cyberbullying

“Hoje em dia, os jovens recorrem ao telemóvel e à internet (neste particular, com destaque para as redes sociais) como meios prediletos para comunicar” (Pereira & Silva, 2009: 566). É neste sentido que, o conceito de cyberbullying se refere à forma pela qual um indivíduo ou grupo de indivíduos busca causar dano a outro de modo repetitivo, com o uso de tecnologias eletrónicas, como telemóvel e computador (internet). O envio de mensagens por telemóvel, o envio de fotografias ofensivas, a colocação de fotografias na internet são alguns exemplos de ações dentro daquilo que se pode considerar cyberbullying. Ameaçar e chantagear através do correio eletrónico, dos sites ou dos chats foram outras possibilidades que se delinearam com o desenvolvimento e maior acesso às novas tecnologias da informação e comunicação (internet e telemóvel).

O anonimato é uma característica do cyberbullying; maus tratos, ameaças chantagens entre outras agressões podem acontecer neste contexto particular de forma anónima; além disso o bullying eletrónico conta com a singularidade de transcender as fronteiras do espaço pessoal, físico e temporal - “as intimidações podem ocorrer em todo o lado, a toda a hora, visto que o ciberespaço está em todo o lado em todo o momento” (Ventura, 2013: 64). O ciberespaço é um espaço mágico, um conjunto de redes de comunicações, que não se referem ao espaço físico real, mas a um espaço que transcende fronteiras. Nesse espaço, é possível desenvolver uma série de relacionamentos semelhantes aos do mundo real, mas com as especificidades do mundo virtual. No cyberbullying o agressor não tem contato direto com a vítima – bullying indireto e não presencial, e portanto não vê a dor e o sofrimento de quem está a ser agredido. O “cyberagressor” obtém satisfação na elaboração do ato violento, na imaginação do dano causado. No quadro que se segue estão sistematizados os atributos desta forma específica de bullying.

<ul style="list-style-type: none"> • O agressor pode ficar anónimo.
<ul style="list-style-type: none"> • O agressor pode fazer-se passar por outra pessoa.
<ul style="list-style-type: none"> • As intimidações podem ocorrer em todo o lado, a toda a hora, visto que o ciberespaço está em todo o lado em todo o momento.
<ul style="list-style-type: none"> • As intimidações podem assumir muitas formas no ambiente do ciberespaço.
<ul style="list-style-type: none"> • É ilimitada a capacidade para disseminação instantânea de palavras e imagens.

Quadro 3 Atributos do cyberbullying. Fonte: Ventura e Fante (2013: 65)

Amado menciona que “(...) este fenómeno apresenta algumas caraterísticas específicas que lhe conferem dimensões muito particulares” (Amado, 2010: 18).

Bullying	Cyberbullying
<ul style="list-style-type: none"> • Agressão de caráter repetitivo 	<ul style="list-style-type: none"> • Agressão de caráter repetitivo, embora muitas vezes perpetuada por terceiros
<ul style="list-style-type: none"> • Forma aberta de agressão 	<ul style="list-style-type: none"> • Forma encapotada de agressão
<ul style="list-style-type: none"> • Pode manifestar-se de forma direta (física/verbal) ou indireta 	<ul style="list-style-type: none"> • Mais associado ao bullying indireto
<ul style="list-style-type: none"> • Poder assimétrico que pode dever-se às características físicas/psicológicas ou às competências relacionais / comunicacionais que evidência 	<ul style="list-style-type: none"> • Poder assimétrico que pode dever-se à “invisibilidade” do agressor ou às suas elevadas competências no uso das tecnologias de informação e comunicação
<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre desde a infância 	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre com mais frequência a partir da adolescência
<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre com maior frequência dentro do espaço da escola 	<ul style="list-style-type: none"> • Ocorre com maior frequência fora do espaço da escola
<ul style="list-style-type: none"> • As agressões podem demorar algum tempo a serem do conhecimento de um grupo limitado de alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • As agressões propagam-se de forma muito rápida e são do conhecimento de um grupo vasto de alunos e de outros sujeitos
<ul style="list-style-type: none"> • As vítimas podem procurar ajuda junto de colegas ou de adultos 	<ul style="list-style-type: none"> • As vítimas não têm um local onde se possam refugiar
<ul style="list-style-type: none"> • As vítimas são atingidas em locais onde a presença / vigilância dos adultos não existe 	<ul style="list-style-type: none"> • As vítimas podem ser atingidas a qualquer altura e em qualquer lugar
<ul style="list-style-type: none"> • As vítimas não relatam as agressões de que estão a ser alvos; quando o fazem, partilham o sucedido com um colega e menos com os adultos (professores e pais) 	<ul style="list-style-type: none"> • As vítimas não relatam as agressões de que estão a ser alvos

<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades das vítimas em resolver a situação sem a ajuda de terceiros 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade das vítimas em resolver a situação sem a ajuda de terceiros
<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades dos adultos em detetar as agressões e em prestar apoio à vítima, sobretudo nos casos de bullying indireto 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades dos adultos em detetar as agressões e em prestar apoio à vítima
<ul style="list-style-type: none"> • Maior sensibilização e consciencialização por parte dos adultos 	<ul style="list-style-type: none"> • Menor sensibilização e consciencialização por parte dos adultos
<ul style="list-style-type: none"> • Pode envolver observadores, mas normalmente não em número muito elevado 	<ul style="list-style-type: none"> • Envolve um número de observadores consideravelmente elevado
<ul style="list-style-type: none"> • Os agressores atuam de forma calculista, evitando a visibilidade dos seus atos sobretudo em relação aos adultos – docentes e não docentes 	<ul style="list-style-type: none"> • Os agressores estão protegidos pelo anonimato, permitindo que não sejam identificados, punidos ou alvo de retaliações; maior desinibição por parte do agressor
<ul style="list-style-type: none"> • Os agressores assistem à reação da vítima in loco 	<ul style="list-style-type: none"> • Os agressores não assistem à reação da vítima, não avaliam assim as consequências dos seus atos
<ul style="list-style-type: none"> • Para além das marcas físicas, as consequências, de ordem psicológica podem não ser de imediato detetadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Evidências materiais das agressões podem ficar guardadas

Quadro 4 Caraterísticas que distinguem o bullying tradicional do cyberbullying. Fonte: Sá, J. (2012: 77)

2 - Efeitos e atores do bullying

Sendo vários os fatores associados aos comportamentos violentos (fatores individuais, relacionais, comunitários, sociais), importa perceber os seus efeitos e atores envolvidos.

Os efeitos do bullying

Como já foi referido anteriormente os efeitos do bullying são nefastos. “Recent studies of bullying in schools suggest that the problem is widespread and tends to be ignored by teachers... Research suggests that bullying not only causes considerable suffering to individual pupils but also has a damaging effect on school atmosphere” (Relatório Elton Report citado por Pereira, 1997: 22)

Alguns estudos evidenciam que as crianças vítimas de bullying tendem a ter uma fraca auto-estima, experimentam com mais frequência pouca aceitação, ativa rejeição, e são menos frequentemente escolhidas como os melhores amigos. Também apresentam fracas competências sociais, como por exemplo cooperação, partilha e capacidade de ajudar os outros (Haselager & Lieshout – 1992). A criança vítima de bullying torna-se triste, apresenta falta de autoconfiança, de autoestima e de concentração (Beran & Li, 2007: 24) (Pereira, 1997: 27-28). “A agressão e a vitimização parecem ter consequências nefastas para os principais envolvidos no fenómeno bully-vítima, quer a curto, quer a longo prazo. Assim, as vítimas tendem a exibir um auto-conceito geralmente desfavorável; baixa auto-estima; problemas de saúde física (sintomas psicossomáticos) e de saúde mental (sintomas depressivos, insegurança e ansiedade); e tendem a ser rejeitados pelos pares” (Martins, 2005: 402). Um dos efeitos mais dramáticos do bullying na escola é o suicídio (Pereira, 2001: 23).

Martins (2005: 402), citando um estudo de Olweus (1997) refere que os agressores, com a idade, podem evoluir no sentido da delinquência e criminalidade mais séria na vida adulta. Muitos jovens agressores, na sua vida adulta, acabam por ter condutas antissociais: participação em roubos, atos de vandalismo, consumo de substâncias tóxicas. Alguns investigadores referem que muitos destes agressores irão, no futuro, ter um comportamento agressivo no contexto amoroso, doméstico ou laboral (Beane, 2006: 125; Serrate, 2009: 116).

Os efeitos do bullying podem ser muito diversificados, no quadro que se segue apresentam-se alguns desses efeitos.

Baixa autoestima	Diminuição do rendimento escolar
Medo	Dores de cabeça ou de estômago
Pesadelos	Mudanças repentinas de humor
Isolamento social	Vómitos
Rejeição da escola	Enurese noturna
Insegurança	Falta de apetite
Ansiedade	Dificuldade para dormir
Dificuldade de relacionamento interpessoal	Hematomas ou cortes inexplicados
Dificuldade de concentração	Depressão
	Suicídio

Quadro 5 Efeitos do bullying. Fonte: Ventura e Fante (2013: 31)

A vítima de bullying

Considera-se vítima o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas praticadas por um ou mais alunos. Como já foi referido anteriormente, entende-se por ações negativas as situações em que alguém, de forma intencional e repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa. De acordo com a definição de Boulton & Smith (1994), citados por Carvalhosa et al. (2001: 501) “ a vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que a arrelham, ou que lhe fazem outras coisas desagradáveis sem uma boa razão. Verifica-se que as vítimas típicas (ou passivas) são mais deprimidas que os outros alunos”. Ventura e Fante (2013: 25) referem como características típicas das vítimas:

- “padrão de reação ansioso associado a fragilidade física (principalmente entre os meninos);
- atitudes mais negativas, relativamente ao uso da violência, se comparados com os alunos em geral;
- quando atacados por outros, normalmente choram e não reagem.
- introversão;
- baixa auto-estima;
- depressão;
- visão negativa deles próprios e da respetiva situação;
- isolamento social na escola;
- rejeição frequente por parte dos seus pares”.

Os estudos distinguem dois tipos de vítimas: as vítimas passivas e as vítimas ativas, provocadoras ou agressivas. No que se refere às vítimas passivas (típicas) foram mencionadas diversas características. Os mesmos investigadores mencionam que as vítimas provocadoras apresentam traços de personalidade vincadamente marcados pela elevada impulsividade, hiperatividade, ansiedade e dificuldades de concentração. Segundo Costa & Vale (1998: 28-29), as vítimas provocadoras mostram níveis de

irrequietude na medida em que estamos perante jovens ativos, assertivos, mais autoconfiantes e fisicamente mais fortes do que as outras vítimas. Acrescentam que, por norma, estes apresentam muitas vezes queixas aos professores e pessoal não docente de que estão a ser objeto de constante agressão por parte dos colegas (normalmente da mesma turma), levando, por esta via, os adultos a desvalorizar os incidentes objeto de relato; são alunos facilmente provocados mas que de igual modo provocam os outros. “Apesar da sua fragilidade relativa, gostam de desafiar alunos mais velhos ou mais fortes fisicamente. Têm prazer e necessidade de retaliar, quando sentem que estão sendo objeto de insulto ou de ataque” (Ventura e Fante, 2013: 25).

Segundo Ventura e Fante (2013: 28) “é importante que se enfatize que caraterísticas preditivas não garantem que as crianças ou adolescentes que as possuam serão vítimas de bullying. Há muitos indivíduos com essas caraterísticas que nunca sofrem bullying”. No quadro que a seguir se apresenta estão sintetizadas algumas dessas caraterísticas previsíveis de vitimização através de bullying.

Dificuldade de fazer e manter amizades na escola
Timidez
Passividade
Isolamento
Meio familiar superprotetor
Pertencer a um grupo racial ou étnico diferente da maioria
Possuir uma diferença óbvia (ex: gagueira, obesidade, sinal ou mancha muito significativa)
Ter necessidades educativas especiais ou uma deficiência física ou mental
Comportar-se de forma inapropriada, ser intrometido ou provocador
Ser considerado impopular
Dificuldade de defesa

Quadro 6 Características previsíveis de vitimização através de bullying.. Fonte: Ventura e Fante (2013: 29)

O que motiva e desencadeia o bullying está relacionado com o aspeto físico e com as características psicológicas, que o agressor percebe nas possíveis vítimas. A aparência física (boca, nariz, orelhas, cabelo, sardas, uso de óculos, muito gordo ou muito magro, muito alto ou muito baixo, proliferação de acne, entre outros aspetos), o fato de ter transitado de escola (por exemplo do 1º para o 2º ciclo) e ser novo na mesma, de

pertencer a um grupo étnico diferente, de apresentar um desempenho acadêmico bom, ou acima de média, de possuir deficiência física ou mental (alunos com necessidades educativas especiais), de ter uma orientação sexual aparentemente ou efetivamente diferente daquilo que é socialmente esperado.

Ao nível da escola e trabalho escolar, social, físico e emocional/comportamental é possível elencar um conjunto de sinais de alerta mais frequentes evidenciados pelas vítimas de bullying.

Escola e trabalho escolar

1. Mudança súbita na assiduidade / no desempenho acadêmico.
2. Assiduidade irregular.
3. Perda de interesse no trabalho escolar / no desempenho acadêmico / nos trabalhos de casa.
4. Declínio na qualidade do trabalho escolar / do desempenho acadêmico.
5. Sucesso acadêmico; parece ser “um menino do professor”.
6. Dificuldade em concentra-se nas aulas; distrai-se com facilidade.
7. Vai para o intervalo mais tarde e regressa à sala mais cedo.
8. Tem uma dificuldade de aprendizagem.
9. Falta de interesse pelas atividades / eventos patrocinados pela escola.
10. Desiste de atividades de que gosta quando estas são promovidas pela escola.

Social

1. Solitário, retraído, isolado.
2. Competências sociais / interpessoais inexistentes ou fracas.
3. Sem amigos, ou com menos amigos do que os outros alunos, impopular, muitas vezes / sempre o último a ser escolhido para grupos ou equipas.
4. Falta de sentido de humor, usa um humor inapropriado.
5. Frequentemente alvo de troça, riem-se dele, provocam-no, importunam-no, rebaixam-no, e/ou chamam-lhe nomes, não se afirma a si mesmo.

6. Frequentemente maltratado, pontapeado e/ou agredido por outros alunos, não se defende.
7. Usa linguagem corporal de “vítima” – ombros descaídos, cabeça baixa, não olha as pessoas nos olhos, recua em relação aos interlocutores.
8. Apresenta uma diferença notória que o destaca dos seus colegas.
9. É oriundo de uma tradição racial, cultural, étnica e/ou religiosa, que o coloca em minoria em relação aos seus companheiros.
10. Prefere a companhia dos adultos durante o almoço ou em tempos livres.
11. Provoca, importuna, injuria e irrita os outros; não sabe quando deve parar.
12. Subitamente, começa a ser um bully com os seus companheiros.

Físico

1. Frequentemente “doente”.
2. Frequentemente queixas de dores de cabeça, de estômago, e outras.
3. Arranhões, nódoas negras, roupas rasgadas ou outros pertences estragados, para os quais não há explicações óbvias.
4. Repentina gaguez ou tartamudez.
5. Tem uma deficiência física.
6. Apresenta uma diferença física que claramente o destaca dos seus pares – usa óculos, é obeso, aparência “esquisita”, caminha de uma forma “esquisita”, etc.
7. Alteração nos hábitos alimentares, perda súbita de apetite.
8. Desastrado, descoordenado, fraco em todos os desportos.
9. Mais pequeno do que os seus colegas.
10. Fisicamente mais fraco do que os seus colegas.

Emocional / Comportamental

1. Súbita alteração de humor ou de comportamento.

2. Passivo, tímido, calado, envergonhado, mal-humorado, isolado.
3. Nenhuma ou baixa autoconfiança/autoestima.
4. Poucas ou nenhuma competências de assertividade.
5. Extremamente sensível, cauteloso, dependente de outros.
6. Nervoso, ansioso, preocupado, temeroso, inseguro.
7. Chora com facilidade e/ou com frequência, torna-se emocionalmente perturbado, tem oscilações extremas de humor.
8. Irascível, impulsivo, agressivo, tenta dominar (mas perde sempre).
9. Culpa-se a si mesmo pelos problemas / dificuldades.
10. Excessivamente preocupado com a sua segurança pessoal; despende muito tempo e esforços pensando / preocupando-se com a sua segurança nos trajetos de ida e volta para a cantina, para o quarto de banho, para o cacifo, durante os intervalos, etc., evita certos locais da escola.
11. Fala sobre fugir de casa.
12. Fala sobre suicídio.

Fonte: Beane (2006: 92)

O agressor

“Se atendermos mais especificamente à figura de agressor (ou bully, na versão anglo-saxónica) podemos defini-lo dentro da referida situação de bullying como o agente dominante que exercerá violência física ou verbal de forma continuada contra outro aluno” (Serrate, 2009: 101). O autor de bullying é tipicamente popular; tende a envolver-se numa variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusivamente com os adultos; é impulsivo; vê a sua agressividade como uma qualidade; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros; em relação à escola apresentam uma atitude negativa, dificuldades em acompanhar o

normal ritmo de aprendizagem e ainda apresenta, já com alguma frequência, um quadro de reprovações ao longo do percurso escolar.

As testemunhas

Salmivalli et al. (2001) refere que, além dos grupos de vítimas e de agressores e de agressores-vítimas, há mais quatro grupos diferentes: testemunhas (quem apenas observa o bullying), defensores (quem ajuda as vítimas) e seguidores / instigadores (reforçam o bullying e estimulam o comportamento do agressor).

As testemunhas de bullying não se envolvem diretamente nas agressões com seus pares. Muitas vezes, simpatizam com os colegas vitimizados e condenam o comportamento dos jovens que agredem. Entretanto, essas crianças ou adolescentes têm medo de se tornarem alvos das agressões e, por essa razão, não intervêm e esperam que um professor ou algum pai faça isso (Menesini et al., 1997). Muitos desses jovens, ao verem os comportamentos agressivos de seus colegas, começam a imitá-los, para ganhar popularidade e poder, mas, com isso, acabam por se tornar praticantes de bullying, ou agressores, mediante a aprendizagem. Evidencia-se que, na maioria das vezes em que uma testemunha de bullying tenta intervir e parar com as agressões ao seu colega (vítima), obtém êxito. Assim, é de extrema importância o incentivo dos professores e outros profissionais para que mais testemunhas denunciem e tenham comportamentos de proteção para com as vítimas e contra o bullying. É importante a crescente intervenção das crianças no sentido de impedir o bullying, pois essa ação possibilita aos autores de comportamentos agressivos sentirem a falta de apoio para a continuidade dessa atitude (Neto, 2005).

3 - Prevenção e intervenção

No que diz respeito à prevenção da violência escolar, Velez (2010: 78) referindo Diaz-Aguado (2005) menciona que é necessário introduzir as seguintes mudanças na educação:

- “Adaptar a educação às atuais mudanças sociais, implementando novos esquemas de colaboração entre a escola e a família, bem como com o resto da sociedade;
- Melhorar a qualidade do vínculo educativo e desenvolver o empowerment, distribuir o protagonismo académico por todos os alunos, permitindo, por exemplo, que cada um defina e desenvolva os seus próprios projetos;
- Desenvolver alternativas à violência, como a resolução de conflitos sem recurso à violência;
- Romper a conspiração de silêncio sobre a violência escolar e inserir o seu tratamento num contexto normalizado e orientado para melhorar a convivência, ajudando as vítimas e dando uma disciplina adequada aos agressores;
- Ensinar a condenar toda a forma de violência, favorecendo uma representação que ajude a combatê-la;
- Favorecer a identificação com o respeito dos direitos humanos, desenvolvendo a capacidade para se colocar no lugar do outro;
- Incluir atividades específicas dirigidas a prevenir a vitimização dentro dos programas de prevenção da violência;
- Prevenir a intolerância e o sexismo;
- Educar para a cidadania democrática, melhorando a coerência entre os valores que se pretendem ensinar;

- Colocar à disposição dos professores os meios e as condições que permitam adaptar a escola à situação atual”.

A escola tem de ter uma política de prevenção e intervenção eficaz contra o bullying. Beane (2011) afirma que “para que as escolas fiquem livres de bullying, os pais, os funcionários, o corpo docente do estabelecimento de ensino, os alunos e os representantes da comunidade devem trabalhar em conjunto”. José Ilídio Alves de Sá (2012: 199) referindo vários autores (Craig & Pepler, 2003: 581; Craig & Pepler, 2007: 88 – 99; Stephens, 2010: 8; Vreeman & Carroll, 2007: 86) reporta-se a uma abordagem sistémica, reforçando que “o enfoque sistémico debruça-se grandemente sobre as dinâmicas sociais e relacionais geradas em torno do bullying, enfatizando por conseguinte a necessidade da ação preventiva/interventiva ter que se concretizar nos múltiplos contextos em que os jovens agem, interagem e se integram de forma direta ou indireta – seja a família, os pares, a escola, a comunidade e, num plano mais global, a cultura”.

O programa Bully / Vítima de Dan Olweus, originalmente experimentado no contexto norueguês, incide nomeadamente em três níveis distintos, a saber: a vertente da escola enquanto estrutura organizativa, a turma enquanto grupo e o próprio aluno (como potencial vítima, agressor ou testemunha).

<p>Pré-requisitos gerais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento do corpo docente no programa de intervenção.
<p>Medidas na escola</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de questionário aos alunos (antes e após a intervenção) para diagnosticar a situação; • Comemoração de um dia alusivo à temática do bullying (para alunos e professores); • Adoção de regras e aplicação de sanções aos não cumpridores; • Melhor supervisão durante os recreios e a hora do almoço (reforço da

<p>supervisão);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tornar mais atrativos os recreios escolares (espaços e equipamentos); • Linha telefónica de apoio à vítima; • Reuniões entre professores e pais (encarregados de educação); • Constituição de grupos de professores para o desenvolvimento de clima de escola; • Realização de círculos de pais.
<p>Medidas a nível da sala</p> <ul style="list-style-type: none"> • Regras de turma contra o <i>bullying</i> e estabelecimento de sanções por incumprimento dessas mesmas regras; • Realização de assembleias de turma para apresentação e discussão de problemas; • Dramatizações, análise de literatura sobre <i>bullying</i>; • Aprendizagem cooperativa (exemplo: um aluno que termina um trabalho vai ajudar o outro que apresenta dificuldades na concretização do trabalho; trabalhos realizados em pequenos grupos); • Promoção de atividades de turma “positivas”. O professor deve recorrer preferencialmente a medidas que reforcem o comportamento positivo da criança e não deve enfatizar os aspetos negativos do comportamento. • Reunião do professor da turma com os pais/encarregados de educação dos alunos.
<p>Medidas a nível individual (do aluno)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conversa “séria” com os agressores e as vítimas; • Conversa “séria” com os pais dos alunos envolvidos nos conflitos; • Professores e pais recorrem ao uso da imaginação (uma ideia que funcione) para procurar soluções; • Colaboração de alunos “neutros”, nem vítimas nem agressores, no apoio à resolução de conflitos; • Solicitação de ajuda e apoio dos pais/encarregados de educação; • Promoção de sessões de discussão de grupo (envolvendo os pais de alunos agressores e vítimas). • Mudança de turma ou de escola.

Quadro 7 Medidas do Programa de Intervenção. Olweus (1993: 64)

Pereira (2005) aponta para dois níveis de soluções quando se refere à prevenção do bullying, reportando-se, por um lado, a medidas de curto prazo e, por outro lado, a medidas de longo prazo. No que respeita às medidas de curto prazo a investigadora não deixa de mencionar o projeto educativo e o regulamento disciplinar. “O regulamento

disciplinar deve conter as normas do comportamento esperado a nível dos alunos, docentes e funcionários. Em caso de não cumprimento das normas, as sanções devem ser explícitas e para serem cumpridas. Estas devem ser aprovadas depois de ouvidos os alunos, docentes, funcionários, associação de pais e encarregados de educação” (Pereira, 2005: 8). Ainda dentro das medidas de curto prazo são referidos outros pontos fundamentais, a saber: a sensibilização e formação dos docentes, funcionários, pais ou encarregados de educação, o melhoramento dos recreios, a oferta de desporto escolar e outras atividades de ocupação de tempos livres. Relativamente aos recreios e à supervisão, num estudo realizado por Amália Marques (2001: 186) com crianças entre os 7 e os 13 anos, foram analisados os comportamentos agressivos dos alunos nos recreios, em quatro contextos e momentos distintos: as crianças foram analisadas no recreio sem materiais e sem supervisão, foram observadas sem materiais, mas com supervisão, a observação foi realizada no recreio com materiais, mas sem supervisão e finalmente a observação decorreu em contexto de recreio com materiais e com supervisão. Esta investigadora, ao obter os números relativos à vitimização e à agressão, concluiu que a supervisão, por um lado, e a quantidade e a qualidade dos materiais que estão disponíveis nos recreios, por outro, contribuem significativamente para a redução efetiva da violência nos recreios escolares. Quanto à oferta de desporto escolar importa dizer que o mesmo “facilita o acesso a uma modalidade desportiva, dando oportunidade aos alunos de se organizarem por centros de interesse e mantendo-os ativos em torno de um objectivo. O desporto escolar permite complementar o tempo de atividade física com um empenhamento superior, pois a modalidade foi escolhida por si e não foi imposta, e todos os colegas de equipa estão lá voluntariamente” (Pereira, 2005: 8). A oferta de atividades nas paragens letivas revela-se, nesta ordem de ideias, importante, na medida em que as crianças podem assim usufruir de um conjunto de atividades e dessa forma ficam ocupadas.

No que se refere ao nível de solução de longo prazo, a investigadora remete para a formação inicial dos futuros docentes: educadores de infância, professores do 1º, 2º e 3º - ciclos e ensino secundário. A arquitetura e a qualificação dos recreios exteriores é também um ponto essencial uma vez que se os espaços forem pensados numa lógica de

desenvolvimento de atividades, tudo se torna mais fácil, e a possibilidade de ocorrência de situações de violência tenderá a diminuir.

Tognetta, L. e Vinha, T. (2005: 17) referem que “os projetos de intervenção ao bullying precisam garantir que crianças e adolescentes – tanto protagonistas como espectadores – possam construir identidades autónomas que consigam gostar de si para gostar dos outros no seu sentido moral: é pela construção do respeito a si que podemos construir o respeito a outrem”. As autoras anteriormente mencionadas referem que diversos autores têm procurado desenvolver programas de prevenção e intervenção no bullying apresentando estratégias como a realização de assembleias para discussão de problemas e outras de exercícios de sensibilização ao outro, pelo que citam Del Rey e Ortega (2001), que organizaram diferentes programas. De entre esses programas destacam:

- 1) “Estratégias de círculos de qualidade – o que talvez nós chamaríamos (com ressalvas) de assembleias – consistem em promover a identificação, análise e resolução de problemas comuns;
- 2) Estratégias de Mediação de conflitos – consiste na formação de mediadores de conflitos – sejam pais, alunos ou professores que atuarão nos momentos de crise;
- 3) Ajuda entre iguais – consiste na formação de um grupo de crianças ou adolescentes que atuem como conselheiros e ajudem a outras crianças e adolescentes que sofrem *bullying*, acolhendo-os em suas dificuldades;
- 4) Estratégias de intervenção social ou o chamado método Pikas – partem da descoberta da estrutura do grupo violento e realizam um plano de intervenções sociais, que busca que sejam os próprios agressores os que acabem por ajudar a vítima antes de ser atacada. Para isso, são realizadas reuniões individuais com cada um dos membros;
- 5) Estratégias de desenvolvimento da assertividade para vítimas – são exercícios de habilidades sociais que podem reforçar a auto-estima das vítimas para que elas se defendam de seus agressores;

- 6) Estratégias de desenvolvimento da empatia para agressores – são processos educativos que tentam restabelecer a sensibilidade emocional de meninos e meninas”.

Os comportamentos pró-sociais (altruísmo, cooperação, solidariedade, amizade, respeito mútuo, sentimento de simpatia, sentimento de empatia) representam ações e atividades que visam atender às necessidades e ao bem-estar de outra pessoa. Esses comportamentos pró-sociais manifestam-se de forma intrínseca, indo no sentido de ajudar o outro e quem pratica essas ações fá-lo de forma não coerciva, sentindo-se impelido para as fazer (Eisenberg & Mussen, 1989).

O desenvolvimento de valores sociais construtivos constitui a base de uma cultura de paz pelo que a intervenção que ocorre na escola deve promover esses valores; se a escola potenciar a emergência de valores como a cooperação, a solidariedade, a amizade, o respeito mútuo e o sentimento de empatia, contextos sociais mais amplos serão contagiados e assim a sociedade assentará na valorização das diferenças entre as pessoas e no respeito ao outro. Se as crianças interagirem em contextos em que a cooperação, a solidariedade e a paz sejam valorizadas, é provável que esses valores sejam incorporados nas culturas de pares, ou seja, nas interações criança-criança e, a partir daí, permanentemente implicadas no desenvolvimento da pessoa, inclusive na vida adulta. A esse respeito, afirmam Branco, Pessina, Flores & Salomão (2004):

A comunicação e, especialmente a metacomunicação, têm papel fundamental na dinâmica do processo de internalização/externalização, que ocorre enquanto significados pessoais são continuamente elaborados e transformados ao longo das interações humanas (p. 7).

A cultura é construída pelas pessoas em interação (Cuche, 2002), pelo que é essencial a revisão dos atuais padrões de relacionamento social – violentos, individualistas, competitivos – que envolvem a comunidade escolar e a vida no contexto familiar. Cada vez mais os sentimentos, os valores de solidariedade e de cooperação, o respeito pelo outro são desvalorizados. Neste sentido, os educadores / professores

devem encontrar formas de agir que permitam a aproximação da família e da comunidade escolar procurando construir uma cultura pela paz, na escola e na família.

Estando a escola (representada pelos órgãos dirigentes da mesma e pelo corpo docente e não docente) e a família motivados a promover comportamentos pró-sociais entre as crianças, particularmente a cooperação, devem fomentar o sentimento empático entre as crianças. Desta forma, as crianças ficam mais sensíveis aos sentimentos dos outros, o que se revela fundamental na manifestação de comportamentos pró-sociais.

A empatia está associada a comportamentos pró-sociais, “porque é instigada pelo sofrimento do outro, não somente pelo próprio sofrimento da pessoa; o primeiro foco da empatia é ajudar o outro e [a pessoa] se sente bem somente se a vítima é ajudada” (Hoffman, 2000, p.35). Promover na escola atividades nas quais as crianças tenham a possibilidade de desenvolver a empatia é crucial pois deste modo caminha-se numa lógica de práticas pró-sociais. Ensinar os alunos a ajudarem os outros simplesmente porque é certo não tem os efeitos desejáveis. Mais do que isso é fundamental que a escola e a família demonstrem, por meio do diálogo e de práticas sociais, o valor do outro. Gomes Pinto (2007, p. 30) sugere que: no caso, o professor ajuda a criança agressora a entender porque agredir física ou moralmente não é um comportamento adequado, mostrando-lhe quais são os sentimentos da criança agredida e, ainda, formas de lidar com oposições de forma construtiva. No seguimento do mencionado anteriormente apresento um conjunto de perguntas que fazem sentido numa lógica de uma educação construída na base do diálogo: “como tu achas que o teu colega se sente?”, “o que é que poderia ter sido diferente na situação que tu e o teu colega viveram?”, “se o teu colega te fizesse o que tu lhe fizeste como é que achas que tu te sentirias?”, “como é que tu gostas de ser tratado pelo teus colegas?”, “que comportamentos e atitudes é que tu pensas que os teus colegas gostam que tenham para com eles?”, “que comportamentos e atitudes é que tu gostas que os teus colegas tenham em relação a ti?”.

Apesar de não necessariamente promover comportamentos em favor do outro (Eisenberg & Strayer, 1987), a empatia proporciona a base mais importante para o comportamento pró-social (Cole & Cole, 2004; Hoffman, 2000; Pavarino, Del Prette & Del

Prette, 2005; Sampaio e cols., 2009) e, em consequência, consideramo-la fundamental para a prevenção do *bullying*. Numa situação de bullying, uma criança empaticamente sensível, ao presenciar uma situação, por exemplo, de chacota de um colega pode ter um comportamento de ajuda perante a vítima chamando o educador / professor ou intervindo. Numa outra situação concreta de roubo de material escolar, a criança que testemunha a situação pode intervir dizendo “gostavas que também te roubassem o teu material?”. Numa outra situação de uma criança que chama nomes a outra quem testemunha a ocorrência pode intervir dizendo “também gostavas que ele te chamasse esses nomes?”. Desta forma, quem testemunha agressões intervém porque é empaticamente sensível.

Embora seja inata a habilidade que as crianças têm de observar em si e nos outros sentimentos diversos (Hoffman, 2000), a capacidade de sentir empatia é elaborada na cultura, ao longo do processo de socialização nas interações sociais. O desenvolvimento da empatia é influenciado pelas relações sociais e por técnicas de educação empregadas por cuidadores e professores, ou seja, depende de valores, regras e práticas culturais (Branco, 2012). Os educadores / professores no contexto escolar devem promover ativamente o desenvolvimento de valores como a cooperação e a solidariedade, valorizando a empatia, inculcando assim esses valores e sentimentos nas crianças.

Trabalhando em equipa, a criança exercita uma série de habilidades. Ao mesmo tempo em que estuda o conteúdo das disciplinas, ela aprende a escolher, a avaliar e a decidir em conjunto com os seus pares. Nesse tipo de atividade, treina-se a capacidade de ouvir e respeitar opiniões diferentes. A lista ainda inclui saber argumentar e dividir tarefas - competências essenciais para a vida adulta. Ao crescer, a criança vai ter de conviver com pessoas diferentes dela. Saber comunicar, ouvir, respeitar o outro é de extrema importância na vida de qualquer pessoa daí ser imprescindível adquirir tais competências, todavia isso só se aprende fazendo.

O trabalho em grupo é uma oportunidade de construir coletivamente o conhecimento. As crianças ao trabalharem em grupo relacionam-se de modo diferente com o conhecimento. As situações de trabalho em grupo são momentos de troca em que

as crianças se deparam com diferentes percepções. Penso que o trabalho em grupo é uma estratégia importante em todo o processo de ensino/aprendizagem.

Quando na escola se promovem atividades de cooperação e de solidariedade e por outro lado se valoriza a empatia e os comportamentos pró-sociais provenientes do sentimento empático está-se a caminhar no sentido de prevenir o bullying. A empatia tem de ser considerada como fundamental na prevenção do bullying. Em contexto escolar, quando se promovem ações de cooperação está-se a criar as condições para uma cultura de paz, por oposição a padrões de relacionamento social – violentos, individualistas e exageradamente competitivos. Quando as crianças ficam mais sensíveis aos sentimentos do outro temos crianças predispostas a agir em situações de ocorrência de bullying. Não será de todo possível eliminar as situações de bullying, no entanto consideramos, neste trabalho, que a empatia constitui uma base essencial nesta temática abrangente e complexa que é o bullying. É neste sentido que faz todo o sentido promover o trabalho em grupo e especificamente o trabalho a pares em contexto de sala de aula.

II – Trabalho empírico

Caraterização da turma onde foi realizada a intervenção

O estágio ocorreu junto de uma turma do 3º ano constituída por 20 crianças, durante o ano letivo de 2014-2015, no período decorrido entre setembro e dezembro. Entre as 20 crianças, duas apresentavam necessidades educativas especiais pelo que estavam abrangidas pelo Dec.- Lei nº 3 / 2008 de 7 de Janeiro. O nível global da turma em termos de aproveitamento enquadrava-se no Bom. No entanto, algumas crianças revelavam pouca autonomia e ritmos mais lentos, ao nível de aprendizagem, e consecução das tarefas, necessitando de maior apoio e reforço por parte da professora. Também algumas crianças apresentavam tempos de atenção/concentração curtos o que comprometia a realização de algumas tarefas. O grupo de crianças tinha, de uma forma geral, dificuldades ao nível do respeito das regras de conversação; as crianças não conseguiam ainda ouvir-se umas às outras sem se interromperem. Quando se estabelecia um diálogo era necessário fazer algumas paragens para relembrar as regras. Uma outra

estratégia adotada era o apelo à reflexão sobre o comportamento tido em determinada situação.

Em relação às relações existentes entre as crianças importa mencionar que as mesmas estabeleciam entre si um relacionamento, por vezes, conflituoso, verificando-se, dificuldades em gerir/resolver os conflitos. Verificou-se que particularmente duas crianças mantinham uma relação conflituosa entre si, manifestando alguns colegas a opinião que seria importante haver um recreio “para lutas para aqueles dois”. Algumas vezes, depois das crianças regressarem do recreio, manifestavam incómodo com algumas situações que tinham sucedido durante esse tempo. Por vezes, verificava-se que algumas crianças apresentavam arranhões, nódoas negras, roupas rasgadas ou outros pertences estragados. Também importa referir que algumas das crianças envolvidas nestes conflitos apresentavam uma deficiência ou diferença física ou pertenciam a uma etnia, diferenciando-se da maioria das crianças da turma. Neste sentido, eram já evidentes, mesmo na fase mais inicial de observação alguns sinais de alerta.

No ano letivo de 2013/2014 (ano transato) as colegas que realizaram prática pedagógica junto desta mesma turma já tinham identificado a questão do relacionamento entre as crianças como sendo uma situação problemática e implementaram o diário de turma e o conselho de turma. No documento avaliação do plano de trabalho de turma de 2013/2014 a professora refere que “a turma, no que concerne ao comportamento, situa-se no suficiente, verificando-se ainda alguma falta de interiorização e de cumprimento de regras. Ao longo de todo o ano a questão do comportamento foi trabalhada, no sentido de promover nos alunos atitudes cívicas, de cidadania e de respeito mútuo”.

Neste quadro, pareceu-nos importante que o nosso projeto de estágio/seminário, tendo subjacente a temática da prevenção do bullying, procurasse perceber os comportamentos das crianças entre si e conhecer as suas ideias sobre formas de lidar com os conflitos e a discriminação social. Em simultâneo, procuramos desenvolver algumas estratégias em sala de aula que ajudassem à tomada de consideração da perspectiva do outro através da dinamização de trabalhos de grupo.

Assim, os nossos objetivos foram:

- ✓ Identificar comportamentos e ideias de crianças de uma turma do 1º ciclo do ensino básico relativamente à problemática do bullying;
- ✓ Compreender como se sentem e o que fazem as crianças quando elas próprias são perturbadas;
- ✓ Perceber como se sentem as crianças e o que fazem quando veem outros serem perturbados;
- ✓ Entender como é que as crianças acham que os outros se sentem quando são perturbados (colocar-se no lugar dos outros);
- ✓ Identificar situações próximas de bullying e procurar prevenir a escalada de violência;
- ✓ Contribuir para a melhoria das relações interpessoais entre as crianças da turma.

Opção metodológica – pesquisa-intervenção

Optámos por uma metodologia qualitativa e interpretativa pois pareceu-nos a mais adequada a este trabalho de investigação. O método da observação participante foi utilizado uma vez que o observador se envolveu ativamente na interação com a turma, procurando respostas para a sua pesquisa.

Optou-se pela realização de entrevistas individuais às crianças da turma. Foram realizadas 18 entrevistas e, para tal, foi construído um guião de entrevista que mais à frente se apresenta. As perguntas da entrevista e imagens associadas estavam organizadas num dossier. As crianças foram convidadas a realizar individualmente a entrevista em momento e local apropriados.

Aquando da realização das entrevistas foram consideradas e respeitadas as particularidades das crianças, nomeadamente ao nível da sua desenvoltura linguística, e no tempo necessário para responder às perguntas. Ainda, sempre que alguma criança manifestava dificuldade em entender alguma pergunta, a mesma era reformulada de forma a que a criança compreendesse o que lhe estava a ser perguntado.

O entrevistador e a criança sentados lado a lado olhavam para as páginas do dossier concebido para realização das entrevistas. As crianças sabiam que a entrevista estava a ser gravada para facilitar a recolha de informação, não tendo levantado qualquer objeção.

O entrevistador aceitou as respostas sem julgamento moral, assegurando que a criança percebia que o importante era conhecer os seus pontos de vista, não havendo respostas certas ou erradas.

Cada entrevista durou, aproximadamente, cerca de quinze minutos.

Se a resposta da criança não se relacionava com a imagem / situação, o entrevistador perguntava novamente. Depois disso, se a criança ainda não respondia à pergunta, o entrevistador perguntava " Isso já aconteceu contigo?" "O que é que tu fizeste nessa situação?".

Guião da entrevista

- 1 – Se um amigo teu não vai jogar contigo, o que é que tu fazes?
- 2 – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, o que é que tu fazes?
- 3 – Pensa numa situação em que outra criança te vem provocar, o que é que tu fazes?
- 4 – Numa situação em que estás a jogar com um amigo e tu gostarias de mudar de jogo, mas o teu amigo não, o que é que tu fazes?
- 5 – Se tu estás a ver dois colegas a discutirem, o que é que tu fazes?
- 6 – Se alguém te tira o teu brinquedo, o que é que tu fazes?
- 7 – Se alguém elogia o que tu fizeste, o que é que tu fazes?
- 8 – Se alguém gozar contigo, o que é que tu fazes?
- 9 – O João tem um implante na perna e precisa de muletas para andar. O Ricardo tirou-lhe uma muleta, como é que achas que o João se sente?
- 10 – Como te relacionas com os colegas da turma onde estás inserido?
- 11 – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado? O que é que te fez? O que é que tu fizeste?
- 12 – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado? Porque é que achas que isso acontece? O que é que tu fazes?

Análise das entrevistas

Relativamente à primeira pergunta, os resultados obtidos podem ser verificados no gráfico 1.



De acordo com as entrevistas realizadas todas as crianças mencionaram que se sentem tristes ou que se sentem mal quando um amigo não quer brincar com elas. Quase a totalidade das crianças refere que tenta encontrar outros amigos que queiram brincar. Ainda assim, duas crianças dizem que procuram uma auxiliar/funcionária e outras duas optam por brincar sozinhas (estas duas crianças eram muitas vezes excluídas do grupo, considerando aqui o grupo como sendo a turma). Pela observação direta realizada e pelo conteúdo das entrevistas foi possível perceber que estas duas crianças ao dizerem que se um colega não quer brincar com elas brincam sozinhas referem-no porque não sentem uma integração no grupo que lhes permita procurar outros colegas para brincar. Há ainda a considerar uma criança que responde que “ele feriu-me os sentimentos, eu também vou ferir-lhe os sentimentos. É que às vezes eles reparam em mim e eu digo não e eles ficam tristes. Mas primeiro eu vou-me embora, finjo que estou triste, ele diz – queres brincar comigo? E eu digo não, mas depois vai-se embora triste como eu fiquei.”

Relativamente à pergunta – imagina que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras do jogo, como é que te sentes e o que é que fazes?, os resultados são apresentados no gráfico 2.



Das dezoito crianças entrevistadas dez referem que diziam ao colega para cumprir as regras e que lhes explicavam as mesmas; duas das crianças apontam estratégias para fazerem o colega perceber as regras do jogo, a saber: jogar com outro colega e ele estar a ver para aprender e explicação com os materiais do jogo e não apenas com palavras. Da totalidade das crianças entrevistadas que refere que tenta explicar as regras, seis referem que recorrem à professora para lhes ajudar a resolver a situação, caso o colega continue a não cumprir as regras e cinco optam por não jogar mais. Cinco das crianças entrevistadas procuram que o colega compreenda as regras e não referem qualquer estratégia para a possibilidade do colega continuar a não cumprir as regras. Refira-se ainda que duas crianças optam por não deixar jogar o colega, sendo que uma delas começa por alertar que o jogo tem regras e que as mesmas têm de ser cumpridas e só não deixa jogar depois do colega continuar a não cumprir as regras e que outra criança manifestamente opta logo por não deixar jogar dada a falta de cumprimento das regras.

A resposta “digo ao colega para cumprir as regras e explico-lhe as mesmas”, assim como as outras respostas mencionadas explicitam que as crianças se sentem orientadas quando as regras estão definidas e que as mesmas lhes dão segurança, pois as crianças têm necessidade de saber claramente quais são as regras (isto em qualquer situação, neste caso específico, é numa situação de jogo, no entanto tal estende-se às várias

situações de interação social). Fica claro que as crianças entendem que as regras são para cumprir e que o não cumprimento das mesmas não é aceitável. Reportando à temática do bullying é importante retomar que uma das medidas preconizadas ao nível da escola é a adoção de regras e aplicação de sanções aos não cumpridores e que ao nível da sala de aula é essencial definir regras de turma contra o bullying e estabelecer sanções por incumprimento dessas mesmas regras.

Os resultados à questão 3 – imagina que um outro menino(a) se mete contigo, como é que te sentes? O que é que fazes? - podem ser visualizados no gráfico que se segue:



A maior parte das crianças recorre a um adulto, pois é a forma que encontra de resolver a situação. Das crianças que referem que recorreriam a um adulto quatro delas também mencionam que poderiam defender-se batendo a quem as está a agredir, isto no caso de não haver nenhum adulto por perto ou porque entendem que é uma forma de se defenderem. Três crianças quando questionadas se alguém se mete contigo o que é que fazes dizem que vão embora, que fogem daquele lugar, sendo que uma das crianças afirma que poderá reagir e bater no colega. Uma criança refere ainda que fica assustada e

que não faz nada. Importa agora remeter para o testemunho de uma das crianças entrevistadas que denuncia uma situação de bullying. A criança diz “eu estava a brincar com o ... e ele também brincava, eu não tinha mais ninguém para brincar, era só eles, porque a ..., a ..., a ... e a ... ainda não eram minhas amigas. (Silêncio). E depois tive de brincar com o ... porque ele era meu amigo e depois o ... metia-se comigo, começava-me a bater-me e a chamar-me nomes.

E – E tu sentias-te como?

Criança – Com medo. Se eu disse-se alguém ninguém acreditava em mim, que o ... mentia muito e só acreditavam nele. A professora dizia “só queres meter as culpas para o ...”, mas isso era mentira. Eu dizia por exemplo, vou dizer à diretora, e ele dizia, “não, não desculpa, desculpa”.

E – E tu o que fazias?

Criança – Não dizia.

E – Não dizias.

Criança – Se não ele batia-me mais. (...) No primeiro e no segundo ano ele bateu-me muito e depois as nossas mães souberam e disseram que se fosse mais uma vez que o ... me batesse íamos para o colégio interno.

Neste excerto da entrevista percebemos uma situação próxima de bullying direto físico e bullying direto verbal (“começava a bater-me e a chamar-me nomes”) repetido ao longo de dois anos. Por outro lado, percebemos que também existiu uma situação de bullying indireto perante esta mesma criança (exclusão sistemática da vítima de grupos); nesta situação específica a criança vítima era do sexo feminino.

Na questão quatro – imagina uma situação em que estás a jogar com um amigo e já não te apetece continuar a jogar, mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes? - as respostas podem ser visualizadas no gráfico seguinte:



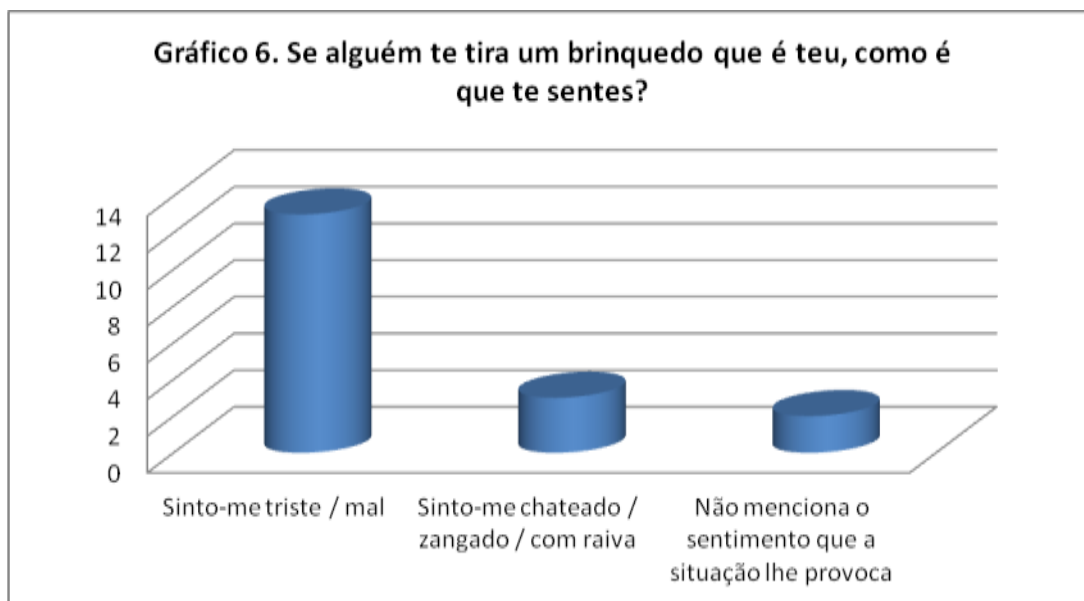
Apenas três crianças respondem que continuariam a jogar pelo que as outras quinze responderam que não continuariam o jogo. Das crianças que responderam que continuariam a jogar uma delas afirma “eu sou simpática com ele e faço a brincadeira com ele para ele não estar sozinho” e uma outra diz “Digo-lhe que não quero, mas se ele depois disser só mais um bocadinho, digo-lhe que não quero e peço-lhe para ir brincar com outro amigo. Outras vezes não digo porque acho que vai ficar triste, tenho pena”. Das crianças que não continuariam a jogar cinco delas tentariam encontrar um outro jogo que fosse do agrado dos dois, três crianças diziam a um outro colega para continuar o jogo para que o mesmo não ficasse sem ter com quem jogar e três crianças referem que iriam jogar com outro(s) amigo(s). Ainda de referir que duas das crianças acabariam o jogo mas depois paravam de jogar.

Na questão 5 – se estás a ver dois colegas a discutirem, como é que te sentes? O que é que tu fazes? – apresenta-se o gráfico:



Das dezoito crianças entrevistadas todas referem que diriam para eles pararem de discutirem, sendo que quatro crianças adotariam a estratégia de se colocar no meio dos colegas para os separar. “Sinto-me triste deles estarem a discutir. Digo para não discutirem e separo-os, meto assim as mãos (exemplifica) ...” Outra criança refere: “triste. Muitas vezes eu faço isto (gesticula mostrando que se coloca entre os dois colegas), muitas vezes eu faço isto e separo-os”. A estratégia de recorrer a um adulto também é mencionada por cinco crianças, veja-se o que uma delas argumenta: “acho mal e vou tentar acabar com a discussão. Digo para pararem. Se eles não pararem chamo uma auxiliar”.

Para a questão 6 os resultados são os seguintes:



A maioria das crianças responde que se sente triste ou que se sente mal perante tal situação (treze das crianças entrevistadas identificam este estado de espírito). Três crianças dizem sentir-se chateadas, zangadas ou com raiva perante a situação e duas delas não mencionam o sentimento que a circunstância lhes provoca. Relativamente à atitude que tomam doze crianças referem que pedem para o colega lhes devolver o brinquedo, três delas dizem que retiram à força o brinquedo ao colega e duas mencionam que recorrem à professora ou à auxiliar. Note-se que duas das crianças que dizem pedir ao colega para lhes devolver o brinquedo também referem que recorrem ao adulto caso o colega não lhes devolva o brinquedo. Uma das crianças que menciona que tira o brinquedo ao colega também recorre ao adulto caso não consiga retirar o brinquedo ao colega e ainda diz que no caso de não haver nenhum adulto por perto pede aos colegas para a ajudarem a retirar o brinquedo ao colega. As crianças que recorrem à força para retirar o brinquedo ao colega dizem: “Eu zango-me e tiro-lho da mão e depois dou-lhe uma chapada”; “--- Ataco-o. Deito-o ao chão. E digo-lhe – se não deres o brinquedo aindaavas mais.” Uma das crianças entrevistadas identifica-se como sendo uma criança que retirava brinquedos aos colegas na pré-escolar. Essa criança na entrevista diz: “Ah é o que me acontecia na pré, eu é que tirava, mas prontos... Porque muitas vezes dizia... eu queria brincar com ele e ele dizia não... eu só queria, tirava porque ainda era na pré, nós ainda

não tínhamos a noção... Eu queria brincar com ele, ele disse não, então eu tirava-lhe o brinquedo e fugia. Mas quando... muitas vezes também me acontecia a mim e eu sinto-me triste...”.

No que se refere à questão 7 – se alguém elogia o que tu fizeste, como é que te sentes? O que é que tu fazes? – o gráfico aponta para o seguinte:



As respostas são unânimes, a totalidade das crianças diz sentir-se bem, feliz, sendo que três das crianças referem que ficam contentes com o elogio e agradecem o mesmo. Veja-se o que uma criança responde nesta questão: “Isso foi como a piscina, eu fico muito, fico tão excitado que até faço tudo bem, faço tudo, tudo. A minha mãe disse para eu deslizar mais na piscina ao fazer isto. E eu fiz isso e a professora disse “que bom Qqq, fizeste muito bem” e ainda por cima um menino estava a fazer mal e eu passei pela professora e a professora disse “olha como é que o Qqq está a fazer”. Senti-me excitado, feliz, muito feliz.” Uma outra criança refere: “Ah. Sinto-me com sorte, sinto-me bem e fico orgulhosa de mim própria”.

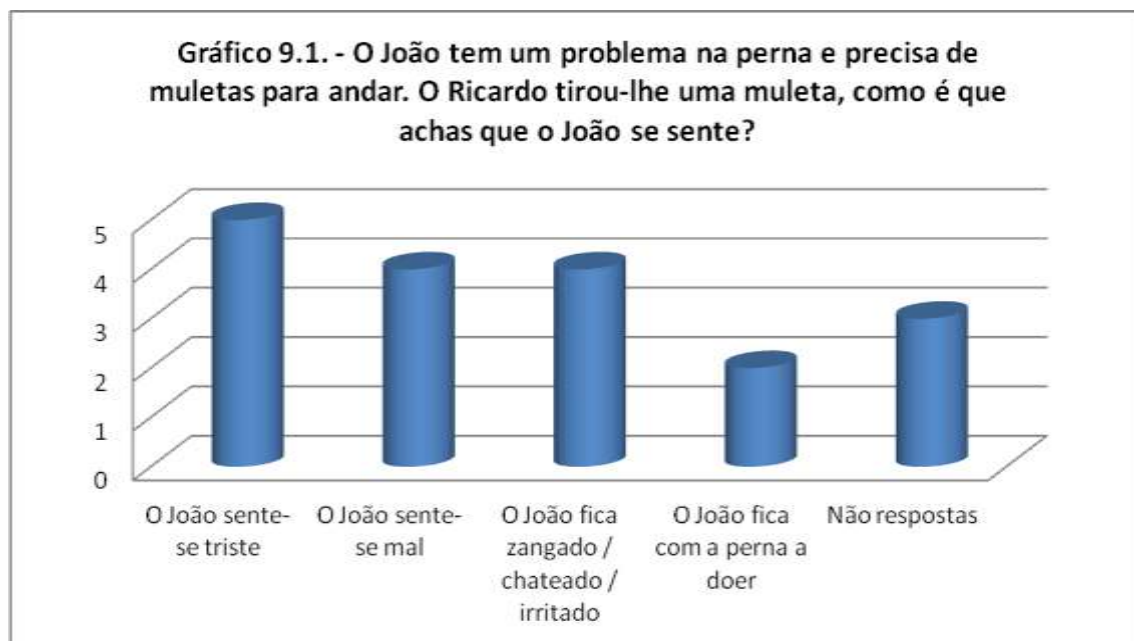
Para a questão 8 – se alguém goza contigo, como é que te sentes? O que é que fazes? – o gráfico aponta para os seguintes dados:

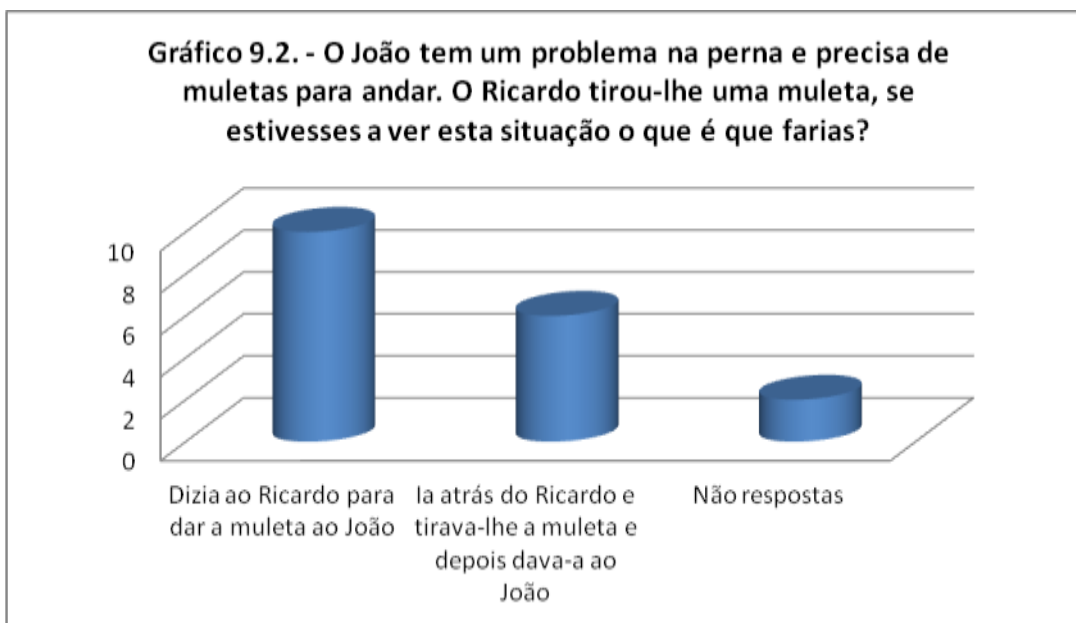


As crianças manifestam um sentimento de mal estar, dizem não gostar de ser gozadas e identificam o sentimento de tristeza perante tal situação. Uma criança diz sentir-se triste com a situação mas quando questionada com o que faz refere não se importar com tal situação. Duas das crianças entrevistadas referem o sentimento de vergonha. Ora repare-se no seguinte excerto: “... Mas não devíamos gozar, cada um tem os seus sentimentos, ... Sente-se envergonhado porque depois uma pessoa goza, toda a gente repara, e começa toda a gente a gozar. Começam-se a rir e as pessoas ficam tristes, envergonhadas e muitas vezes para disfarçar sorriem e dizem “é giro não é” e depois saem da multidão e ficam tristes.” Esta criança diz nunca ter sido gozada mas aponta para o sentimento de vergonha como sendo o que as crianças gozadas experienciam. Na identificação de atitudes as crianças dividem-se entre a manifestação perante a criança de que não se deve gozar e que portanto ele deve parar com esse comportamento (cinco crianças enquadram-se nesta perspetiva), a atitude de fuga (dizem que vão embora), a estratégia de procurar um adulto e a situação de reação com a mesma atitude de gozo ou com a atitude de enfrentamento do colega (ir atrás dele e fingir que lhe vai bater). É

importante ainda referir que uma das crianças diz que fica arrependida de alguma coisa que traz vestida. Uma criança menciona “Sinto-me triste, desanimado e não tenho vontade de ninguém brincar comigo e vou andando devagarinho para fora. Quando o ... gozava comigo, ou quando eu estava super irritado, por exemplo uma vez com o Vvv foi pum, pum, pum...”. Quando é feita esta questão uma das crianças entrevistadas reconhece um colega como sendo alvo de gozo pelos outros colegas, ela diz: “Eu cá na escola, no recreio, quando vejo alguém a gozar, a gozar com a ... , que é com quem costumam gozar mais, eu digo para pararem, para brincarem, e a ... vem brincar comigo e depois eu vou brincar com as minhas amigas e a ... fica a andar de baloiço”.

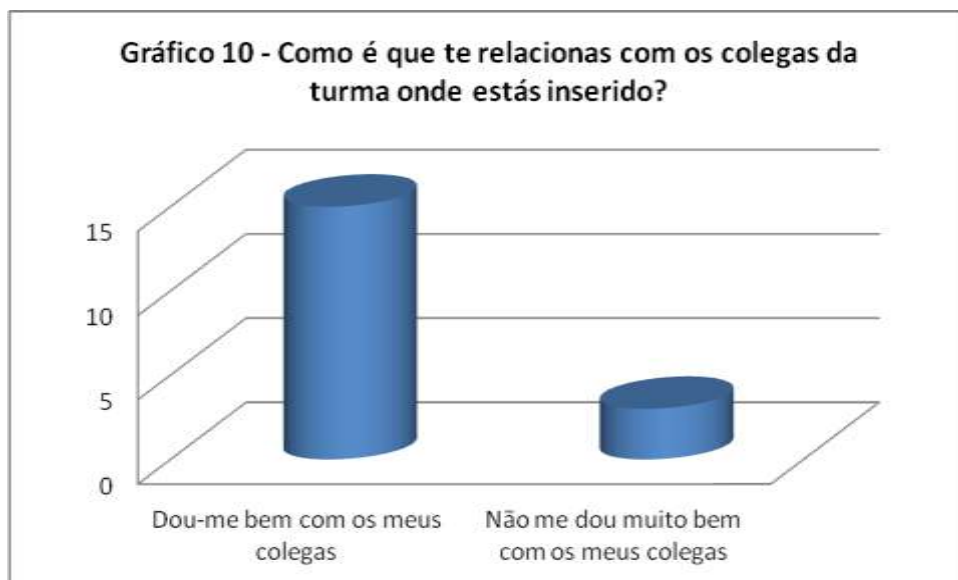
Para a questão 9 – O João tem um problema na perna e precisa de muletas para andar. O Ricardo tirou-lhe uma muleta, como é que achas que o João se sente? Se estivesses a ver, o que é que tu farias? – as respostas das crianças podem ser vistas nos gráficos.





Na resposta a esta pergunta cinco crianças respondem que o João se sente triste com a situação, quatro crianças respondem que acham que o João se sente mal, outras quatro consideram que o João fica zangado / chateado / irritado e duas das crianças pensam que a perna fica a doer ao João (três crianças não mencionam como é que o acham que o João se sente). No que diz ao que fariam se estivessem a ver a situação, dez crianças respondem que diziam ao Ricardo para dar a muleta ao João, seis crianças afirmam que iriam atrás do Ricardo e tiravam-lhe a muleta e depois davam-na ao João e duas das crianças não mencionam o que faziam perante a situação. Nas respostas a esta questão fica bem evidente que as crianças são empaticamente sensíveis com o João; Em todas as categorias de resposta: “o João sente-se triste”, “o João sente-se mal”, “o João fica zangado / chateado / irritado” e “o João fica com a perna a doer” é perceptível que não existe uma indiferença perante a situação apresentada. As categorias “dizia ao Ricardo para dar a muleta ao João” e “ia atrás do Ricardo e tirava-lhe a muleta e depois dava-a ao João” vêm reforçar o anteriormente mencionado. O sentimento de empatia aparece aqui em destaque, pelo que as crianças ao conseguirem colocar-se no lugar do outro e ao tomarem uma atitude no sentido de ajudarem quem está a ser vítima de bullying não compactuam com a situação de violência.

Através do gráfico 10, segue a análise das respostas à questão 10 – Como é que te relacionas com os colegas da turma onde estás inserido?



Na resposta a esta pergunta quase a totalidade das crianças referiu que se dá bem com os colegas da turma (quinze crianças). Três crianças referem que não se dão muito bem com os colegas; uma das crianças entrevistadas diz: “o ... anda-me sempre a bater e os outros não querem brincar comigo. Ele bate-me porque... Um miúdo bate-me, eu bato-lhe, ele diz ao ... e depois ele desata a correr atrás de mim e a bater-me sem eu lhe ter feito nada. E todos não querem brincar comigo, eu estava a jogar futebol e eles estavam a dizer que eu não estava a jogar mas eu estava, eles só disseram isto para eu não brincar com eles. Só brinco com o ... e com o”

Ainda na resposta a esta pergunta uma outra criança responde:

“Não me dou muito bem. Eles estão sempre a gozar comigo e estão sempre a fazer coisas más para mim e às vezes eu até não me defendo, e até às vezes são meus amigos ... Eles gozam sempre por alguma razão, por exemplo, só que aí não me magoei... por exemplo, eu por exemplo falho num jogo, eles também começam a gozar. Sempre que eu falho em alguma coisa eles começam a gozar.

E – Mas tu fazes o teu melhor.

Criança – Eu faço sempre o meu melhor. Um dia o Ttt estava a gozar comigo porque eu errei na contagem de 9 vezes 8.

E – Eles gozam contigo no recreio?

Criança – É raro.

E – Então isso acontece mais na sala?

Criança – É

E – Na sala a professora e eu também se acontece alguma situação dessas intervimos.

Criança – Pois mas o Ttt goza baixinho”.

Uma outra criança entrevistada refere também que é gozada por alguns colegas. Veja-se um excerto da entrevista.

“E – E porque tu achas que isso acontece?

Criança – Eles gozam comigo.

E – Eles gozam contigo.

Criança – Desde o 1º ano ao 3º ano, desde o primeiro dia que eu entrei, desde o primeiro dia de escola, eles começaram-me a gozar.

E – O que é que acontece?

Criança – Dizem que eu fazia sexy, naquela dança...

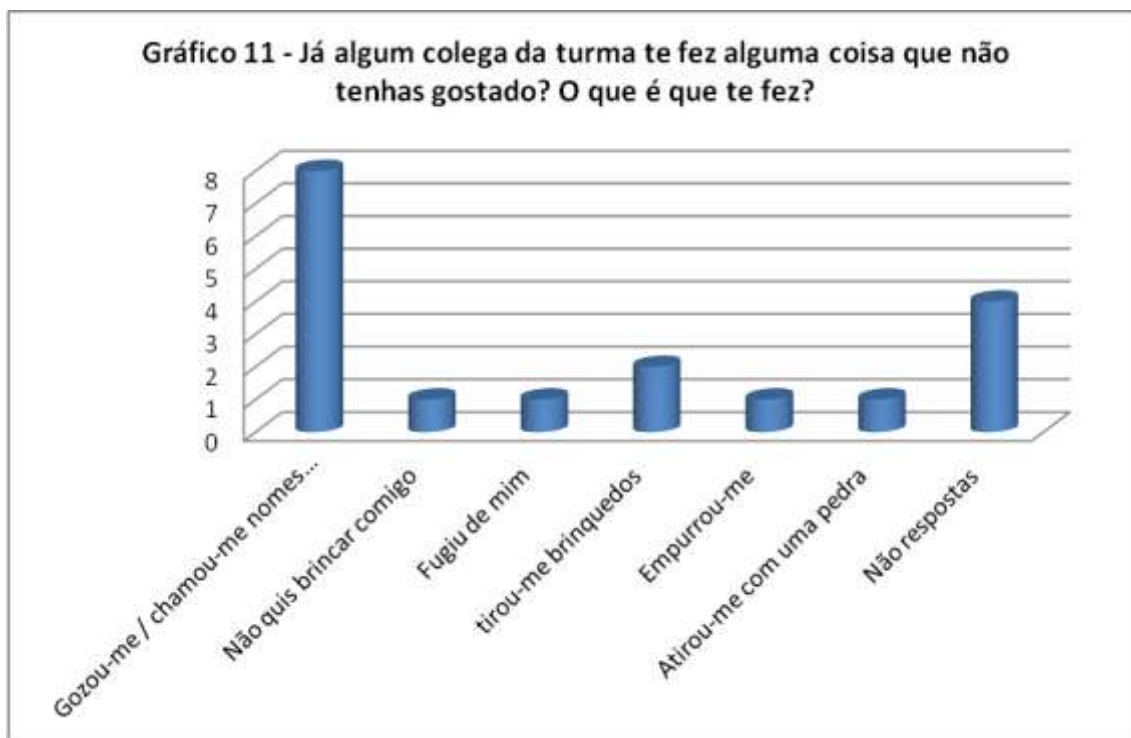
E – Quando eles estão a gozar o que é que tu fazes?

Criança – Eu fujo quando fico triste, e às vezes quando eles me irritam eu começo a dar-lhes murros, pontapés e quando eles me irritam mais até me apetece pegar neles e atirá-los para fora daqui.

E – Bate-lhes.

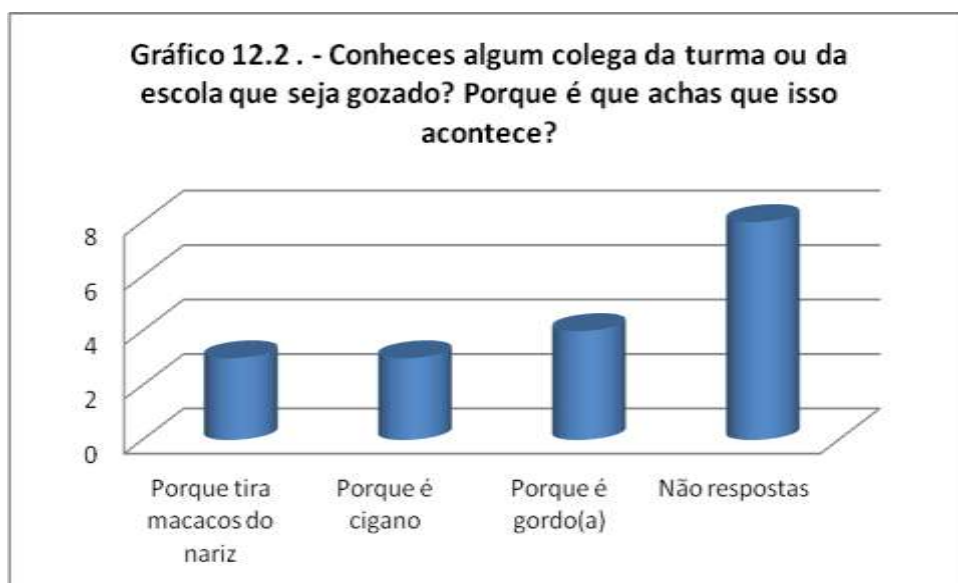
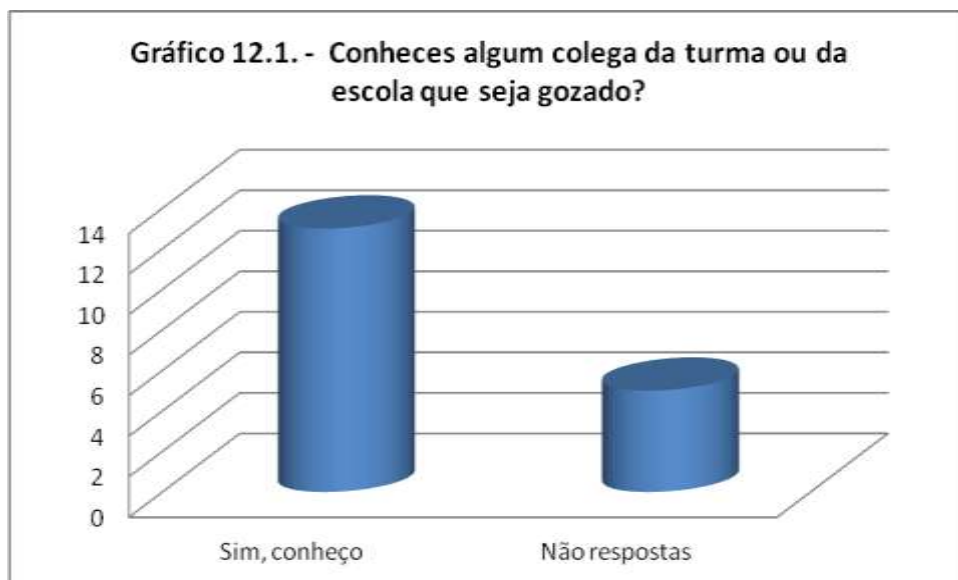
Criança – Bato-lhes com pouca força para as auxiliares não me castigarem”.

Para a questão 11 - Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado? O que é que te fez? O que é que tu fizeste? Apresenta-se o seguinte gráfico:



As respostas incluem os seguintes tópicos: gozar / chamar nomes / bater, não querer brincar, fugir, tirar brinquedos, empurrar e levar uma pedrada. O tópico gozar / chamar nomes / bater é o mais mencionado pelas crianças, sendo que oito referem que ou já foram gozadas, ou já lhes bateram, ou ambas as coisas ou então já lhe chamaram nomes. Duas crianças referem-se ao tópico tirar brinquedos. Os tópicos não querer brincar, fugir, empurrar e levar uma pedrada são mencionados cada um deles por uma criança. Do total das dezoito crianças entrevistadas catorze referiu que já lhe fizeram algo que não gostaram, duas das crianças dizem não terem sido alvo de algo que não tenham gostado e outras duas não respondem a esta questão. A categoria de resposta a esta pergunta “gozou-me / chamou-me nomes” enquadra-se num tipo de bullying específico – bullying direto verbal (Sá, J., 2012: 62; Mynard & Joseph, 2000: 169). As categorias “tirou-me brinquedos”, “empurrou-me”, “atirou-me com uma pedra” referem-se a bullying direto físico. Finalmente as categorias “fugiu de mim”, “não quis brincar comigo” enquadram-se no bullying indirecto (Sá, J., 2012: 62; Mynard & Joseph, 2000: 169).

Finalmente para a questão 12 - “conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado? Porque é que achas que isso acontece?” – apresenta-se os seguintes gráficos:



Treze das crianças entrevistadas referem o nome de um ou mais colegas que são gozados e cinco crianças não identificam colegas que sejam alvo de chacota. Quando as crianças têm de referir os motivos da chacota reportam-se às seguintes categorias: “tira macacos do nariz”, “é cigano” e “é gordo/a”. Aqui fica claro que a aparência física (ser gordo, por exemplo, desencadeia bullying; o pertencer a uma etnia diferente, neste caso à etnia cigana, é motivo de exclusão.

A dinamização de atividades de grupo como estratégia de integração e de prevenção do bullying

No âmbito do estágio e atendendo à temática em estudo, procurámos promover o desenvolvimento do sentimento de cooperação e de empatia em contexto escolar, melhorando as relações entre as crianças. Com este objetivo, nas nossas intervenções, sempre que possível propusemos tarefas de grupo ou trabalho a pares, com o objetivo de dar às crianças a oportunidade de cooperarem e de se ajudarem mutuamente.

Foram realizadas atividades que implicaram trabalhar em grupo, especificamente foram constituídos grupos para se elaborarem cartazes alusivos à região de Aveiro. Nesta atividade foi perceptível que as crianças sentiram a necessidade de organizarem a informação que tinham disponível para a elaboração dos cartazes e que por outro lado identificavam colegas para realizarem tarefas específicas. O trabalho de grupo esteve também sempre presente nas sessões que foram dinamizadas ao nível da componente da oferta complementar, a saber ciências experimentais, uma vez que se formavam grupos para se explorarem várias questões problema; entre as questões problema exploradas destacaram-se as seguintes: todos os materiais deixam passar a luz, o que acontece à sombra se variar a distância da fonte luminosa ao objeto, como é que as superfícies polidas refletem a luz, o que acontece à luz quando atravessa um meio diferente do ar, como se propaga a luz, será que a imagem de um objeto é igual em qualquer tipo de espelho. Na exploração destas questões o trabalho desenvolvido nos diferentes grupos constituídos era de exploração e de investigação. Deste modo, as crianças no seio do grupo observavam, faziam previsões, testavam conjeturas, tiravam conclusões, comunicavam entre si sobre a experiência que estavam a desenvolver. Sem dúvida que as metodologias associadas à investigação científica designadamente o trabalho prático/laboratorial/experimental veio ao encontro do desenvolvimento do sentimento de cooperação e de ajuda entre as crianças. Necessariamente estas envolveram-se na resposta às questões problema e no sentido de encontrarem respostas para as suas

perguntas manipularam materiais, observaram, formularam hipóteses, chegaram a conclusões num contexto de cooperação e de trabalho em grupo.

Exemplos dessas iniciativas foram também a construção de uma árvore de natal (técnica de dobragem) e a realização de flocos de neve. No decurso da atividade pude perceber como a dinâmica de trabalho a pares contribuiu para a melhoria das relações entre as crianças. As crianças que iam conseguindo concretizar as atividades ajudaram as que ainda estavam com dificuldades em realizar as mesmas. Foi interessante perceber que aquando da realização das árvores de natal, que implicavam a dobragem de uma revista na totalidade, as crianças que tinham revistas com muitas páginas foram ajudadas a concluir a dobragem por colegas que se disponibilizaram para o efeito. Na atividade de elaboração de flocos de neve a dinâmica foi semelhante, algumas crianças ajudavam outras no sentido de estas concretizarem a tarefa. As crianças gostaram bastante da atividade e pediram para fazerem vários flocos de neve.

III – Conclusões e considerações finais

Ao iniciar este capítulo, parece-nos fazer sentido retomar os objetivos subjacentes ao nosso trabalho junto de uma turma de crianças do 3º ano de escolaridade, e que estão na base das nossas conclusões:

- ✓ Identificar comportamentos e ideias de crianças de uma turma do 1º ciclo do ensino básico relativamente à problemática do bullying;
- ✓ Compreender como se sentem e o que fazem as crianças quando elas próprias são perturbadas;
- ✓ Perceber como se sentem as crianças e o que fazem quando veem outros serem perturbados;
- ✓ Entender como é que as crianças acham que os outros se sentem quando são perturbados (colocar-se no lugar dos outros);
- ✓ Identificar situações próximas de bullying e procurar prevenir a escalada de violência;
- ✓ Contribuir para a melhoria das relações interpessoais entre as crianças da turma.

É tendo em atenção estes objetivos que passamos a apresentar as conclusões e reflexões que este trabalho suscitou. Antes de mais, parece-nos importante salientar que nem todas as situações de conflito entre as crianças, podem ser consideradas bullying. Na situação de conflito normal, como já referido anteriormente, predominam os seguintes aspetos:

- Os intervenientes explicam porque não estão de acordo, manifestando as suas razões;
- A disputa é momentânea, não perdura no tempo;
- As crianças desculpam-se e procuram soluções equilibradas, acordam um “empate”;
- Os intervenientes negociam para satisfazer as suas próprias necessidades;
- As crianças são capazes de ultrapassar a questão e esquecer o assunto.

No seguimento do mencionado foi interessante perceber que uma das crianças entrevistadas identificou os conflitos no recreio como fazendo parte da interação e como sendo normais pois as crianças agora estão bem umas com as outras e a seguir aborrecem-se por algum motivo; esta criança vê o conflito como algo que faz parte do relacionamento entre pares e que portanto “faz parte da vida”, como refere. Veja-se o excerto que a seguir se apresenta que testemunha o que acaba de ser explicitado.

Criança – Dou-me bem, só algumas vezes é que discutimos, não é tão mal, nem nada, só algumas vezes é que nos chateamos, muitas vezes no recreio não brincamos mas no próximo já brincamos...

E – E porque é que tu achas que isso acontece?

Criança – É o circo da vida... Ah, como é que se diz?

E – É o ciclo da vida.

Criança – Toda a gente não é perfeita, que nunca se zanga!

E – As pessoas chateiam-se, faz parte da vida.

Criança – Faz parte da vida.

Por outro lado, é também perceptível no testemunho desta criança que quando é questionada sobre se algum colega da turma ou da escola lhe fez alguma coisa que não tenha gostado ela refere que isso já aconteceu com todas as crianças à exceção da criança de etnia cigana, que menciona que ela nunca lhe fez algo que ele não tenha gostado; menciona ainda que esse colega de etnia cigana fica triste quando não querem brincar com ele. O excerto da entrevista que a seguir se apresenta suporta o que acaba de ser explicado.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Todos. Menos o Muitas vezes o fica triste porque ninguém quer brincar com ele. Mas o ... nunca me fez nada que eu não gostasse.

E – E tu costumavas brincar com o ...?

Criança – Costumo, muitas vezes.

E – Porque é que tu achas que não brincam com o ...?

Criança – Porque ele é cigano, porque ele cheira mal muitas vezes, aquela fogueira que foi lá...

E – Sim, a do magusto.

Criança – Cheira a cigano, eles aquecem-se nas fogueiras.

Depois de realizadas as entrevistas e pela observação direta pode-se concluir que, de uma forma geral, as crianças manifestaram sentimentos de tristeza e de mau estar perante diferentes situações, a saber: exclusão de uma brincadeira, não cumprimento de regras em situação de jogo, conflito entre colegas, situação de gozo ou de retirada de um

brinquedo por parte de um colega. De salientar que as crianças desenvolvem comportamentos distintos perante as situações de contrariedade. Enquanto algumas crianças encontram alternativas para a situação de mau estar, outras não encontram soluções ficando tristes e até numa situação de exclusão / isolamento do grupo. Estas crianças são as que apresentam maior probabilidade de se distanciarem do grupo e de acabarem por ser discriminadas pelo mesmo.

Considerado o que é conflito normal importa também referir que existiam casos, dentro do grupo, que se podiam enquadrar na definição de bullying. As entrevistas realizadas individualmente vieram revelar situações de agressão física, chacota e exclusão de grupo.

O facto de existirem situações de deficiência e de pertença à etnia cigana, no seio do grupo, levava a que houvesse comportamentos, por vezes, discriminatórios (isto foi constatado nas entrevistas individuais), no entanto, a criança de etnia cigana foi mantida no grupo, apesar de ter sido retida, porque aquando da entrada na escola fez rejeição.

Pelas entrevistas realizadas constatou-se que existiam crianças que não eram bem aceites pelos colegas de grupo quer por apresentarem alguma deficiência, quer por pertencerem à etnia cigana, quer por apresentarem traços de personalidade ou outras características específicas (elevado desempenho escolar, por exemplo).

Concretamente na pergunta “como te relacionas com os colegas da turma” são apresentadas evidências relativamente a crianças que são vítimas de bullying, nomeadamente situações de chacota. Além de que é relatado um caso concreto de uma vítima de bullying. Veja-se o excerto da entrevista que a seguir se apresenta:

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo, é o que está a acontecer aqui na imagem, certo?

Criança – Sim (ri-se).

E – Porque é que te riste?

Criança – Porque costuma acontecer.

E- Sim, e como é que te sentes?

Criança – Com medo.

E – Sentes-te com medo. Tu estavas a rir-te, isso costuma acontecer no recreio contigo?

Criança – Antes costumava, com o Fff.

E – E agora, já não acontece?

Criança – Não.

E – Então antes costumava acontecer, então e o que é que acontecia? Como é que era?

Criança – Eu estava a brincar com o Xxx e ele também brincava, eu não tinha mais ninguém para brincar, era só eles, porque a Yyy, a Nnn, a Zzz e a Rrr ainda não eram minhas amigas. (Silêncio). E depois tive de brincar com o Xxx porque ele era meu amigo e depois o Fff metia-se comigo, começava-me a bater-me e a chamar-me nomes.

E – E tu sentias-te como Ddd?

Criança – Com medo. Se eu dissesse alguém ninguém acreditava em mim, que o Fff mentia muito e só acreditavam nele. A professora dizia “só queres meter as culpas para o Fff”, mas isso era mentira.

E – Porque é que tu achas que ele se metia contigo?

Criança – Não sei.

E – Alguma vez conversas-te com ele sobre isso?

Criança – Eu dizia por exemplo, vou dizer à diretora, e ele dizia, “não, não desculpa, desculpa”.

E – E tu o que fazias?

Criança – Não dizia.

E – Não dizias.

Criança – Se não ele batia-me mais.

E – Então e agora já não acontece isso?

Criança – Não.

E – Tu agora dás-te bem com o Fff? No recreio já não costumam andar à luta?

Criança – Não.

E – O que achas que aconteceu para se resolver isso?

Criança – Porque, é... No primeiro e no segundo ano ele bateu-me muito e depois as nossas mães souberam e disseram que se fosse mais uma vez que o Fff me batesse íamos para o colégio interno.

E – Foi por isso que achas que o Fff te deixou de bater?

Criança – Sim.

E – Tu achas que ele se sentia bem a fazer isso?

Criança – Sim.

E – Achas que ele se sentia bem?

Criança – Eu estava num canto a chorar por causa dele e ele começava-se a rir com o Xxx, mas o Xxx ia ao pé de mim, falava comigo e depois começava a bater no Fff.

E – E o que é que o Xxx te dizia?

Criança – Dizia para não me preocupar que o Vvv, o Ttt e isso estavam ali para bater ao Fff e para ele não me bater a mim. Defendiam-me.

E – E isso acontecia? Eles defendiam-te?

Criança – Acontecia.

E – E eles batiam no Fff?

Criança – Batiam, mas depois ele desviava-se deles e vinha bater-me a mim outra vez.

E – E o que tu achavas disso, de os colegas baterem no Fff?

Criança – Achava... Como assim, não estou a perceber...

E – Tu estavas a dizer que o Ttt e mais colegas se juntavam para bater no Fff para te defender.

Criança – Sim.

E – E o que tu achavas disso?

Criança – Achava que ele merecia.

E – Achavas que ele merecia. Que eles estavam a defender-te. E o Fff, como é que reagia a isso dos colegas?

Criança – Também lhes batia a eles e a mim.

Neste excerto de entrevista fica claro que estamos perante uma situação de bullying; estamos perante uma situação em que a agressão não é pontual, prolonga-se por um longo período de tempo e por outro lado a criança vítima de bullying tem medo de contar o seu problema, pois teme represálias.

Na pergunta “conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?” a maioria das crianças reconhece alguém como vítima de gozo. As crianças que são identificadas como vítimas de chacota são claramente um grupo específico.

Tendo este projeto subjacente a temática da prevenção do bullying foram desenvolvidas ações no sentido das crianças perceberem a perspetiva do outro. Nesta ordem de ideias, e concretamente aquando da realização das entrevistas, uma das questões colocadas foi “o João tem um problema na perna e precisa de muletas para andar. O Ricardo tirou-lhe uma muleta, como é que achas que o João se sente? Se estivesses a ver, o que é que tu farias?” Nas respostas a esta questão fica bem evidente que as crianças são empaticamente sensíveis com o João; Em todas as categorias de resposta: “o João sente-se triste”, “o João sente-se mal”, “o João fica zangado / chateado / irritado” e “o João fica com a perna a doer” é perceptível que não existe uma indiferença perante a situação apresentada. As categorias “dizia ao Ricardo para dar a muleta ao João” e “ia atrás do Ricardo e tirava-lhe a muleta e depois dava-a ao João” vêm reforçar o anteriormente mencionado. O sentimento de empatia aparece aqui em destaque, pelo que as crianças ao conseguirem colocar-se no lugar do outro e ao tomarem uma atitude no sentido de ajudarem quem está a ser vítima de bullying não compactuam com a situação de violência.

Na pergunta – imagina que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras do jogo, como é que te sentes e o que é que fazes? A resposta “digo ao colega para cumprir as regras e explico-lhe as mesmas”, assim como as outras respostas mencionadas explicitam que as crianças se sentem orientadas quando as regras estão definidas e que as mesmas lhes dão segurança, pois as crianças têm necessidade de saber claramente quais são as regras (isto em qualquer situação, neste caso específico, é numa situação de jogo, no entanto tal estende-se às várias situações de interação social). Fica claro que as crianças entendem que as regras são para cumprir e que o não cumprimento das mesmas não é aceitável. Reportando à temática do bullying é importante retomar que uma das medidas preconizadas ao nível da escola é a adoção de regras e aplicação de sanções aos não cumpridores e que ao nível da sala de aula é essencial definir regras de turma contra o bullying e estabelecer sanções por incumprimento dessas mesmas regras.

Importa ainda salientar que as crianças demonstraram sentir-se felizes quando desenvolvem determinada ação / comportamento positivo e são elogiadas e / ou reconhecidas. Neste sentido, as crianças procuram ter mais ações / comportamentos que levam ao elogio, o reforço positivo incentiva essas mesmas ações.

A intervenção delineada neste estágio teve como objetivo principal a melhoria das relações estabelecidas entre as crianças da turma. Especialmente uma das atividades planeadas, claramente, foi um sucesso. Na atividade em que foi promovida a realização de árvores de natal e de flocos de neve, as crianças que iam conseguindo acabar a atividade ajudaram as que estavam com dificuldades em terminar. A entreajuda entre as crianças possibilitou que todas pudessem levar para casa uma árvore de natal (algumas crianças teriam desistido da atividade se um outro colega não tivesse intervindo). Algumas crianças particularmente tomaram a iniciativa de colaborar com os colegas mas todas as crianças se envolveram na atividade proposta e o sentimento vivido era de harmonia e de bem-estar. Aquando da realização desta atividade senti que estava a conseguir juntar aquele grupo de crianças.

Nesta ordem de ideias o conjunto de estratégias, a adotar na prevenção de comportamentos violentos, passa pela resolução de conflitos de forma não violenta, pela

promoção de competências de comunicação interpessoal (questionar, escutar, negociar), pela promoção da assertividade e da empatia e pela aprendizagem cooperativa.

As certezas que sustentarão as minhas dúvidas...

A concretização deste trabalho de investigação foi para mim uma caminhada que se revelou um desafio. É estranho termos o sentimento de que procuramos algo e que não estamos a conseguir encontrar respostas... Até ao final do estágio senti que estava a trabalhar com aquele grupo de crianças e que ainda não podia desistir de fazer mais alguma coisa além do que já tinha vindo a fazer! Era como se a minha missão ainda não tivesse terminado... Pouco tempo antes do estágio terminar, já com o tempo a escassear, não consegui desistir de planear uma última atividade; esta última atividade proposta foi a realização das árvores de natal e dos flocos de neve. Nesse momento senti que estava a conseguir juntar aquele grupo de crianças.

Nos dias de hoje falar numa educação assente em valores parece-me mais atual do que nunca. Os conteúdos académicos são muito importantes mas paralelamente as crianças precisam de aprender a ser, precisam de ser crianças que crescem num ambiente afetuoso e atento. Há que investir numa educação de afetos, há que investir numa educação baseada na cooperação e na empatia. O sentimento de empatia deverá ser desenvolvido desde a primeira infância e os profissionais de educação deverão ter esta preocupação. A aprendizagem que cada docente faz ao longo do seu percurso profissional e pessoal é muito específica e nunca termina, os desafios sucedem-se e as respostas procuram-se de acordo com os contextos em que se atua. Não tenho dúvidas quanto ao meu lugar e à minha missão na educação, sei que serei uma docente com dúvidas permanentes, mas sei que essa certeza fará de mim uma profissional em permanente processo de melhoria e crescimento.

Bibliografia

Amado, J. (2010). *Da indisciplina escolar ao cyberbullying*. Coimbra: ED.UC – Portal de ensino à distância. Universidade de Coimbra.

Ander-Egg, E. & Idáñez, M. (1999). *Como elaborar um projeto – Guia para desenhar projetos sociais e culturais*. Projeto Atlântida. Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social. Lisboa.

Arándiga, A. V., Tortosa, C. V. (1998). *Desarrollando La Inteligencia Emocional – Metodo EOS – Programa para el desarrollo de la inteligencia emocional II*. Nivel Óptimo: Educación Primaria (ciclo 2º).

Beane, A. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto: Porto Editora.

Beane, A. (2011). *Proteja o seu filho do bullying*. Porto: Porto Editora.

Beran, T., & Li, Q. (2007). *The relationship between cyberbullying and school bullying*. Journal of student wellbeing, Vol. 1 (2), 15-33.

Branco, A. U., Pessina, L., Flores, A. & Salomão, Silvio. (2004). *A sociocultural constructivist approach to metacomunication in child development*. Em A.U. Branco & J. Valsiner (Orgs.). *Metacomunication in human development* (pp. 3-32). Greenwich, CT: Information Age Publishing Inc.

Branco, A.U., Palmieri, M., Gomes Pinto, R. (2012). *Cultural practices and value constructions: the development to competition and individualism within societies*. Em A. Branco & J. Valsiner (Orgs.), *Cultural psychology of human values* (pp.31-62). Charlotte, NC: Information Age Publishing.

Cardoso, A. M., Peixoto, A. M., Serrano, M. C., & Moreira, P. (1996). *O movimento da autonomia do aluno: Estratégias a nível da supervisão*. Em I. Alarcão (Org.), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão* (pp. 89-122). Porto: Porto Editora.

Carvalhosa S. F., Lima, L., Matos, M. G. (2001). *Bullying – A provocação / vitimação entre pares no contexto escolar português*. *Análise psicológica*, 4 (XIX): 523-537.

Charlot, B. (2002). *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*. Sociologias, 4(8), pp. 432-443.

Cole, M. & Cole, S. R. (2004) *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.

Costa, Maria Emília & Vale, Dulce (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Cuche, D (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc.

Dewey, J. (1933). *How we think*. London: Heath.

Diário da República, 2ª série, n.º17 (24 de janeiro de 2012). *Recomendação sobre Educação para a Cidadania*.

Diaz-Aguado, M. (2003). *La violencia en la escuela*. Em Sanmartin (Ed.). *La violencia*. Barcelona: Ariel.

Eisenberg, N. & Mussen, P.H. (1989). *The roots of prosocial behavior in children*. Cambridge: Cambridge University Press

Eisenberg, N. & Strayer, J. (1987). *Empathy and its development*. Cambridge: Cambridge University Press

Fante, C., & Pedra, J. (2008). *Bullying escolar - perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed.

Figueiredo, I. (1999). *Educar para a cidadania*. Edições ASA.

Freire, Isabel Maria P. Henriques (2001); *Percursos disciplinares e contextos escolares – dois estudos de caso*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, Editora Colibri

Haber, J., & Glatzer, J. (2007). *Bullying - manual anti-agressão*. Casa das letras.

Haselager, G. & Lieshout, C. V. (1992). *Social and affective adjustment of self and peer-reported victims and bullies. Paper presented at the Vth European Conference on Development Psychology*. Sevilha, Espanha.

Henriques, M., Rodrigues, A., Cunha, F., & Reis, J. (1999). *Educação para a Cidadania*. Plátano Editora.

Hoffman, M.L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.

Marques, A. (2001). *A intervenção no recreio e a prevenção de comportamentos anti-sociais*. Em B. Pereira & A. Pinto (Eds.), *A Escola e a Criança em Risco - Intervir para prevenir*. Porto: Edições ASA.

Martins, M. J. D. (2005). *Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico*. *Análise psicológica*, 4 (XXIII): 401-425.

Menesini, E.; Eslea, M.; Smith, P. K.; Genta, M. L.; Giannetti, E.; Fonzi, A.; Costabile, A. (1997). *A cross-national comparison of children's attitudes towards bully / victim problems in school aggressive behavior*, 23 – 245-257

Mynard, H, & Joseph, S. (2000). *Development of the Multidimensional Peer-Victimization Scale*. *Aggressive Behaviour*, Vol. 26, 169-178.

Neto, A. L. (2005). *Diga não para o bullying. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Rio de Janeiro, Abrapia, 146.

Olmo, H. R., Barbosa, P. M. (2007). *Como combater a violência escolar*. *Revista Educar bem*, Editorial Grupo V, 1, 56-68.

Olweus, D. (1993). *Bullying at School*. Blackwell Publishing.

Organização Mundial da Saúde (2002). *World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization Press.

Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). *O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância*. *Psico*, 36(2), 127-134.

Pereira, B. (2001). *A violência na escola – formas de prevenção*. Em B. Pereira & A. Pinto (Eds.), *A escola e a criança em risco – Intervir para prevenir* (pp. 17-30). Porto: Edições Asa.

Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Pereira, B. O. (1997). *Estudo e prevenção do bullying no contexto escolar. Os recreios e as práticas agressivas da criança*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança.

Pereira, M., & Silva, B. (2009). *A tecnologia sob o olhar de jovens e famílias: usos, valores, competências e o fator divisão digital*. Comunicação apresentada VI conferência internacional de TIC na educação – Aprendizagem in(formal) na web social.

Portugal, G., Laevers, F. (2011). *Avaliação em Educação pré-escolar – Sistema de Acompanhamento de Crianças*. Coleção Nova Cidine: Porto Editora.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Relatório do “Department of Education and Science (1989). *Discipline in schools: Report of the committee of inquiry chaired by Lord Elton*. London: HMSO”

Riess, M. L. (2010). *Trabalho em grupo: instrumento mediador de socialização e aprendizagem*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Rodríguez, N. (2004). *Bullying - Guerra na escola*. Sinais de Fogo.

Salmivalli, C. (2001). *Peer-led intervention campaign against school bullying: who considered it useful, who benefited?* *Educational research*, 43(3), 263-278

Sampaio, L.R., Camino, C.P. dos S., Roazzi, A. (2009) *Revisão de aspetos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. Psicologia Ciência e Profissão*, 29(2), 212-227.

Sanmartin, J. (2006): *La violencia escolar: concepto y tipos*. Em: A Serrano (Ed.): *Acoso y violencia en la escuela. Cómo detectar, prevenir y resolver el bullying*. Barcelona: Editorial Ariel.

Seixas, S. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares. Bem-estar e ajustamento escolar*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

Serrate, R. (2009). *Lidar com o bullying na escola. Guia para entender, prevenir e tratar o fenómeno da violência entre pares*. Sintra: K Editora.

Smith, D., & Sandhu, D. (2004). *Toward a Positive Perspective on Violence Prevention in Schools: Building Connections. Journal of Counseling & Development*, 82, 287-293.

Smith, P., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R., & Slee, P. (1999). *The Nature of School Bullying*. London: Routledge.

Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte Lda. Lisboa.

Ventura, A., & Fante, C. (2013). *Bullying - Intimidação no ambiente escolar e virtual*. Belo Horizonte: Conexa.

Webgrafia

Almeida, A., (2007), *“Violência na escola: a atuação dos auxiliares de ação educativa”*, obtido em março de 2014, <http://ria.ua.pt/handle/10773/4741>

Barbosa, R. (2007). *Bullying: Uma Naturalização de difícil convivência*. Obtido de Construir notícias: <http://www.uv.es/asabranca/encontre/barbosa.pdf>

Damiani, Magda Floriana (2008), *Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios*, obtido em abril de 2015 <http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a13>

DGE (dezembro de 2013). *Educação para cidadania - linhas orientadoras*, obtido em março de 2014, de Direção Geral da Educação: <http://www.dgidec.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=71>

Fino, C. N. (2009), *Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas*, Revista Portuguesa de Educação, obtido em abril de 2015 <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>

Gomes Pinto, R. (2007). *Educação Infantil: Desenvolvimento social na perspectiva de professoras*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília. Obtido em março de 2014 em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3043/1/2007_RaquelGomesPinto.pdf

Jardim, M. (2010). *Educação para a cidadania no 1.º CEB num Agrupamento de Escolas*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Obtido em março de 2014 em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1092/1/2010001757.pdf>

Martins, M. (2005). *Scientific Electronic Library* . Obtido em abril de 2014: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a05>

Moris, Aline dos Santos, Rocha, Marlizane Atanazio e Souza, Sueli de Oliveira *Trabalho em Equipe: uma prática que precisa tornar uma práxis no interior da escola* <http://www.eduvalesl.edu.br/site/edicao/edicao-114.pdf>

Paías, T. (s.d.). *Portal Bullying - Centro de ajuda online*. Obtido em maio de 2014 http://www.portalbullying.com.pt/artigos_semanais/cyberbullying.pdf

Pardaleiro Velez, Marina Fernanda (2010). *Indisciplina e violência na escola: Factores de risco. Um estudo com alunos do 8º e 10º ano de escolaridade*. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Obtido em março de 2014: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2565/1/ulfp035799_tm.pdf

Pereira, A. e Williams, L. (2010). *Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente*. Obtido em maio de 2014: <http://www.laprev.ufscar.br/documentos/arquivos/artigos/2010-stelko-pereira-e-williams.pdf>

Pereira, B. (2005). *Recreios escolares e prevenção da violência: dos espaços às atividades*. Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança. Obtido em abril de 2014 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3966>

Pereira, B., Silva, M., & Nunes, B. (2009). *Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal*. Obtido em maio de 2014 em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10118/1/BullyingDIALOGO-0004-00002826-artigo_03.pdf

Riess, Maria Luiza Ramos, (2010), *Trabalho em grupo – instrumento mediador de socialização e aprendizagem*, obtido em abril de 2015, <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35714/000816117.pdf?sequence=1>

Sá, J. (2012). *Bullying nas escolas: prevenção e intervenção*, *Repositório Institucional da Universidade de Aveiro*. Obtido em março de 2014, <file:///C:/Users/asus/Downloads/Tese.pdf>

Sebastião, J. (2009). *Violência na escola – uma questão sociológica*. Obtido em abril de 2014 em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/348/1/M4.pdf>

Tognetta, L. R. P., Vinha, T., P., *Estamos em conflito, eu comigo e com você: uma reflexão sobre o bullying e suas causas afetivas*. Em Cunha, J. L., Dani, L. S. C.: *Escola, Conflitos e Violências*. Santa Maria: Ed. Da UFSM. Obtido em abril de 2014 em <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullying%20Estamos%20Oem%20conflito.pdf>

Wikipedia, The Free Encyclopedia (2014), *Relational aggression*, obtido em março de 2014, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>

Anexos

Anexo 1 - Imagens referentes ao guião de entrevista





Anexo 2 – Transcrição de entrevistas

Transcrição 1

Se um amigo teu não quisesse brincar contigo como é que tu te sentes?

Triste.

E o que é que tu fazes?

Procuro outros meninos que queiram brincar comigo.

Procuras outros meninos que queiram brincar contigo. Olha, neste caso (da imagem) achas que a menina está triste?

Acho. Até está a mostrar que está a chorar.

Entrevistadora - Como é que é o sentimento de tristeza? (silêncio)

Entrevistadora – Quando tu te sentes triste sentes o quê? Consegues dizer-me? (silêncio) É difícil...

Criança - Sim

Entrevistadora – Estar contente é nós estarmos satisfeitos, alegres...

Criança – Insatisfeitos, quando estamos tristes

E – Quando nós estamos tristes estamos insatisfeitos (...)

E – Aqui nesta imagem estamos dois meninos, vamos pensar que tu estás a jogar com um amigo, e esse jogo tem regras e o teu amigo não está a cumprir essas regras. Como é que tu te sentes se ele não cumpre as regras desse jogo que vocês estão a jogar?

Criança – Um bocadinho triste e tentava explicar-lhe outra vez as regras.

E – Sentes-te triste, e o que tu tentas fazer é explicar-lhe as regras.

Criança – Para ele conseguir aprender a jogar...

E – Para ele conseguir aprender a jogar, que ele pode ainda não ter percebido as regras, não é isso?

Criança – Sim.

E – E se ele continuar a não cumprir as regras?

Criança – (Silêncio). Podia ir dizer à professora...

E – Podias ir dizer à professora, porque achas que já lhe tentaste explicar mas ele não percebeu.

Criança - Sim.

E – É isso?

Criança – Sim.

E – E tu achas que a professora poderia fazer o quê, nesse caso?

Criança – Tentar-lhe explicar-lhe e dizer-lhe que se ele não quer brincar que deixe os outros brincar.

E – Tu achas que a professora pode tentar explicar-lhe as regras, e talvez ele perceba...

Criança – E se ele não perceber pode dizer-lhe para deixar os outros brincar, se ele não quiser brincar.

E – E tu achas que também podes dizer-lhe isso?

Criança – (Silêncio). Talvez.

isso? E – Dizer ao menino que se ele não quer cumprir as regras, então que deixe os outros jogar, que os outros querem jogar, é

Criança – Sim. Ou podíamos jogar uma vez e ele estar a ver, depois ele compreendia melhor o jogo e depois já podia jogar.

E – Então o que tu sugerias era que o menino ficasse a ver...

Criança – ...um jogo para depois ele poder jogar também.

E – Que era para poder perceber as regras melhor, para depois poder jogar a cumprir as regras, é isso?

Criança – Sim.

E – Nesta imagem há um menino que está a empurrar o outro...

Criança – Parece que estão a lutar...

E – Parece que estão a lutar. Imagina que um menino(a) se mete contigo. Como é que tu te sentes?

Criança – Triste, aflito, mas podia ir dizer a uma auxiliar se isto fosse na escola; se fosse em casa podia ir dizer aos pais.

E – Então tu achas que se alguém te vier fazer alguma coisa...

Criança – Podemos ir dizer a uma pessoa maior.

fazer? E – A um adulto para te ajudar a resolver isso. E se não encontrasses nenhum adulto por perto, o que será que poderias

Criança – Não lhe ia bater, mas... (silêncio) Dizia para ele parar.

E – Dizias para ele parar. E se ele não parasse, achas que lhe poderias dizer outra coisa que o levasse a parar?

Criança – Não.

E – Tu dirias para ele parar...

Criança – Ou ir dizer a um adulto.

E – Se não houvesse o adulto terias que tentar resolver, dizendo para ele parar.

Criança – Sim, mas não lhe ia bater, porque quando eu encontrasse um adulto ia dizer-lhe e depois perdia a razão, porque também lhe bati.

E – Bater não é uma forma de resolver. Então a maneira que tu encontras de resolver isto é falando, conversando...

Criança – Se ele bater ninguém vai querer ser seu amigo.

E – Explicar-lhe que bater não é uma forma...

Criança – Bater não é uma forma de resolver os problemas. E que assim ninguém vai ser amigo dele. Porque ele está sempre a bater e assim ninguém vai ser amigo dele.

E – Olha se tu estás a fazer um trabalho que tu gostas e alguém vem perturbar, e alguém vem fazer uma coisa que perturba o que tu estás a fazer, como é que tu te sentes?

Criança – Infeliz, por ter depois o trabalho mal, mas podia-lhe sempre tentar dizer para ele parar...

E – Sim...

Criança – Para que se ele quisesse fazer o trabalho comigo fazer, mas sem perturbar.

E – Então ainda o podias convidar a ajudar a participar no teu trabalho, mas sem perturbar.

Criança – Mas sem perturbar, se não depois ficava o trabalho mal.

E – Então tentavas explicar-lhe, era isso? Ele não podia perturbar o teu trabalho, podia sim participar e ajudar.

Criança – Sim, é isso.

E – Imagina agora uma situação que estás a jogar com um amigo, e já não te apetece continuar a jogar, mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes? Ele quer continuar mas a ti já não te apetece.

Criança – Podíamos perguntar-lhe se podíamos parar de jogar e ir brincar a outra coisa qualquer. Se ele aceitasse podíamos ir brincar, se ele não aceitasse podia chamar alguém para ir brincar com ele.

E – Alguém para continuar o jogo com ele. Então e tu irias procurar fazer outra coisa. Era isso?

Criança – Sim.

E – Então, tu entendes que se já não te apetecia jogar...

Criança – Se já não me apetecia eu podia sair, podia pedir-lhe para jogarmos a outra coisa, se ele não quisesse podia ir por exemplo chamar outra pessoa que quisesse brincar com essa pessoa, mas não ia deixar de jogar e ir-me embora, porque ele ficaria triste por não ter ninguém para brincar.

E – Então tu tentarias encontrar uma alternativa, um outro colega que talvez pudesse brincar com ele. Ou então mesmo, convencê-lo como estavas a dizer, a jogar outra coisa, não era?

Criança – Também podia ser.

E – Imagina que estás a ver dois colegas a discutir...

Criança – A empurrarem-se...

E – Sim, o que é que tu fazes?

Criança – Podia meter-me no meio mas sem levar, sem defender um para depois... se não depois eu também levava e depois eles também levavam... podia dizer para eles pararem, para eles se entenderem ou até chamar um adulto pra dizer-lhes para eles pararem ou um adulto podia dar-lhes um tempo para eles pensarem no que fizeram.

E – Chamar um adulto...

Criança – Ou dizer para eles pararem e se entenderem.

E – Como é que tu achas que crianças que discutem, que se empurram, que se estão a agredir, se sentem?

Criança – (Silêncio). Mandões, pensam que mandam em todos, e depois se um não quer jogar ao que o outro quer começam os dois à bulha.

E – E como é que tu te sentes ao vê-los a discutir?

Criança – Triste por ver colegas a não se entenderem. Mas podíamos... eu sinto-me triste por causa de os ver assim a discutir.

E – Não gostas de ver colegas a discutirem.

Criança – Não.

E – Achas que têm de encontrar uma forma de se entenderem.

Criança – Sim.

E – No caso de um colega teu te tirar um brinquedo, como é que tu te sentes?

Criança – (silêncio). Triste e podia pedir-lhe para... (silêncio) ele me devolver o brinquedo e podíamos, depois dele me devolver o brinquedo, podíamos brincar todos juntos.

E – Então tu achas que podias brincar com esse colega...

Criança – Brincar com ele se me devolvesse o brinquedo, mas depois ele podia ser aquele homem que ele tirou; mas não é... só emprestado porque eu podia gostar muito do brinquedo, mas emprestar é emprestar, não é dar. emprestar é só deixar brincar o outro.

E – Se alguém elogia uma coisa que tu fizeste, como é que tu te sentes? Alguém diz assim, eh xxx, está muito bem, parabéns!

Criança – Feliz, feliz... podia dizer obrigado, agradecer-lhe por ele... E sentia-me muito feliz por ter feito coisas bem.

E – Gostas de receber elogios.

Criança – Sim.

E – (Aponta para a imagem). Nesta situação...

Criança – Esta menina está a gozar com esta por ter uma meia diferente da outra.

E – Se alguém gozar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Infeliz.

E – Sentes-te infeliz. E o que é que tu fazes se alguém goza contigo por causa de alguma coisa?

Criança – Digo para ele parar porque também pode acontecer ele ter uma meia de cada cor. Dizia para ele parar de gozar.

E – Nesta situação o que é que achas que está a acontecer?

Criança – O menino partiu a perna.

E – E este menino tirou-lhe as muletas, como é que tu achas que o menino que tem a perna partida se sente?

Criança – Chateado com o menino. Por exemplo é gozar... ele tem muletas porque precisa, tirou-lhe uma muleta para gozar com ele.

E – Porque é que achas que lhe tirou as muletas?

Criança – Porque acha que por este ter um problema na perna, acha que é melhor que os outros.

E – Como é que te relacionas com os colegas da turma?

Criança – Dou-me bem com eles. Alguns que eu me dou menos bem por causa de eles fazerem algumas porcarias, algumas porcarias, tirar macacos e essas coisas, mas de resto dou-me bem com eles.

E – Esses que fazem porcarias fazem o quê?

Criança – Tiram macacos do nariz, dão pus nas aulas, arrotam. E depois quando nós estamos a brincar, por exemplo ontem, eu estava a brincar com o Ttt, com o Fff e com o Vvv com uma pedra, mas assim pequena, no chão e o Lll e o Jjj chegaram lá e chutaram a pedra e não era para eles chutarem que nós estávamos a brincar e eles podiam pedir para jogar connosco. Não é para chegar lá, chegaram do A.T.L. e tiram-nos a pedra.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Não me estou a lembrar de nada.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Sim, o Jjj por causa de tirar macacos.

E – O que é que tu fazes quando ele é gozado?

Criança – Vou-me embora com os meus amigos e vou jogar a alguma coisa.

Transcrição 2

E – O que é que achas que está a acontecer nesta imagem?

Criança – Uma menina está a brincar e outra está triste.

E – E porque é que achas que a menina está triste?

Criança – Porque a menina não está a brincar com a outra menina.

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Triste.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – (silêncio). Às vezes podemos ir brincar com outros amigos...

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras do jogo, como é que tu te sentes?

Criança – Digo-lhe para ele jogar bem.

E – Explicas-lhe como é que ele tem de jogar?

Criança – Sim.

E – Imagina que um menino(a) vem e se mete contigo, como está a acontecer aqui (mostra a imagem). Como é que tu te sentes?

Criança – Zangada...

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Não bato no menino, vou ter com uma professora ou com uma funcionária.

E – E se não houver nenhuma professora / funcionária por perto? Não há nenhum adulto por perto, o que é que tu fazes?

Criança – Não faço nada, vou-me embora.

E – Se tu estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que estás a fazer como é que tu te sentes?

Criança – (Silêncio). Fico zangada.

E – E o que é que tu fazes, yyy?

Criança – Posso só dizer para ele parar ou digo a uma professora.

E – Não há lá nenhuma professora por perto.

Criança – Digo para ele parar.

E – Imagina agora que estás a jogar com um colega mas já não te apetece continuar a jogar, mas ele quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Digo-lhe: “já não quero jogar isto, amigo”.

E – Dizes-lhe que já não queres jogar mais. Se estás a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Triste porque depois acho que não vão brincar comigo.

E – Quando os vês discutir o que é que tu fazes?

Criança – Digo para eles pararem.

E - Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que te sentes?

Criança – Triste.

E – E o que é que fazes?

Criança – Digo que esse brinquedo é meu.

E – E depois?

Criança – E depois vou-me embora se ele me der o brinquedo.

E – E se ele não te der?

Criança – (Silêncio). Digo para ele me dar.

E – Se alguém diz bem de uma coisa que tu fizeste como é que tu te sentes?

Criança – Contente.

E – Se alguém goza contigo como é que tu te sentes?

Criança – Triste.

E – E o que é que fazes?

Criança – Não me importo que gozem comigo.

E – Já alguma vez alguém gozou contigo?

Criança – Não.

E – Nesta imagem, o João tem que usar muletas por causa da perna, o Ricardo foi e tirou-lhe a muleta, como é que achas que o João se sente?

Criança – Zangado.

E – Se tu estivesses a ver isto a acontecer o que é que tu fazias?

Criança – Pedia para o menino devolver a muleta ao João.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Bem.

E – Dás-te bem com os colegas da turma. Gostas de brincar com eles?

Criança – Sim.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Não.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Não sei.

E – Sabes o que é ser gozado?

Criança – Sim. Mas, não sei.

Transcrição 3

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Sentia-me triste.

E – Aqui, nesta imagem, esta menina está a chorar, porque é que tu achas que ela está a chorar?

Criança – Porque ninguém quer brincar com ela.

E – O que é que tu fazes quando um amigo teu não quer brincar contigo?

Criança – Vou tentar ir brincar com outros colegas. Se nenhum deles aceitar fico no banco à espera de tocar.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras. Como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me desiludido com ele. E também fico (silêncio)... Faço... Digo... Digo “estás a fazer mal, é assim que se faz”.

E – Explicas-lhe.

Criança – Explico-lhe, mas se ele voltar a fazer mal eu explico-lhe com os materiais que estamos a usar e não com palavras.

E – Em vez de dizeres só, pegas nos materiais que tens à frente e explicas-lhe com os materiais. É isso?

Criança – Sim.

E – E se ele continuar a não respeitar as regras?

Criança – Digo a alguma professora, aonde eu estiver, se estiver algum adulto...

E – Dizes a um adulto, e se não houver nenhum adulto por perto?

Criança – Tenho de resolver eu as coisas.

E – Tens de resolver, e resolves como?

Criança – tento trocar de colega.

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Desafiado.

E – Sentes-te desafiado e o que é que tu fazes?

Criança – Muitas vezes defendo-me, outras digo às auxiliares.

E – E como é isso de te defenderes?

Criança – Dou só assim uma estaladela, um murrito e mais nada. Se tiver um adulto por perto digo.

E – E se não tiveres nenhum adulto por perto?

Criança – Fujo o mais que puder.

E – Então foges ou dás uma estaladela, um murrito?

Criança – A maneira mais certa é fugir, mas se não temos ninguém por perto e se estamos encurralados temos de nos defender.

E – Tu achas que a maneira mais certa é fugir porquê?

Criança – Se nós corrermos rápido ele não nos apanha, e muitas vezes porque os rufias têm sempre amigos, que fazem asneiras também, e é melhor fugir do que bater em 3 ou 4.

E – Chamas-lhes rufias porquê?

Criança – Porque batem a muitas pessoas. Chama-se bulies.

E – Já ouviste falar em bullying?

Criança – Um bullie é um rufia. É um menino que bate em toda a gente, mete-se com toda a gente, até aos adultos ameaça. E que chega ao pé de uma criança, de um menino, a uma criança de 3 anos...

E – Ao pé de uma criança mais pequena...

Criança – ao pé de uma criança mais pequena e ameaça e muitas vezes tira-lhe as coisas e foge com elas.

E – Onde é que tu ouviste falar nisso Qqq?

Criança – Em filmes e lá da África do Sul da minha mãe.

E – A tua mãe é da África do Sul?

Criança – Sim, e lá acontecia muito isso.

E – Se tu estás a fazer um trabalho e um colega teu vem perturbar o que tu estás a fazer, o que é que tu fazes?

Criança – Digo a um adulto.

E – Como é que tu te sentes se ele te perturba o trabalho?

Criança – Fico enervado...

E – Então e o que fazes, dizes a um adulto?

Criança – Digo a um adulto ou então tento tirar-lhe a peça que ele me tirou e fujo com ela

E – É um trabalho que tu estás a fazer...

Criança – Sim, se for um papel, se ele me tira ou rasga é logo a um adulto ou só rasgar um bocadinho o dele.

E – Vais rasgar o dele.

Criança – Um bocadinho, porque ele rasga-me todo e eu não quero ser o culpado. Mas nunca me aconteceu isso. Se me acontecesse isso eu dizia ou então fugia.

E – Então, dizias, fugias...

Criança – Se não tivesse nenhum adulto fugia, se não tivesse nenhum sitio para fugir rasgava um bocadinho o dele e ele ficava zangado e não fazia mais isso.

E – Imagina que estás a jogar um jogo com um amigo e que já não te apetece jogar mais, ainda que apeteça ao teu amigo, o que é que tu fazes?

Criança – Eu dizia assim “eu já não quero jogar” porque muitas vezes acontece-me isso no recreio e eu digo “já não quero jogar” se ele não aceitar eu digo “a vida é minha tu não decides a minha vida”.

E – E vais jogar outra coisa?

Criança – Sim. Mas muitas vezes os colegas tentam ir atrás de nós para nos tentarem convencer a jogar.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Se me estiver a perturbar muito digo a uma auxiliar, como é sempre, é o mais provável.

E – Imagina que estás a ver dois colegas a discutirem, como é que te sentes?

Criança – Esquisito, com as voltas à cabeça...

E – Com a cabeça às voltas?

Criança – Sim.

E – Porquê?

Criança – Imagina que são dois meus amigos...

E – E isso acontece?

Criança – Acontece muito.

E – E então?

Criança – Mesmo eu com o Vvv discutimos muito. E se acontecer isso eu vou para o meio deles e separo-os e se me quiserem bater eu separo-os o máximo possível para eles não me conseguirem bater. Ou outras vezes escondo-me para não me verem e vou ter com uma auxiliar escondido porque depois sabem que eu fui fazer queixinhas.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que tu te sentes?

Criança – Ah, é o que me acontecia na pré, eu é que tirava, mas prontos...

E – Tu é que tiravas. Porque é que tu tiravas?

Criança – Porque muitas vezes dizia... eu queria brincar com ele e ele dizia não... eu só queria tirava porque ainda era na pré, nós ainda não tínhamos a noção...

E – Tu querias brincar com o brinquedo do colega, então ias lá e tiravas-lho...

Criança – Eu queria brincar com ele, ele disse não, então eu tirava-lhe o brinquedo e fugia. Mas quando... muitas vezes também me acontecia a mim e eu sinto-me triste...

E – Então o menino quando tu lhe tiravas o brinquedo também se sentia triste.

Criança – Era o Vvv. O Vvv é o que acontece quase tudo.

E – O Vvv é o teu melhor amigo.

Criança – Desde o infantário até ao 3º ano.

E – Vocês andaram juntos nas Barrocas?

Criança – Sim, no infantário e na creche.

E – Se alguém elogia o teu trabalho como é que tu te sentes?

Criança- Isso foi como a piscina, eu fico muito, fico tão excitado que até faço tudo bem, fço tudo, tudo.

E – Então como é que foi isso da piscina?

Criança – A minha mãe disse para eu deslizar mais na piscina ao fazer isto.

E – Tu andas na piscina.

Criança – E eu fiz isso e a professora disse “ que bom Qqq, fizeste muito bem” e ainda por cima um menino estava a fazer mal e eu passei pela professora e a professora disse “olha como é que o Qqq está a fazer”.

E – E tu como é que te sentiste?

Criança – Senti-me excitado, feliz, muito feliz.

E – Com outros colegas que não o Vvv acontece também isso tipo de coisas, vocês chatearem-se?

Criança – Acontece, com o Mmm, com o Fff.

E – Então e vocês chateiam-se...

Criança – Os meus amigos, os meus amigos eu não bato, a não ser que eu chegue a um ponto e fique zangado.

E – E quem são os teus amigos?

Criança – São todos de lá da minha turma

E – Então tu bates a quem?

Criança – Aos que eu não conheço, que andam no 4º ano, 2º e 1º e me tentam ameaçar. Mas o 1º eu não faço tanta força, nem no 2º mas no 4º faço. Outras vezes, quando tento defender, aos do 1º e 2º dou-lhes uma palmada no cu.

E – Se alguém gozar contigo como é que tu te sentes?

Criança – (Vê a imagem) – Trouxe uma meia de cada cor. Mas não devíamos gozar, cada um tem os seus sentimentos, não somos animais, não somos animais daqueles animais, moscas, insetos, insetos. Os insetos não sentem nada, os macacos sentem. Todos os animais que andam que são grandes, pequenos, mas os insetos que voam, os minis não sentem nada.

E – Como é que tu te sentes se gozarem contigo, já gozaram contigo?

Criança – (Silêncio) Só me gozaram... Não, nunca me gozaram.

E – E como é que tu achas que se sente quem é gozado?

Criança – Sente-se envergonhado porque depois uma pessoa goza, toda a gente repara, e começa toda a gente a gozar. Começam-se a rir e as pessoas ficam tristes, envergonhadas e muitas vezes para disfarçar sorriem e dizem “é giro não é” e depois saíem da multidão e ficam tristes.

E – Aqui o João tem um problema numa perna e tem de andar de muletas e o Ricardo resolveu tirar-lhe uma muleta, como é que tu achas que o João se sente.

Criança- Sentia a perna a doer, sentia a perna a doer não fica triste, não fica exatamente como está aqui, fica é a doer.

E – E o que tu achas que o João sente em relação ao Ricardo, que lhe tirou a muleta?

Criança – Muitas vezes essas pessoas são assim, nunca mais querem brincar com ele porque depois podem fazer a mesma coisa.

E – Não querem brincar com o Ricardo.

Criança – Nunca mais.

E – Se tu estivesses a ver isto o que é que tu fazias?

Criança – Ia atrás dele, tentava tirar-lhe a bengala e dava-a outra vez ao João.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Dou-me bem, só algumas vezes é que discutimos, não é tão mal, nem nada, só algumas vezes é que nos chateamos, muitas vezes no recreio não brincamos mas no próximo já brincamos...

E – E porque é que tu achas que isso acontece?

Criança – É o circo da vida... Ah, como é que se diz?

E – É o ciclo da vida.

Criança – Toda a gente não é perfeita, que nunca se zanga!

E – As pessoas chateiam-se, faz parte da vida.

Criança – Faz parte da vida.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Todos. Menos o Bbb. Muitas vezes o Bbb fica triste porque ninguém quer brincar com ele. Mas o Bbb nunca me fez nada que eu não gostasse.

E – E tu costumavas brincar com o Bbb?

Criança – Costumo, muitas vezes.

E – Porque é que tu achas que não brincam com o Bbb?

Criança – Porque ele é cigano, porque ele cheira mal muitas vezes, aquela fogueira que foi lá...

E – Sim, a do magusto.

Criança – Cheira a cigano, eles aquecem-se nas fogueiras.

E – Já te fizeram coisas que não gostaste, o que é que te fizeram?

Criança – Chateavam-me, diziam “já não quero brincar contigo” e muitas vezes eu ficava triste, mal disposto e nunca mais queria brincar, durante dois dias ou um, não queria brincar mais com eles, ou outras vezes,

Transcrição 4

E - Se um amigo teu não quer brincar contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me triste.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Eu, eu, eu... tipo, ele feriu-me os sentimentos eu também vou ferir-lhe os sentimentos; é que às vezes eles reparam em mim e eu digo não e eles ficam tristes. Mas primeiro eu vou-me embora, finjo que estou triste, ele diz “queres brincar comigo?” e eu digo “não” mas depois vai-se embora triste como eu fiquei.

E – Ele não brinca contigo e tu fazes-lhe a mesma coisa, é isso?

Criança – É.

E – Para lhes ferires os sentimentos. O que é isso de ferir os sentimentos?

Criança – É tipo um coração ficar partido, ficarmos tristes.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes?

Criança – Eu sinto-me zangado e ralho com ele e tudo.

E – O que tu fazes é ralhar com ele, como é que tu fazes então?

Criança – Digo, eu digo-lhe “não faças isso” mas se ele disser que não para eu tiro-lhe as peças e brinco sozinho.

E – Imagina que um outro menino se vem meter contigo, como é que te sentes?

Criança – Sinto-me assustado.

E – E o que é que fazes?

Criança – Não faço nada. Fico assustado.

E – Então ficas a ver o que acontece?

Criança – Sim.

E – Imagina que estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que tu estás a fazer, como é que te sentes?

Criança – Zango-me, eu sinto-me zangado, zango-me e depois bato-lhe.

E – Bates ao menino?

Criança – Sim. Se ele me roubar as coisas bato-lhe.

E – Imagina uma situação em que estás a jogar com um amigo mas a ti já não te apetece continuar a jogar mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Eu digo “já não quero jogar mais” se ele disser que não quer que eu me vá embora eu digo “porque é que tu queres que eu não me vá embora?”, depois ele fica tonto, fica a pensar nas coisas e de repente já não estou lá.

E – Dizes isso para aproveitares a situação e ires embora?

Criança – Sim.

E – Se estiveres a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Sinto que... eu não sinto, eu digo para eles não se zangarem.

E – O que tu fazes é dizeres para eles não se zangarem?

Criança – Sim.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que tu te sentes?

Criança – Eu zango-me e tiro-lhe da mão e depois dou-lhe uma chapada.

E – Se alguém te elogia, se diz que fizeste bem uma coisa como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me contente.

E – E se alguém gozar contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me triste e depois vou atrás dele, até ele se ir embora, até já não o ver de vista.

E – Explica-me melhor.

Criança – Eu fico zangado, depois eu finjo que lhe bato.

E – Finges que lhe bates, como é que é isso?

Criança – É tipo, pum, ele fecha os olhos e depois desato a correr atrás dele, ele foge, foge tanto até eu não o ver pela minha vista e depois...

E – Já não o vês. Então achas que ele se assusta contigo ao fazer-lhe isso?

Criança – Sim.

E – Mas bates-lhe mesmo ou é só a assustar?

Criança – É só assustar.

E – O João tem um problema na perna e precisa de andar com muletas mas o Ricardo veio e tirou-lhe uma muleta, como é que achas que o João se sente?

Criança – Eu acho que o João se sente, se sente triste e que não consegue andar.

E – Se tu estivesses a ver isso o que é que tu fazias?

Criança – Andava atrás dele, tirava-lhe a muleta e depois dava-a ao João.

E – Agora já não te vou mostrar mais imagens mas vou continuar a fazer-te perguntas. Como é que te dás com os colegas da turma onde estás agora?

Criança – Dou-me bem.

E – Tu vieste de outra turma, de outra escola...

Criança – O Fff anda-me sempre a bater e os outros não querem brincar comigo.

E – Porque é que achas que o Fff te bate?

Criança – Ele bate-me porque... Um miúdo bate-me, eu bato-lhe, ele diz ao Fff e depois ele desata a correr atrás de mim e a bater-me sem eu lhe ter feito nada. E todos não querem brincar comigo, eu estava a jogar futebol e eles estavam a dizer que eu não estava a jogar mas eu estava, eles só disseram isto para eu não brincar com eles.

E – Há meninos da sala com quem brincas?

Criança – Só brinco com o Lll e com o Jjj.

E – Já algum colega da turma ou desta escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Sim.

E – Quem e o que é que te fez?

Criança – O Fff.

E – O que é que te fez?

Criança – Empurrou-me para o chão e puxou-me as calças para baixo. E as outras pessoas riam-se de mim, riram-se de mim.

E – E porque é que achas que o Fff fez isso?

Criança – Porque quer que eu fique triste.

E – Achas que ele faz isso porque quer que tu fiques triste?

Criança – Sim.

E – E o que é que tu fizeste quando ele te fez isso?

Criança – Fui-me embora e o intervalo todo nunca o vi, porque não quero voltar a ver para ele não me voltar a fazer a mesma coisa.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Sim, o Jjj.

E – E porque é que achas que ele é gozado?

Criança – Porque tira macacos do nariz, mas eu não acredito.

E – E o que é que tu fazes quando ele é gozado?

Criança – Não faço nada. Fico triste pelos meninos que dizem isso.

E – E ficas triste pelo Jjj que é teu amigo?

Criança – Sim, e não me faz diferença nenhuma, se tira ou não tira.

Transcrição 5

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que te sentes, o que é que tu fazes?

Criança – Sinto-me mal. Procuro outros amigos para brincar.

E – Procuras outros amigos para brincar.

Criança – Sim.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me... Digo-lhe para cumprir com as regras do jogo.

E – Dizes-lhe para ele cumprir as regras do jogo e se ele continuar sem as cumprir?

Criança – Eu digo à professora ou a qualquer adulto.

E – E se não houver nenhum adulto por perto, se não estiver uma professora por perto, como é que tu resolves?

Criança – Não sei.

E – Não sabes.

Criança – Não.

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Eu digo-lhe para ele parar e se ele não parar vou a uma auxiliar.

E – Tu dizes para ele parar e se ele não parar dizes a uma auxiliar. E se não houver nenhuma auxiliar por perto?

Criança – (Silêncio). Quando tocar digo à professora.

E – Como é que te sentes por se terem metido contigo?

Criança – Sinto-me completamente mal. Se eu não lhe fiz nada ele não tem nada que se vir meter comigo.

E – Estás a fazer um trabalho e um colega vem perturbar o que tu estás a fazer como é que te sentes?

Criança – Eu tento ignorar.

E – E se ele continuar a perturbar?

Criança – Saio daquele sítio e vou para outro lado.

E – Procuras outro sítio. Agora imagina uma situação em que estás a jogar com um amigo e já não te apetece continuar a jogar, embora a ele lhe apeteça continuar a, o que é que tu fazes?

Criança – (Silêncio). Eu digo que podemos jogar outro jogo, se ele não quiser posso ir brincar com outros amigos que queiram jogar o que eu quero.

E – Se estiveres a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança- Sinto-me mal e digo a eles os dois para pararem.

E – Como é que tu achas que se sentem dois colegas que estão a discutir?

Criança – Mal.

E – Achas que se sentem mal. Porquê?

Criança - Porque podem ter-se chateado um como outro e agora não conseguiam parar de discutir e queriam parar de discutir, mas um continuava a discutir e outro pode quer pedir desculpa.

E – Achas que pode acontecer um querer pedir desculpa e outro estar sempre a discutir?

Criança – Sim.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que tu te sentes?

Criança – Mal e digo para ele me devolver o brinquedo e se ele não me devolve vou ter que lho tirar!

E – Se alguém elogia uma coisa que tu fizeste como é que tu te sentes?

Criança – Bem.

E – Sentes-te bem, gostas de receber elogios. Se alguém gozar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Mal. Não gosto.

E – E o que é que tu fazes se estiverem a gozar contigo?

Criança – Procuro um adulto ou digo para ele parar.

E – (Apontando para a imagem) – O João precisa das muletas para andar e o Ricardo tirou-lhe uma delas, como é que tu achas que o João se sente?

Criança – Caso um amigo se aleije e tenha de andar de muletas não devemos tirar-lhe as muletas porque ele pode tentar andar e pode ainda aleijar-se mais.

E – Se estivesses a ver essa situação o que é que tu fazias?

Criança – Dizia ao menino que roubou a muleta para parar.

E – E explicavas-lhe alguma coisa?

Criança – Que o colega se podia aleijar.

E – Agora já não te vou mostrar imagens vou só fazer-te perguntas, como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Dou-me bem com eles.

E – Já algum colega da tua turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Sim.

E – Com quem é que aconteceu isso e o que foi que aconteceu?

Criança – Um menino do 3º B, esteve a gozar comigo e a bater-me.

E – E o que é que tu lhe fizeste?

Criança – Ele mandou-me um empurrão e eu também lhe mandei.

E – E depois o que é que aconteceu?

Criança – Depois pedimos desculpa um ao outro.

E – E algum adulto esteve presente nessa situação?

Criança – Não.

E – Então vocês chegaram à conclusão que deviam pedir desculpa um ao outro?

Criança – Sim.

E – Como é que chegaram a essa conclusão?

Criança – Porque não há necessidade de lutar.

E – Porque é que vocês lutaram?

Criança – Porque o menino começou a chamar-me nomes.

E – Então e o menino percebeu que não te devia chamar nomes?

Criança- Sim, porque eu disse-lhe que se continuasse eu iria dizer à professora dele.

E – Conheces algum colega da tua turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Não.

Transcrição 6

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que te sentes?

Criança – Mal.

E – Sentes-te mal. E o que é que tu fazes?

Criança – Olha, vou brincar com outras pessoas.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que te sentes?

Criança – Sinto-me mal.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo para ele cumprir as regras.

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me mal.

E – O que é que fazes?

Criança – Vou-me embora.

E – Se estás a fazer um trabalho e alguém te vem perturbar, como é que te sentes?

Criança – Mal.

E – E o que é que fazes?

Criança – Não sei.

E – Imagina uma situação que estás a jogar com um amigo e já não te apetece jogar mais, o que é que tu fazes?

Criança – Digo que já não quero jogar mais. Se o jogo for muito complicado arrumar e o jogo for dele eu ajudo a arrumar e vou-me embora.

E – Se vês dois colegas a discutirem como é que tu te sentes?

Criança – Não sei.

E – Já aconteceu, assistires a colegas a discutirem?

Criança – Já.

E – E o que é que fizeste?

Criança – Disse para eles pararem.

E – E como é que tu te sentiste?

Criança – Não sei.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que te sentes?

Criança – Mal.

Criança – E o que é que fazes?

Criança – Digo para ele me dar o brinquedo.

E – Se alguém elogia um trabalho que tu fizeste, como é que te sentes?

Criança – Bem.

E – Se alguém gozar contigo como é que te sentes?

Criança – Sinto-me mal.

E – E o que é que fazes?

Criança – Digo para ele parar e se ele não parar vou-me embora.

E – Já alguma vez isso aconteceu, lembraste de alguma situação?

Criança – Sim.

E – O que é que aconteceu?

Criança – Não me estou a lembrar.

E – O João tem um problema e precisa de andar de muletas mas o Ricardo veio e tirou-lhas, como é que achas que o João se sente?

Criança – Sente-se mal.

E – Se tu estivesses a ver esta situação a acontecer o que é que tu fazias?

Criança – Dizia para ele dar a muleta.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Bem.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Já.

E – O que é que te fez?

Criança - Quando nós, quando estamos a discutir e a seguir elas vão-se embora e assim, combinam fugir, mas isso também acontece com elas às vezes.

E – O que é que tu fazes nessa situação?

Criança – Olha, vou brincar com as outras pessoas.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – A Maria.

E – E porque é que tu achas que isso acontece?

Criança - Olha porque os meninos gozam com ela dela ser gorda.

E – O que é que tu fazes quando ouves os meninos gozar com ela?

Criança – Não sei muito bem.

Transcrição 7

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que te sentes?

Criança – Mal.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – (Silêncio) Ia ter com uma auxiliar.

E – Ias ter com a auxiliar e depois fazias o quê?

Criança – Ia ter com uma auxiliar e depois dizia-lhe que o menino não queria brincar comigo.

E – E depois? Achas que a auxiliar ia dizer ao menino para brincar contigo?

Criança – Sim.

E – E se não houvesse nenhuma auxiliar por perto? Nenhum adulto por perto?

Criança – Ficava sentada, à espera que tocassem.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes?

Criança – Pensava que ele estava a ser batoteiro, pensava que ele queria ganhar o jogo.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Ia dizer à professora.

E – E se não estiver lá nenhuma professora.

Criança – Dizia-lhe que ele estava a fazer mal.

E – E achas que ele entende?

Criança – Sim.

E – Olha, imagina que um menino(a) se mete contigo, o que é que tu sentes?

Criança – Sinto-me mal.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Ia-me embora.

E – É para ele não te fazer mal. É por isso que vais embora?

Criança – Sim.

E – Se estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que tu estás a fazer, como é que te sentes?

Criança – Mal porque eu gosto muito de fazer aquele trabalho.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo para ele parar.

E – E se ele não parasse?

Criança – Ia-me embora.

E – Era para ele não te perturbar mais; saís daquele sitio para ele não te perturbar.

Criança – Sim.

E – Imagina uma situação em que estás a jogar com um amigo e a ti já não te apetece continuara a jogar, mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Digo-lhe que já não me apetece jogar, que já estou cansada.

E – E deixas de jogar.

Criança – Sim.

E – Se estás a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Mal porque não deviam estar a discutir porque somos todos amigos.

E – E tu fazes alguma coisa.

Criança – Sim dizia para eles pararem de discutir, que podiam ser amigos.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que te sentes?

Criança – Mal porque o brinquedo era meu não era dele.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Ia-me embora com o meu brinquedo.

E – Então tiravas-lhe o brinquedo?

Criança – Tirava-lhe o brinquedo e ia-me embora.

E – Se alguém elogia o que tu fazes como é que te sentes?

Criança – Bem.

E – Se alguém goza contigo como é que te sentes?

Criança – Mal.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Dizia para ele parar, porque ele também não ia gostar que gozasse com ele.

E – E dizia-lhe isso?

Criança – Sim.

E – Aqui nesta imagem o João tem um problema na perna e usa muletas, o Ricardo tirou-lhe as muletas, como é que achas que o João se sente?

Criança – Mal porque ele precisa da muleta para andar.

E – Se tu estivesses a ver isso a acontecer, o que é que tu fazias?

Criança – Dizia ao Ricardo para ele parar e tirava-lhe a muleta e ia dar ao João.

E – Como é que te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Bem.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Já.

E – O que é que te fizeram?

Criança – Bateram-me.

E – Foi um colega da turma ou de outra sala?

Criança – Da sala.

E – E o que é que tu fizeste yyy?

Criança – Fui ter com a auxiliar.

E – Foste dizer ao auxiliar.

Criança – Sim.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – A Ddd.

E – A Ddd. Porque é que...

Criança – Porque há um menino do 1º ano que goza com ela.

E – E goza porquê?

Criança – Porque ela está com a mão no nariz e ele pensa que ela está a tirar macacos.

E – Estás a falar da Ddd?

Criança – Sim, ele goza com ela.

E – E o que é que tu fazes quando vês isso?

Criança – Digo para ele parar

Transcrição 8

E – Oh Lll se um amigo teu não quer brincar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me um bocado triste mas não ligo, brinco sozinho. Mas gosto mais de brincar com amigos, não gosto de brincar sozinho porque assim não posso jogar, por exemplo. Algumas coisas são dois jogadores e depois não posso fazer nada...

E – Por isso gostas mais de brincar acompanhado.

Criança – Sim.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes?

Criança – (Silêncio) Eu fico, eu fico um bocado irritado mas depois digo-lhe logo “olha se não cumpres as regras não jogas, porque este jogo tem de ter sempre regras.

E – Imagina que um menino(a) vem ter contigo e se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – (Silêncio) Sinto-me, sinto-me... Um bocado de coragem, porque eu ando no Kimbo que é uma expressão tipo Karaté, que é defesa e ataque ao mesmo tempo.

E – E então podes usar algumas das técnicas de defesa.

Criança – Sim mas eu por acaso não fazia por atacar, fazia defesa. E também dizia “olha se tu estiveres assim vou dizer a um adulto ou a uma auxiliar”.

E – Já alguma vez te aconteceu?

Criança – Já. Quando a minha mana andava no 4º ano, um miúdo do 3º ano meteu-se comigo e eu estava-me a defender logo.

E – Foi um menino aqui da escola?

Criança – Sim e magoou-me muito. Depois eu disse à minha irmã e ela depois bateu-lhe. Ela gosta de dar porrada às vezes às pessoas.

E – Ela andou aqui na escola?

Criança – Sim. Os miúdos dão-lhe porrada e ela adora dar-lhes porrada também.

E – Se tu estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que tu estás a fazer, o que é que tu fazes, como é que te sentes?

Criança – Eu sinto-me incomodado e faço, faço assim “se não saíres daqui levas um chuto na cara, porque nós no Kimbo também damos chutos na cara e eu também já aprendi”. Digo isso. E ele depois apanha.

E – Imagina uma situação em que estás a jogar com um amigo e já não te apetece continuar a jogar, mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Eu sou simpático com ele e faço a brincadeira com ele para ele não estar sozinho.

E – Olha Jjj à dois colegas que estão a discutir, como é que te sentes ao vê-los discutir?

Criança – Eu não sinto nada.

E – O que é que tu fazes?

Criança – Eu? Faço assim “vão ter que parar porque se continuarem a discutir ainda se vão magoar e a sério”.

E – Alerta-os. Imagina que alguém te tira um brinquedo que é teu, como é que te sentes e o que é que tu fazes? Primeiro como é que te sentes? Já alguém te tirou um brinquedo teu?

Criança – Um bocado triste.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Ataco-o. Deito-o ao chão.

E – Para lhe tirares o brinquedo.

Criança – E digo-lhe “se não me deres o brinquedo ainda levas mais”.

E – Imagina que alguém te elogia, como te sentes. Diz “ai que bem Jjj, sim senhora Jjj”.

Criança – Sinto-me bem e se alguém disser mal não sinto nada eu só penso assim: então tenho de me esforçar mais para conseguir.

E – Se alguém gozar contigo como é que te sentes?

Criança – Não sinto nada, só digo “olha e se fosses tu, se gozasse contigo também gostavas?”

E – Aqui nesta imagem este menino precisa de usar muletas e este outro tirou-lhe as muletas, como é que achas que se sente o menino que ficou sem as muletas?

Criança – Irritado.

E – Se tu estivesses a ver isto acontecer o que é que fazias?

Criança – Dizia-lhe “dá-lhe as muletas se não és tu que partes a perna a seguir.”

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua sala?

Criança – Não me dou muito bem. Eles estão sempre a gozar comigo e estão sempre a fazer coisas más para mim e às vezes eu até não me defendo, e até às vezes são amigos meus...

E – Tu disseste que eles gozam contigo porque é que achas que isso acontece?

Criança – Eles gozam sempre por alguma razão, por exemplo, só que ai não me magoei... por exemplo, eu por exemplo falho num jogo, eles também começam a gozar. Sempre que eu falho em alguma coisa eles começam a gozar.

E – Mas tu fazes o teu melhor.

Criança – Eu faço sempre o meu melhor. Um dia o Ttt estava a gozar comigo porque eu errei na contagem de 9 vezes 8.

E – Eles gozam contigo no recreio?

Criança – É raro.

E – Então isso acontece mais na sala?

Criança – É

E – Na sala a professora e eu também se acontece alguma situação dessas intervimos.

Criança – Pois mas o Ttt goza baixinho.

E – Conheces alguém na turma ou na escola que se gozado, que não sejas tu?

Criança – Não.

E – Achas que só gozam contigo?

Criança – Só conheço, eu acho que só conheço um, que é o meu amigo, que é o Jjj.

E – Tu dás-te bem com o Jjj.

Criança – Só que às vezes, eu às vezes quando ele não faz o que eu quero, eu às vezes magoo-o, mas depois peço-lhe logo desculpa.

Transcrição 9

E – Jjj, se um amigo teu não brincar contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Eu sinto-me triste, eu sinto-me triste e muito desanimado.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Quando estou triste vou brincar com os meus outros amigos.

E – Vais brincar com os teus outros amigos. Agora imagina que estás a jogar com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me um pouco arreliado e mal humorado.

E – Sentes-te arreliado, mal-humorado, e o que é que tu fazes?

Criança – E respondo com uma voz, um tom bruuuto...

E – Com um tom irritado, bruto.

Criança – Sim.

E – Imagina que um menino se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto, sinto medo e sinto vontade de fugir dele, como quando o Fff me estava a magoar.

E – E o que tu fazes, foges dele?

Criança – Fujo, mas outras vezes eu interrompo-o e depois começo a dar-lhe porrada e isso...

E – Respondes também dando-lhe porrada.

Criança – Sim.

E – Se estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar esse trabalho que estás a fazer, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me arreliado e tento dizer sempre para ele parar mas ele não me liga nenhuma e fica sempre a chatear-me e fica mais irritado, mais irritado...

E – Quem é que fica mais irritado?

Criança – Eu.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Eu chego a uma altura em que perco a paciência e lhe digo “olha se tu fazes isso podes até ser castigado”; ele continuando a chatear-me percebe que é mau.

E – Ele percebe que é mau, é isso?

Criança – Sim, e depois de ser castigado percebe. Mas o Fff ainda me continua a chatear, foi castigado e ainda continua.

E – Há quem depois de castigado perceba e há quem depois de castigado continue sem perceber, que é o caso do Fff.

Criança – Sim.

E – Imagina uma situação em que estás a jogar com um amigo e já não te apetece continuar a jogar, mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Eu às vezes vou para o meu quarto e brinco sozinho e digo à minha irmã ou outros amigos para brincarem com ele.

E – Dizes a um outro colega para brincar com ele.

Criança – Sim, para ele não ficar irritado, o meu amigo.

E – Para ele não ficar irritado, para não ficar sozinho, para ter com quem brincar. Olha Jjj, se estás a ver dois colegas a discutirem como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me, que quero que eles façam pouco barulho porque quero trabalhar e também quero-lhes dizer assim “parem de discutir, isso é mau”.

E – E achas que eles assim percebem?

Criança – Acho que sim.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me triste, com fúria e apetece-me tirar aquilo à força depois dele não me deixar.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Eu digo “dá cá isso” e faço assim (faz o gesto de retirar).

E – Tiras à força. Se alguém elogia uma coisa que tu fizeste como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me, sinto-me alegre e sinto que a pessoa me apoiava porque eu era bom; e apoiava-me mesmo que acontecesse alguma coisa má.

E – E se alguém gozar contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me triste, desanimado e não tenho vontade de ninguém brincar comigo e vou andando devagarinho para fora.

E – Não sentes vontade de brincar com alguém, é isso?

Criança – Sim.

E – E o que é que tu fazes no caso de gozarem contigo?

Criança- Quando o Fff gozava comigo, ou quando eu estava super irritado, por exemplo uma vez com o Vvv foi pum, pum, pum...

E – Bateste-lhe.

Criança – Sim, bati-lhe, bati-lhe, bati-lhe.

E – Nesta imagem, esta criança tira a muleta a esta outra e foge com ela, como achas que a criança a quem é retirada a muleta se sente?

Criança – Sente-se furioso e tem vontade de dizer “eh dá cá essa muleta”.

E – Se tu estivesses a ver o que está aqui a acontecer o que é que tu fazias?

Criança – Eu reagia e dizia “devolve a muleta ou então estás feito!” Depois ele ficava assustado, devolvia a muleta e eu entregava-a.

E – E se ele não devolve-se?

Criança – Se ele não devolve-se eu dizia “tu estás-te a habilitar, olha que eu vou-te tirar isso à força”.

E – Tiravas-lhe a muleta à força?

Criança – Sim.

E – Como é que te relacionas com os colegas da tua turma?

Criança – Eu relaciono-me bem, com importância, falo com os meus colegas sobre umas coisas...

E – Tu dás-te bem com eles.

Criança – Sim. Mas com outros dou-me mal.

E – Dás-te bem com alguns e dás-te mal com outros. Com quem é que te dás bem Jjj?

Criança – Dou-me bem com o Lll, com a Lia, com o Sss, só que já saiu daqui, com o Vvv, com o Ggg, com o Hhh e quase com metade da turma.

E – Com quem é que tu consideras que não te dás assim muito bem?

Criança – Com o Fff, o Ttt...

E – E porque tu achas que isso acontece?

Criança – Eles gozam comigo.

E – Eles gozam contigo.

Criança – Desde o 1º ano ao 3º ano, desde o primeiro dia que eu entrei, desde o primeiro dia de escola, eles começaram-me a gozar.

E – O que é que acontece?

Criança – Dizem que eu fazia sexi, naquela dança...

E – Quando eles estão a gozar o que é que tu fazes?

Criança – Eu fugo quando fico triste, e às vezes quando eles me irritam eu começo a dar-lhes murros, pontapés e quando eles me irritam mais até me apetece pegar neles e atirá-los para fora daqui.

E – Bate-lhes.

Criança – Bato-lhes com pouca força para as auxiliares não me castigarem.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado? Já, gozaram contigo.

Criança – Gozaram comigo e mais, magoaram-me.

E – Quando te magoaram o que é que tu fizeste?

Criança – Eu repeti o que eles fizeram, ou fugi e isso...

E – Repetiste, quer dizer que lhes batestes também.

Criança – Sim, mas com pouca força.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Eu só conheço-me a mim, que eles gozam-me mais a mim.

E – E conheces mais alguém sem ser tu?

Criança – Não.

Transcrição 10

E – Se um amigo teu não quiser brincar contigo como é que te sentes?

Criança – Mal.

E – Porque é que te sentes mal?

Criança – Porque eu quero brincar com eles e eles não querem brincar comigo e depois fogem de mim.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Vou tentar arranjar outros amigos.

E – Isso costuma acontecer?

Criança – É raro.

E – Mas já aconteceu.

Criança – Sim.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes?

Criança – Mal e vou tentar ensina-lhe a cumprir as regras.

E – Tentas explicar-lhe as regras.

Criança – Sim.

E – E se ele continuar a não cumprir, o que é que tu fazes?

Criança – Já não jogo mais.

E – Imagina que um menino ou uma menina se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Mal e magoado.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Se me aleijarem vou chamar uma auxiliar.

E – E se não houver nenhuma auxiliar, nenhum professor(a), nenhum adulto por perto?

Criança – (Silêncio) Digo para pararem.

E – Isso já aconteceu contigo?

Criança – Também é raro, mas já aconteceu.

E – Quando aconteceu, o que é que tu fizeste nessa situação?

Criança – Fui embora brincar com outros meninos para não me aleijarem.

E – Se estás a fazer um trabalho e alguém te vem perturbar como é que tu te sentes?

Criança – Vou brincar para outro sitio para que ele não me possa perturbar.

E – Imagina uma situação que estás a jogar com um amigo e a ti já não te apetece continuar a jogar mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Vou jogar outro jogo que ele queira jogar e eu também.

E – Então propões-lhe jogar um jogo diferente?

Criança – Sim.

E – E se ele quiser continuar a jogar o jogo, se ele não quiser ir jogar esse novo jogo?

Criança – Eu tento convencê-lo.

E – E se ele não quiser?

Criança – Continuo a jogar o jogo.

E – Se estás a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Mal e vou tentar acabar com a discussão.

E – E o que tu fazes então?

Criança – Digo para pararem.

E – Isso costuma acontecer? Costuma ver colegas a discutirem?

Criança – Sim.

E – E nesse caso tu vais lá e dizes para eles pararem. E eles param?

Criança – Às vezes.

E – E quando não param?

Criança – Chamo uma auxiliar.

E – E se não houver ninguém por perto?

Criança – Continuo a insistir.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que tu te sentes?

Criança – Mal e depois quero-o de volta.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo para me dar.

E – Dizes para te dar o brinquedo. E se ele não te der e continuar a insistir a ficar com o teu brinquedo?

Criança – Vou dizer alguém que ele não me dá o meu brinquedo.

E – Se não estiver nenhum adulto por perto tens que resolver tu, como é que tu fazes?

Criança – Tentava convencê-lo para me dar o brinquedo.

E – Se alguém elogia aquilo que tu fazes, se alguém diz bem daquilo que tu fazes, como é que te sentes?

Criança – Bem, digo obrigada.

E – Se alguém gozar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Muito mal.

E – E o que tu fazes?

Criança – Digo para não gozarem mais comigo, para pararem.

E – Isso á aconteceu alguma vez?

Criança – Já.

E – Como é que foi, queres contar-me?

Criança – Não me lembro muito bem.

E – O Jjj tem um problema na perna e precisa de andar de muletas, mas o Ricardo resolveu tirar-lhe uma muleta, como é que achas que o Jjj se sente?

Criança – Muito mal e pode-se aleijar e ficar pior.

E – Se estivesses a ver isto o que é que tu fazias?

Criança – Dizia ao menino para devolver a muleta.

E – Como é que te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Às Vezes bem, é quase sempre bem, quando é mal é muito raro.

E – O que é que acontece quando é mal?

Criança – Tento fazê-los parar, se não conseguir vou brincar

E – Queres dar-me um exemplo de uma situação que não tenha corrido bem?

Criança – Ou batem-me...

E – Porque é que tu achas que isso acontece?

Criança – Não sei.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Da turma não mas da minha escola sim.

E – Quem é que tu conheces da escola que seja gozado?

Criança – Um exemplo, o Sss do 4º ano.

E – E porque é que tu achas que ele é gozado?

Criança – Porque ele é alto, é cigano e depois gozam-no... é gordo...

E – Gozam com essas características dele?

Criança – Sim.

E – E o que tu fazes nessa situação?

Criança – Sempre que eu veja nessas situações tento pará-los.

Transcrição 11

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me, não sei explicar... porque... eu, a yyy a Nnn e a Zzz, no 2º ano elas não queriam brincar comigo mas depois... eu não sei explicar... mas depois elas contaram-me porque é que não queriam brincar comigo, depois ficámos amigas, mas não sei explicar.

E – E porque é que elas não queriam brincar contigo?

Criança – Já não me lembro.

E – E como é que te sentias?

Criança – Sentia-me triste, pensava que estava a perde-las, de serem minhas amigas.

E – E o que é que tu fizeste?

Criança – Fui atrás delas, elas pararam e eu perguntei porque é que elas estavam a fugir de mim.

E – E porque é que estavam a fugir de ti?

Criança – Já não me lembro.

E – O que é que elas te disseram?

Criança – Isso eu também já não me lembro.

E – E agora brincam todas juntas e são amigas?

Criança – Sim, às vezes fugimos da Ddd porque algumas vezes está-nos a chatear.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que te sentes?

Criança – Tenho de lhe explicar as regras e se ele não está a fazer bem o jogo fico um bocado desanimada.

E – E o que é que fazes?

Criança – Explico-lhe as regras e se ele não souber explico-lhe outra vez.

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo, como é que te sentes?

Criança – Eu sinto-me triste. Parece que ameaça uma pessoa, depois essa pessoa sente-se triste porque não fez nada e se a pessoa está a ameaçar a ela...

E – E o que é que tu fazes se te fizerem isso?

Criança – Vou dizer a uma auxiliar.

E – E se não houver ninguém por perto, se não houver nenhum adulto?

Criança – Resolvo eu.

E – Como é que resolves?

Criança – Pergunto porque é que ele me está a ameaçar, depois ele diz e depois podemos fazer as pazes.

E – Já te aconteceu isso alguma vez?

Criança – Não.

E – Se tu estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que tu estás a fazer como é que te sentes?

Criança – Não sei responder, isso nunca me aconteceu.

E – Imagina uma situação que estás a jogar com um amigo e que já não te apetece continuar a jogar, mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Isso é igual a um caso, o meu primo e eu, ele quer jogar a um jogo que eu não quero jogar mais, tipo “olha já não quero jogar mais este jogo, queres ir jogar outro?”. Ele diz que não “então jogamos mais duas vezes e trocamos de jogo” e ele diz que sim.

E – Chegam a um acordo.

Criança – Sim.

E – Se tu estás a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Eu, eu sinto-me esquisita porque não sei o que se está ali a passar, depois vou lá e pergunto o que se está a passar, a pessoa diz-me uma coisa e eu digo agora cala-te que é a vez daquela menino, e depois esse menino fala. Depois eu peço para fazerem as pazes. Eu agora estou sempre a dizer cala-te porque o meu pai até diz aneiras, lá por causa do trabalho, e eu digo “cala-te”, é para ver se ele não se queixa tanto.

E – Se alguém te tira um brinquedo como é que tu te sentes?

Criança – Se me tirarem eu fico triste porque aquele brinquedo é meu não é dessa pessoa.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo-lhe primeiro “dá-me o meu brinquedo”, se ele não me der vou chamar uma auxiliar.

E – Se alguém disser bem de um trabalho que tu fizeste, se disser “eh Lia parabéns pelo trabalho que fizeste!”, como é que te sentes?

Criança – Sinto-me feliz por ter superado uma coisa que eu não consigo.

E – Se alguém gozar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me triste.

E – E o que é que fazes?

Criança – Eu tento sair do pé dessa pessoa, se ela vier atrás de mim engano-a, mais nada.

E – Nesta situação aqui o Jjj usa muletas porque tem um problema na perna mas o Ricardo foi-lhe tirar uma muleta, como é que tu achas que o Jjj se sente?

Criança – Sentia-se triste porque ele não consegue andar sem a outra muleta.

E – Se tu estivesses a ver isto a acontecer o que é que tu fazias?

Criança – Dizia ao Ricardo para dar a muleta ao Jjj.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Eu dou-me bem com as meninas mas não me dou bem com os rapazes. Às vezes brinco com os rapazes por causa das cartas e outras vezes não. Eu já ando com o Jjj desde o 3 anos por isso eu tenho lutas com ele, algumas vezes. Depois fiquei muito impressionada que à uns meses que ele entrou para o basquete, que eu não estava à espera.

E – Tu já andavas no basquete.

Criança – Eu já lá andava há mais tempo.

E – Há algum colega da turma ou da escola que te tenha feito alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Já.

E – O quê?

Criança – O Qqq.

E – O que é que ele te fez?

Criança – Eu tinha uma coisa, o meu brinquedo e depois o Qqq tirou-mo, e aquilo era de lã e rompeu e eu não gostei.

E – E o que é que tu fizeste?

Criança – Disse que aquilo era novo e disse ao Qqq que eu ia dizer porque ele estragou-me uma coisa muito importante para mim.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Por acaso até agora não. Eu sei é um menino que se chama Bruno Leitão e o Mmm estava a gozá-lo.

E – Por causa de ser Leitão.

Criança – Sim.

Transcrição 12

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me mal, porque... sinto-me mal.

E – Aqui nesta imagem o que achas que está aqui a acontecer?

Criança – Este menino ou menina está triste porque não pode brincar com o seu colega porque ele não lhe deixa.

E – E como tu achas que ele se sente?

Criança – Sente-se mal.

E – Sente-se mal como tu te sentes quando não querem brincar contigo. E o que é que tu fazes quando um amigo teu não quer brincar contigo?

Criança – Invento brincadeiras.

E – Inventas brincadeiras. E brincas sozinha?

Criança – Brinco.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes? Estás a jogar o jogo e ele não está a cumprir as regras...

Criança – Sinto-me incomodada, pronto, sinto-me incomodada.

E – E o que é que tu fazes, se ele não cumpre as regras?

Criança – Digo o que tem de fazer e se ele não fizer o que eu lhe disse para fazer, que está correto, digo a alguém.

E – Tentas lhe explicar as regras e depois dizes a alguém se ele não as cumprir, a um adulto.

Criança – Ou aviso, se ele não ligar nenhuma digo a um adulto.

E – E se não houver nenhum adulto por perto para te ajudar a resolver?

Criança – (Silêncio). Oh, eu desenrasco-me (risos).

E – E como é que te desenrascas?

Criança – Digo sempre a mesma coisa até ele perceber.

E – Tentas lhe explicar várias vezes as regras até ele perceber. Mas se ele continuar a não cumprir as regras?

Criança – Vou fazer outra coisa.

E – Vais fazer então outra coisa.

Criança – Sim, com ele.

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo, é o que está a acontecer aqui na imagem, certo?

Criança – Sim (ri-se).

E – Porque é que te riste?

Criança – Porque costuma acontecer.

E – Sim, e como é que te sentes?

Criança – Com medo.

E – Sentes-te com medo. Tu estavas a rir-te, isso costuma acontecer no recreio contigo?

Criança – Antes costumava, com o Fff.

E – E agora, já não acontece?

Criança – Não.

E – Então antes costumava acontecer, então e o que é que acontecia? Como é que era?

Criança – Eu estava a brincar com o xxx e ele também brincava, eu não tinha mais ninguém para brincar, era só eles, porque a yyy, a Nnn, a Zzz e a yyy ainda não eram minhas amigas. (Silêncio). E depois tive de brincar com o xxx porque ele era meu amigo e depois o Fff metia-se comigo, começava-me a bater-me e a chamar-me nomes.

E – E tu sentias-te como Ddd?

Criança – Com medo. Se eu disse-se alguém ninguém acreditava em mim, que o Fff mentia muito e só acreditavam nele. A professora dizia “só queres meter as culpas para o Fff”, mas isso era mentira.

E – Porque é que tu achas que ele se metia contigo?

Criança – Não sei.

E – Alguma vez conversas-te com ele sobre isso?

Criança – Eu dizia por exemplo, vou dizer à diretora, e ele dizia, “não, não desculpa, desculpa”.

E – E tu o que fazias?

Criança – Não dizia.

E – Não dizias.

Criança – Se não ele batia-me mais.

E – Então e agora já não acontece isso?

Criança – Não.

E – Tu agora dás-te bem com o Fff? No recreio já não costumam andar à luta?

Criança – Não.

E – O que achas que aconteceu para se resolver isso?

Criança – Porque, é... No primeiro e no segundo ano ele bateu-me muito e depois as nossas mães souberam e disseram que se fosse mais uma vez que o Fff me batesse íamos para o colégio interno.

E – Foi por isso que achas que o Fff te deixou de bater?

Criança – Sim.

E – Tu achas que ele se sentia bem a fazer isso?

Criança – Sim.

E – Achas que ele se sentia bem?

Criança – Eu estava num canto a chorar por causa dele e ele começava-se a rir com o xxx, mas o xxx ia ao pé de mim, falava comigo e depois começava a bater no Fff.

E – E o que é que o xxx te dizia?

Criança – Dizia para não me preocupar que o Vvv, o Ttt e isso estavam ali para bater ao Fff e para ele não me bater a mim. Defendiam-me.

E – E isso acontecia? Eles defendiam-te?

Criança – Acontecia.

E – E eles batiam no Fff?

Criança – Batiam, mas depois ele desviava-se deles e vinha bater-me a mim outra vez.

E – E o que tu achavas disso, de os colegas baterem no Fff?

Criança – Achava... Como assim, não estou a perceber...

E – Tu estavas a dizer que o Ttt e mais colegas se juntavam para bater no Fff para te defender.

Criança – Sim.

E – E o que tu achavas disso?

Criança – Achava que ele merecia.

E – Achavas que ele merecia. Que eles estavam a defender-te. E o Fff, como é que reagia a isso dos colegas?

Criança – Também lhes batia a eles e a mim.

E – Se tu estás a fazer um trabalho e alguém te vem perturbar, o que é que tu fazes?

Criança – Eu não faço...

E – Estás a fazer um trabalho que gostas e alguém vem perturbar esse trabalho, o que é que tu fazes?

Criança – (Silêncio). Eu digo para ele parar e se não parar vou para um sitio onde ele não possa estar ou vou dizer alguém para ele estar e castigo...

E – Para tu poderes fazer esse trabalho.

Criança – Sim.

E – Imagina que estás a jogar com um amigo mas a ti já não te apetece continuar a jogar, mas o teu colega quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Digo-lhe que não quero, mas se ele depois disser só mais um bocadinho, digo-lhe que não quero e peço-lhe para ir brincar com outro amigo. Outras vezes não digo porque acho que vai ficar triste, tenho pena.

E – Então, umas vezes dizes que não queres jogar mais e vais brincar com outro amigo, outras vezes não dizes porque achas que ele quer continuar a jogar e tens pena e continuas a jogar.

Criança – Sim.

E – Se estás a ver dois colegas a discutirem como te sentes?

Criança – Sinto-me mal e se calhar vou chegar ao pé deles e vou dizer para pararem e para ir cada um brincar, mas sem haver confusões.

E – Então tentas dizer-lhes alguma coisa. Não achas bem eles estarem a discutir?

Criança – Não, não acho.

E – Porque que não achas bem eles estarem a discutir?

Criança – Porque pode haver graves coisas, que pode acontecer...

E – Podem acontecer coisas graves.

Criança – Sim, como bater. Mas, por exemplo, algumas pessoas podem discutir sobre assuntos de família, pronto...

E – E aí o que é que acontece quando discutem sobre assuntos de família?

Criança – Houve algumas confusões na família, discutem sobre o assunto um bocadinho e depois resolve-se tudo.

E – Eles não concordam sobre alguns assuntos mas depois resolve-se tudo. Numa situação que alguém te tira um brinquedo que é teu, como é que tu te sentes, o que é que fazes?

Criança – Sinto-me triste, outras vezes tento tirar mas não consigo, peço... vou dizer a alguém... e esse alguém, ou seja a adulta vai chamar esse menino e ele já mo dá.

E – E se não estiver um adulto por perto para te ajudar a resolver isso?

Criança – Peço aos meus colegas. Olhe, o Sss...

E – Sim, que andou cá.

Criança – No primeiro ano ele uma vez tirou-me uma bola que era minha e o Ttt, o Fff e isso tiraram-lha e devolveram-ma.

E – Foram os teus colegas que te devolveram a bola. Se alguém elogia uma coisa que tu fizeste como é que te sentes?

Criança – O que é isso?

E – Se alguém diz bem de uma coisa que tu fizeste?

Criança – Ah! Sinto-me com sorte, sinto-me bem e fico orgulhosa de mim própria.

E – É bom quando alguém nos elogia.

Criança – Sim.

E – Se alguém gozar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me mal. Fico a pensar nessa coisa. Aqui na imagem está de meias trocadas. Fico arrependida de alguma coisa que eu tenha e comecem a gozar, de trazê-la para a escola.

E – Achas que alguma coisa não está bem em ti e tu tens de mudar isso, é assim?

Criança - Sim.

E – É isso que tu sentes?

Criança – É.

E – E se vires alguém a ser gozado?

Criança – Eu cá na escola, no recreio, quando vejo alguém a gozar, a gozar com a Ddd, que é com quem costumam gozar mais, eu digo para pararem, para brincarem, e a Ddd vem brincar comigo e depois eu vou brincar com as minhas amigas e a Ddd fica a andar de baloiço.

E – Estás-me a dizer que às vezes gozam com a Ddd?

Criança – Sim.

E – O que é que dizem?

Criança – Dizem assim, vai-te embora, só tens, eu não gosto de dizer a palavra...

E – Não queres dizer.

Criança – Não.

E – Como é que tu achas que a Ddd se sente?

Criança – Mal. Eu tento alegrar a Ddd.

E – Nesta imagem aqui o Jjj tem um problema na perna e precisa de muletas para andar mas o Ricardo tirou-lhe as muletas, como é que achas que o Jjj se sente?

Criança – Sente-se com dor e sente-se preocupado porque lhe estão a tirar a muleta e não sabe como é que ade andar.

E – O que é que tu farias se visses isto acontecer?

Criança – Eu corria atrás do rapaz e tirava-lhe a muleta e devolvia ao colega que precisava.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Dou-me bem. Brinco com eles. Por vezes arrancamos papéis dos cadernos para escrevermos cartas no meio das aulas.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Sim. O Fff.

E – Já te bateu.

Criança – Sim e chamar nomes.

E – O que é que tu fizeste nessas situações?

Criança – Também tentei bater-lhe mas não consegui mas também lhe chamei nomes.

E – Como é que tu achas que ele se sentiu quando tu lhe fazias isso?

Criança – Nervoso e batia-me mais.

E – Achas que ele gostava que tu lhe fizesses isso?

Criança – Não. Eu também não gostava que ele me fizesse o que me fazia.

E – Conversaste com ele sobre isso, sobre o que estava a acontecer?

Criança – Não.

E – Ele batia-te e tu também lhe batias. Ele chamava-te nomes e tu também lhe chamavas nomes.

Criança – Sim.

E – Conheces alguém da turma ou da escola que seja gozado? Disseste à pouco a Ddd, conheces mais alguém?

Criança – Sim, o Bbb, gozam no recreio a dizer que ele é cigano. De vez em quando atiram-lhe areia. Mas isso era antes porque eu chamei-lhes a atenção e eles já não chamam mais.

E – Eram os colegas da turma?

Criança – Sim.

E – E a Ddd porque é que tu achas que ela é gozada?

Criança – Porque é uma menina com algumas dificuldades em falar

E – Se tu estivesses no lugar dela como é que te sentias?

Criança – Sentia-me triste e envergonhada.

Transcrição 13

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que te sentes?

Criança – Sinto-me mal porque, porque, as minhas amigas podem fugir de mim, podem fazer coisas que eu não gosto.

E – E o que é que tu fazes se elas não quiserem brincar contigo, se fugirem de ti?

Criança – Quando elas me magoam, magoar no joelho e isso tudo eu vou dizer a uma funcionária. Quando me magoam de fugir e isso tudo choro e vou lavar a cara à casa de banho.

E – Tu disseste agora que ias a uma funcionária, falar com ela para te ajudar, mas se não houver nenhuma funcionária por perto, nenhum adulto, nem mesmo um professor? Como é que tu fazes?

Criança – Vou lavar à casa de banho o sangue, se tiver e depois sento-me.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com uma amiga e que ela não está a cumprir as regras do jogo, como é que tu te sentes?

Criança – Mal porque é injusto porque assim ela pode ganhar sempre e eu não.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo que é batotice e já não jogo mais.

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo como é que te sentes?

Criança – Mal porque pode-me magoar, pode-me fazer mal.

E – E o que é que tu fazes no caso de vir alguém e se meter contigo?

Criança – Digo para parar e se ele continuar eu vou dizer a alguém.

E – A um adulto. E se não houver nenhum adulto por perto?

Criança – Não sei. Para, não faço nada e pronto. Digo para ele parar.

E – Se estás a fazer um trabalho e vem alguém perturbar-te o que é que tu fazes?

Criança – Digo a alguém, à minha professora porque assim estou-me a concentrar e depois posso distrair-me com alguma coisa.

E – E se for um sítio onde tu estás a fazer um trabalho e onde a professora não está e alguém te vem perturbar, o que é que tu fazes?

Criança – Digo também “pára” que eu não gosto que seja interrompida, estou a fazer o meu trabalho e não gosto de ser interrompida.

E – E se o menino(a) continuar a perturbar?

Criança – Silêncio. Não sei.

E – Imagina uma situação que estás a jogar com um amigo e que a ti já não te apetece continuar a jogar, embora o teu amigo queira continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Continuo a jogar.

E – Continuas a jogar, mesmo não querendo.

Criança – Sim.

E – Olha, se estiveres a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Triste porque eu não gosto que alguém discuta.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo para pararem de discutir ou digo a uma funcionária.

E – Se alguém te tirar um brinquedo que é teu como é que tu te sentes?

Criança – Triste porque eu não gosto que tirem coisas que são minhas e que não são das outras pessoas.

E – E o que é que tu fazes?

Criança - Digo para parar e assim se ele parar pronto, se ele não parar... (silêncio) Não sei, faço, digo a alguém.

E – E se não houver ninguém por perto, se não estiver nenhum adulto por perto?

Criança – Dou o boneco mas depois digo que tem que me devolver.

E – Dizes que lho emprestas por algum tempo mas que depois tem que te o devolver.

Criança – Sim.

E – Se alguém elogia um trabalho que tu fizeste como é que te sentes?

Criança – Sinto-me feliz.

E – Se alguém goza contigo como é que te sentes?

Criança – Triste porque, porque dizem que eu sou feia e eu não gosto que me digam isso.

E – E já te aconteceu isso?

Criança – Já.

E – E o que é que tu fizeste?

Criança – Fui dizer a uma funcionária.

E – Foste dizer a uma funcionária. E se não houvesse nenhuma funcionária por perto e te dissessem que és feia, o que é que poderias fazer?

Criança – Digo “para, digo que pare de gozar se não eu também gozo”.

E – O Jjj tem um problema e precisa de muletas para andar mas o Ricardo veio e tirou-lhe as muletas, como é que tu achas que o Jjj se sente?

Criança – Triste porque assim ele não consegue andar.

E – Se tu estivesses a ver esta situação o que é que tu fazias?

Criança – Digo para dar a muleta porque assim ele não conseguia andar.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Bem.

E – Já algum colega da tua turma ou da tua escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Já.

E – O que é que te fez?

Criança – Fugir de mim, gozarem comigo e não me lembro de mais nada.

E – E o que é que tu fizeste nessa situação que fugiram de ti ou que gozaram contigo?

Criança – Fui dizer a uma funcionária que estava no portão.

E – Conheces algum colega da tua turma ou da tua escola que seja gozado?

Criança – A Ddd, tipo a Ddd só por causa que ela tem a barriga que tem, dizem que ela é gorda.

E – E o que tu fazes quando vês que gozam com ela por ser gorda.

Criança – Peço para pararem, não tem mal ela ser assim.

Transcrição 14

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Mal, mal.

E – Sentes-te mal, e o que é que tu fazes?

Criança – Vou brincar com outras pessoas.

E – vais brincar com outros meninos. Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes?

Criança – Digo para ele pôr a peça no sitio ou se estiver a jogar à digo para ele pôr a bola no meio campo.

E – E se ele continuar a não cumprir as regras?

Criança – Chamo um professor ou uma professora.

E – Chamas um professor ou uma professora. Mas, Fff, e se não houver nenhum professor(a) por perto? Nem nenhum auxiliar?

Criança – Digo que ele não deve fazer isso.

E – Dizes que não deve fazer isso. E achas que ele vai perceber?

Criança – Acho.

E – Imagina que um menino ou uma menina se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me mal, sinto-me mal.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Vou dizer a uma pessoa, às vezes... e às vezes bato também.

E – Isso já aconteceu contigo?

Criança – Aconteceu-me ontem, atirarem-me uma pedra.

E – Aconteceu-te ontem atirarem-te uma pedra. Então o que aconteceu ontem, Fff?

Criança – Eu estava na horta a apanhar pedras porque estávamos a jogar a um jogo, íamos fazer uma coisa, íamos fazer um castelo de pedras, ele tinha uma pedra assim e atirou-me para aqui (aponta para a cintura).

E – Tu estavas a fazer esse jogo com quem?

Criança – Com o xxx, com o Ttt, com a Ddd...

E – Estavam a construir um castelo com pedras.

Criança – Sim.

E – Estavas a jogar com o xxx, com o Ttt e com a Ddd pelo menos. E quem é que te atirou com a pedra?

Criança – Não sei, foi um menino... não sei, não me lembro.

E – Foi um menino da tua turma?

Criança – Não.

E – Foi um menino de outra turma. Foi um menino do 1º, do 2º, do 3º, do 4º ano?

Criança – Acho que foi do 4º. Mas depois também lhe atirei uma pedra.

E – Tu também lhe atiras-te uma pedra. Tu achas que ele te atirou a pedra porquê?

Criança – (encolhe os ombros).

E – Não sabes porque é que ele te atirou a pedra.

Criança – Não.

E – O que é que vocês estavam a fazer quando ele te atirou a pedra?

Criança – Estávamos à procura de pedras.~

E – Então e depois o menino foi-se embora?

Criança – Não, veio atrás de mim a atirar-me pedras.

E – Quando tu lhe atiras-te a pedra. E depois o que é que tu fizeste?

Criança – Eu fui-me embora.

E – Ele veio atrás de ti a atirar-te pedras e tu foste-te embora.

Criança – Para o escorrega.

E – Foste para o escorrega. Porque é que achas que ele fez isso?

Criança – Não sei.

E – E como tu achas que ele se sentiu quando lhe atiraste a pedra?

Criança – Não sei.

E – E como é que tu te sentiste quando ele te atirou a pedra?

Criança – Chateado porque me estava a doer.

E – E o que é que os teus colegas fizeram? Os teus colegas estavam a ver?

Criança – Estavam.

E – O que é que eles fizeram?

Criança – O Ttt deu uma pedra a ele para ele me atirar.

E – Porque é que achas que o Ttt deu uma pedra ao menino para o menino te atirar?

Criança – Não sei.

E – Se tu estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar, como é que tu te sentes?

Criança – Chateado.

E – E o que é que fazes?

Criança – Digo para ele parar se não vou dizer a uma professora.

E – E se não houver nenhuma professora por perto?

Criança – Digo para ele parar.

E – E se ele não parar.

Criança – Saio do pé dele.

E – Imagina que estás a jogar com um amigo, mas a ti já não te apetece jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Chamo outra pessoa para jogar com ele se quiser.

E – Se tu estiveres a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Sinto-me triste deles estarem a discutir.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo para não discutirem e separo-os.

E – Como é que fazes para os separares?

Criança – Meto assim as mãos...

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que te sentes?

Criança – Chateado.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo para ele me dar.

E – Se alguém elogia uma coisa que tu fizeste, se alguém diz bem de alguma coisa que fizeste? O que é que tu fazes?

Criança – Fico contente.

E – Ficas contente, gostas de receber elogios. Se alguém gozar contigo, o que é que tu fazes?

Criança – Digo para ele parar e se ele não parar gozo com ele também. Olha nesta imagem, olha para isto. Esta está a gozar com esta por causa das meias mas a outra também pode gozar por causa disto (aponta para a camisola).

E – Por causa das bolinhas?

Criança – Sim.

E – Nesta imagem esta criança tira as muletas a esta outra, como é que tu achas que quem ficou sem as muletas se sente?

Criança – Sente-se mal.

E – O que é que tu farias se estivesse ao pé desses dois meninos?

Criança – Dizia-lhe para ele lhe dar a muleta.

E – Fff como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Dou-me quase com todos bem, menos com a Ddd.

E – O que é que acontece com a Ddd?

Criança – Ela está-me sempre a provocar.

E – O que é que ela diz, o que é que ela faz?

Criança – Vai dizer que eu bato num menino e eu não bato. Ainda ontem ela disse, e depois disse que não disse e depois a professora acreditou nela. E depois ela, depois ela chamou-me estúpido.

E – Estás a falar do que aconteceu ontem na aula? Que tu disseste que a Ddd disse que a professora era estúpida...

Criança – Sim. E ela...

E – E a Ddd disse que a professora era estúpida?

Criança – Disse. E depois a professora acreditou nela.

E – Disse em que altura?

Criança – Disse na aula, na hora antes de irmos para o almoço.

E – A Ddd disse que a professora era estúpida, quando estávamos na sala, antes de irmos almoçar?

Criança – Sim.

E – Na altura em que a professora a mudou de lugar?

Criança – Sim.

E – Mas ninguém ouviu dizer, só tu é que ouviste.

Criança – Ela disse que estúpida.

E – Tu ouviste isso Fff?

Criança - Ouvi.

E – Ou tu terás percebido que era estúpida e era outra coisa?

Criança – Ouvi.

E – Como é que tu te sentes, por exemplo quando a Ddd te chamou estúpido?

Criança – Normal. Também se ela não for minha amiga tenho outros amigos, olha!

E – Tu não gostas da Ddd? Porque é que tu não gostas da Ddd, Fff?

Criança – Porque não.

E – Mas porquê?

Criança – Ela quando estava ao pé do xxx, agora que estava ao pé do Ttt, agora estava a gozar comigo, de eu estar, de eu não ter ninguém à minha beira e ela ter.

E – Fff já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado? A Ddd. E mais alguém?

Criança – (Silêncio)

E – Ontem aconteceu uma situação, um menino atirou-te com uma pedra.

Criança – Sim, foi esse e mais nenhum.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – A Ddd.

E – A Ddd é gozada?

Criança – Por ela ser gorda.

E – Tu gozas com a Ddd?

Criança – (Abana com a cabeça dizendo que não).

E – Não? Mas ela é gozada, por quem?

Criança – Pelos meninos grandes.

E – Pelos meninos grandes.

Criança - Pelos meninos grandes e pelos do 1º ano.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Até o Jjj. Os meninos do 1º ano e do 2ºano gozam com o Jjj.

E – Porque é que os meninos do 1º e do 2º ano gozam com o Jjj?

Criança – Porque tira macacos rex.

E – O que é que tu fazes quando estão a gozar com a Ddd e com o Jjj?

Criança – Eu não vejo, contam-me.

E – Tu não vês, contam-te. Tu nunca viste ninguém a gozar com a Ddd?

Criança – (Não fala mas gestualmente diz que não).

E – Nem nunca viste ninguém a gozar com o Jjj?

Criança – Não, foi o Jjj que me disse e a Ddd.

E – O Jjj e a Ddd é que te disseram que gozam com eles, é isso?

Criança – Sim.

Transcrição 15

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que te sentes?

Criança – Sinto-me mal.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – (Silêncio). Tento arranjar outros amigos para ir brincar.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e que ele não está a cumprir as regras, como é que te sentes?

Criança – Sinto-me um bocado triste, porque se eu gostar muito desse jogo e se ele não estiver a fazer as regras do jogo eu posso-me sentir muito triste.

E – E o que é que fazes?

Criança – Tento, tento explicar-lhe e tento que ele cumpra as regras do jogo.

E – Tentas ver se ele percebe as regras que é para ver se ele cumpre as regras. É isso?

Criança – Sim.

E – Imagina que um menino(a) vem ter contigo e se mete contigo, como é que te sentes?

Criança – Sinto-me muito triste.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Quando ele parar de me fazer alguma coisa eu vou pedir ajuda.

E – Vais pedir ajuda a um adulto. Imagina uma situação que não há nenhum adulto por perto.

Criança – Tento dizer para ele parar e conversarmos melhor.

E – Se estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que tu estás a fazer o que é que tu fazes?

Criança – Tento, tento conversar com ele a ver se ele pode parar de perturbar o trabalho.

E – Imagina uma situação que estás a jogar com um amigo e a ti já não te apetece continuar a jogar mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Eu posso-lhe perguntar se ele quer jogar a outro jogo e também posso dizer-lhe para jogarmos outra coisa qualquer que ele também goste.

E – Escolherem um jogo que ambos gostem. Se estás a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Sinto-me muito triste por ver aqueles dois meninos a discutirem.

E – E o que é que tu fazes se vês dois colegas a discutirem?

Criança – Tento impedi-los porque quando alguém discute começa alguém a bater. Por isso quando eu vejo alguém a discutir tento parar.

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que te sentes?

Criança – Fico muito triste mas peço-lhe ajuda, peço-lhe para conversar com ele e eu pergunto-lhe porque é que ele me tirou o brinquedo. Porque é que me está a fazer estas coisas más.

E – E pedes-lhe para ele te dar o brinquedo?

Criança – Sim e depois pergunto-lhe se ele quer brincar comigo.

E – Se alguém elogia um trabalho que tu fizeste como é que te sentes?

Criança – Sinto-me muito feliz e também agradeço.

E – Se alguém gozar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Sinto-me triste.

E – E o que é que fazes?

Criança – Eu acho que faço sempre o que fiz é ir para outro lado. Procuro outro amigo com quem brincar.

E – Isso já aconteceu contigo Vvv, gozarem contigo por alguma coisa?

Criança – Já.

E – Dá-me um exemplo.

Criança – Foi com o Fff, que eu às vezes zango-me muito com o Fff e ele goza comigo mas eu tento ir para outro lado.

E – Porque é que ele goza contigo?

Criança – Não sei. Porque eu às vezes faço umas coisas que ele não quer.

E – O que é que tu fazes que ele não quer.

Criança – (Silêncio prolongado). Às vezes ele quer... não sei bem...

E – Neste caso o Jjj precisa de andar de muletas e o Ricardo veio e tirou-lhas como é que achas que o Jjj se sente?

Criança – Fica triste e um bocadinho enervado e zangado porque se o menino lhe tirou a muleta da perna que lhe dói ele pode cair para esse lado. E pode-se magoar muito.

E – Se tu estivesses a ver isso, esta situação, o que é que tu fazias?

Criança – Tentava pedir a este menino para conversar com o Jjj.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Dou-me bem.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Já.

E – O que é que aconteceu?

Criança – Tirou-me tipo uma coisa, foi com o Qqq, eu às vezes zango-me com ele, eu disse-lhe que ele me estava sempre a chatear e depois atirou-me raízes para o ouvido, ele estava a dizer que não foi ele, eu fiz-lhe só assim e ele com força mandou-me ao chão.

E – Mas tu dás-te bem com o Qqq?

Criança – Sim.

E – Às vezes acontecem algumas coisas menos boas. Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Sim, a Ddd.

E – E porque é que tu achas que isso acontece?

Criança – Há muito tempo que começou a guerra entre o Fff e a Ddd, o Fff não gostou da Ddd, mas mesmo que não goste pode ser amigo dela.

E – É só o Fff que goza a Ddd ou são outras pessoas que gozam a Ddd?

Criança – Algumas pessoas também... há uma pessoa que é um menino que se chama Sss que tem a barriga, que come muito se calhar e tem a barriga muito gorda e então o Fff às vezes chama-lhe nomes e o Fff tenta sair do pé dele para ele não incomodar o Fff. O Fff tenta sair do pé dele para ele não lhe fazer nada, para o Sss não fazer nada ao Fff.

E – O Fff chama-lhe gordo, é isso?

Criança – Às vezes chama-lhe outras coisas.

E – Coisas como gordo?

Criança – Algumas coisas são piores.

Transcrição 16

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo como é que tu te sentes?

Criança – Mal. Triste porque ele não brinca comigo.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Não fico a chorar mas fico triste.

E – E depois?

Criança – Tento arranjar alguém para brincar.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que te sentes?

Criança – Irritado.

E – Irritado, e o que é que tu fazes?

Criança – Digo “ou jogas bem ou já não jogo”.

E – Imagina que um menino se mete contigo, como é que te sentes?

Criança – Assustado.

E – E o que é que fazes?

Criança – Vou chamar alguém.

E – Vais chamar alguém para te ajudar e se não estiver nenhum auxiliar por perto, nem nenhum professor, nem adulto?

Criança – Chamo um amigo.

E – E o que é que achas que esse colega pode fazer?

Criança – Vai chamar uma auxiliar ou uma professora.

E – Mas não havia adultos por perto.

Criança – Dizia “ou paras quieto com isso ou amanhã vou dizer à professora”.

E – Agora imagina que estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que estás a fazer como é que te sentes?

Criança – Mal.

E – E o que é que tu fazes?

Criança – Digo que vou dizer à professora, à auxiliar, que estou a fazer o trabalho e ele está a chatear-me.

E – E se não houver nenhum adulto por perto?

Criança – Digo “para quieto se não eu chamo um amigo e ele depois vai dizer à professora”

E – Imagina que estás a jogar um jogo com um amigo e a ti já não te apetece continuar a mas ao teu amigo apetece continuar, o que é que tu fazes?

Criança – Digo “acabamos este jogo e depois paramos”.

E – Agora imagina que estás a ver dois colegas a discutirem como é que te sentes?

Criança – Eu sinto-me... Se não for eu... Mas depois digo “se não pararem já não sou mais amigo deles”. Digo para eles pararem

E – Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que tu te sentes?

Criança – Eu sinto-me... (Silêncio) Não sei. Nunca me tiraram

E – Mas imagina que alguém te tira.

Criança – Vou dizer a um amigo, ou a uma professora ou a uma auxiliar.

E – Mas não há nenhum adulto por perto a quem possas dizer.

Criança – Digo a um amigo para me ajudar.

E – E o que é que achas que ele pode fazer?

Criança – Vai chamar outro amigo e depois tira-lhe o brinquedo.

E – Olha se alguém diz que tu fizeste bem uma coisa como é que tu te sentes?

Criança – Bem.

E – Mas se alguém gozar contigo como é que te sentes?

Criança – Envergonhado.

E – E o que é que fazes.

Criança – Fico envergonhado, mas não sei o que é que faço.

E – O Jjj precisa de muletas para andar e um menino tirou-lhe as muletas, como é que achas que o Jjj se sente?

Criança – Assustado porque se cair outra vez pode partir mais a perna.

E – Se tu estivesses a ver esta situação, o menino a tirar as muletas ao Jjj, o que é que tu fazias?

Criança – Tirava ao menino e dava ao Jjj.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Bem.

E – Já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – Sim.

E – O que é que te fez?

Criança – Começou a gozar comigo e depois disse “és um bebezinho”.

E – E o que é que tu fizeste?

Criança – Então, não sei, não me lembro.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Gozado?

E – Sim.

Criança – Eu sei um mas não me lembro...

E – É da escola não é da tua turma?

Criança – É da escola.

E – E porque é que achas que esse menino é gozado?

Criança – Porque ele chateia as pessoas. Imagina que um brinquedo cai ao chão e é para bebés, um Bene Tem e isso, e ele começa a gozar.

E – O que é que tu fazes ?

Criança – Eu só vejo ao longe, não vejo ao perto.

Criança – O menino chateia e goza porque alguém trouxe um brinquedo para bebés e depois no dia seguinte o outro menino também goza e diz “olha as tuas calças são para menina”, a gozar.

Transcrição 17

E – Se um amigo teu não quer brincar contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Mal.

E – Sentes-te mal, porquê Bbb?

Criança – Porque eu gosto de brincar e não me deixa.

E – O que é que tu fazes, se querias brincar e não brinca contigo?

Criança – Brinco com outro.

E – Olha, vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo, mas ele não está a cumprir as regras do jogo, o que é que tu fazes se ele não está a cumprir as regras do jogo?

Criança – Não deixo jogar.

E – Se ele não está a cumprir as regras do jogo não deixas jogar.

Criança – Sim.

E – Imagina que um menino(a) se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Mal, e vou dizer à professora.

E – E se a professora não estiver?

Criança – Digo à auxiliar.

E – E se ela não estiver também.

Criança – Digo a outra professora.

E – Mas se não houver nenhum adulto por perto.

Criança – Eu bato.

E – Se estás a fazer um trabalho e vem alguém perturbar, o que é que tu fazes?

Criança – Eu mando-o embora.

E – E se ele não for embora?

Criança – Vou eu.

E – Imagina que estás a jogar um jogo com um amigo e já não te apete continuar a jogar, mas o teu amigo quer continuar a jogar, o que é que tu fazes?

Criança – Digo “já não quero jogar, joga tu sozinho”.

E – Imagina que dois amigos teus estão a discutir, como é que tu te sentes ao vê-los discutir?

Criança – (Silêncio). Vou dizer à auxiliar ou à professora.

E – E se não houver nenhuma auxiliar ou professora por perto?

Criança – Eu mando calar.

E – Dizes para eles se calarem... Se alguém te tira um brinquedo que é teu, o que é que tu fazes?

Criança – Digo à minha mãe.

E – mas a tua mãe não está cá na escola.

Criança – Ah, cá na escola. Eu digo à professora.

E – Mas a professora não está nem as auxiliares, o que é que tu fazes?

Criança – Eu tiro-lhe. Ele tira e eu também tiro a ele.

E – Se alguém diz bem do teu trabalho, como é que tu te sentes?

Criança – Muito bem.

E – Se alguém gozar contigo, como é que te sentes?

Criança – Gozar comigo?

E – Nesta imagem a menina está a gozar com a outra menina.

Criança – Gozo também.

E – Já aconteceu gozarem contigo, Bbb?

Criança – Não.

E – O Jjj precisa de andar de muletas porque tem um problema na perna, o Ricardo veio e tirou-lhe a muleta, como é que achas que o Jjj se sente?

Criança – Grita com ele.

E – Achas que grita com ele?

Criança – Não, fica a chorar.

E – Se tu visses isto, o que é que tu fazias?

Criança – Tirava a muleta a esse menino e dava a esse menino (aponta para a imagem).

E – Olha Bbb, como é que tu te dás com os colegas da tua turma?

Criança – Muito bem.

E – Gostas de estar nesta turma?

Criança – Gesticula em sinal afirmativo.

E – Já algum colega da turma ou da tua escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – O quê?

E – Já algum colega te fez alguma coisa que não tenhas gostado?

Criança – A mim?

E – Sim.

Criança – Já.

E – O que é que te fizeram?

Criança – Um menino que se chama Www estava a gozar.

E – É de que ano? É do 4º ano?

Criança – Eu acho que sim.

E – O que é que tu fazes quando gozam contigo?

Criança – Eu também gozo com ele.

E – Conheces alguém na turma que seja gozado?

Criança – Ninguém.

E – E meninos da escola?

Criança – Muitos.

E – Muitos? Bbb, meninos que sejam gozados.

Criança – Ah, só um, o Www.

E – Bbb gozar com alguém é como nesta imagem, esta menina esta a gozar com esta porque ele tem meias diferentes.

Criança – Estava a brincar, ninguém goza.

NOTA: A criança não terá entendido o que é gozar.

Transcrição 18

E – Olha Ggg se um amigo teu não quiser brincar contigo como é que tu te sentes?

Criança – (Silêncio) Triste.

E – Se um amigo teu não brinca contigo o que é que tu fazes?

Criança – Vou ter com outros.

E – Vamos pensar que estás a jogar um jogo com um amigo e ele não está a cumprir as regras, como é que tu te sentes, o que é que tu fazes?

Criança – Digo que está errado e que ele não deve fazer isso.

E – O que é que fazes?

Criança – Falo com ele.

E – Falas com ele, explicas-lhe as regras do jogo.

E – Imagina que um menino se mete contigo, como é que tu te sentes?

Criança – Irritado.

E – E o que é que fazes?

Criança – Vou chamar uma auxiliar.

E – E se não houver nenhuma auxiliar por perto, nem nenhum professor, nenhum adulto?

Criança – Uma escola sem educação!

E – Imagina que estás no recreio e que por algum motivo não está nenhum adulto.

Criança – Chamo ajuda.

E – Se estás a fazer um trabalho e alguém vem perturbar o que tu estás a fazer como é que te sentes?

Criança – Furioso.

E – Furioso. E o que é que fazes?

Criança – Digo para ele parar, como faço com o Jjj, ele estava sempre a distrair-me e eu dizia para ele parar.

E – Imagina que estás a jogar um jogo com um amigo e a ti já não te apetece continuar a jogar, ao teu amigo apetece mas a ti não, o que é que tu fazes?

Criança – Continuo o jogo até ao fim e depois digo que já não quero jogar.

E – Imagina agora que dois colegas teus estão a discutir, como é que tu te sentes?

Criança – Triste.

E – Triste. E o que é que tu fazes ao veres que estão a discutir?

Criança – muitas vezes eu faço isto (gesticula mostrando que se coloca entre os dois colegas), muitas vezes eu faço isto e separo-os.

E – Colocaste entre eles os dois e separa-los. Se alguém te tira um brinquedo que é teu como é que te sentes?

Criança – Raiva e peço para me dar.

E – Se alguém elogia uma coisa que tu fizeste bem, se alguém diz “sim senhora Ggg, muito bem” como é que te sentes?

Criança – Muito feliz.

E – Agora imagina que alguém vem gozar contigo, como é que te sentes?

Criança – Digo que não se deve gozar com as pessoas.

E – Dizes que não se deve gozar. E se ele continuar a gozar?

Criança – Chamo um auxiliar.

E – Agora imagina aqui esta situação em que o Jjj tem de usar muletas porque tem um problema na perna e o Ricardo vai e tira-lhe a muleta, como é que achas que o Jjj se sente?

Criança – Muito triste.

E – Se tu estivesses por perto a ver esta situação o que é que tu fazias?

Criança – Ia dizer ao Ricardo para ele parar e depois dava as muletas ao Jjj.

E – Como é que tu te dás com os colegas da tua turma? Como é que achas que é o teu relacionamento com os outros colegas da turma?

Criança – Bem

E – Bom. E já algum colega da turma ou da escola te fez alguma coisa que não tenhas gostado? O que é que te fizeram?

Crianças – Bateram-me.

E – E o que é que tu fizeste?

Criança – Defendi-me e defendi-me.

E – E porque é que tu achas que te bateram?

Criança – Já não me lembro o que é que tinha havido.

E – E como é que te defendeste?

Criança – Fiz isto (mostra com gestos) e protegi-me, eu naquela altura andava no karaté, karaté de defesa.

E – Conheces algum colega da turma ou da escola que seja gozado?

Criança – Não me estou a lembrar de ninguém.